



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**AMANDA MEDEIROS COSTA DE MESQUITA**

**PROPOSTA INICIAL DE UM GLOSSÁRIO ETNOTERMINOLÓGICO DA FAUNA  
EM PARESI (ARUÁK) – PORTUGUÊS**

**(Volume I)**

**BELÉM**

**2022**

**AMANDA MEDEIROS COSTA DE MESQUITA**

**PROPOSTA INICIAL DE UM GLOSSÁRIO ETNOTERMINOLÓGICO DA FAUNA  
EM PARESI (ARUÁK) - PORTUGUÊS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Brandão

**BELÉM**

2023

AMANDA MEDEIROS COSTA DE MESQUITA

**PROPOSTA INICIAL DE UM GLOSSÁRIO ETNOTERMINOLÓGICO DA FAUNA  
EM PARESI (ARUÁK) – PORTUGUÊS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para à obtenção do título de mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador: Profa. Dra. Ana Paula Barros Brandão

Data de aprovação: \_\_\_/\_\_\_/2023

Banca Examinadora:

---

Orientador: Profa. Dra. Ana Paula Barros Brandão (UFPA)

---

Avaliador Interno: Profa. Dra. Ângela Fabiola Alves Chagas (PPGL/UFPA)

---

Avaliador Externo: Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes (UNB)

Belém

2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

M578p Mesquita, Amanda Medeiros Costa de.  
PROPOSTA INICIAL DE UM GLOSSÁRIO  
ETNOTERMINOLÓGICO DA FAUNA EM PARESI (ARUÁK) –  
PORTUGUÊS / Amanda Medeiros Costa de Mesquita. — 2023.  
207 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Paula Barros Brandão  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em  
Letras, Belém, 2023.

1. Etnoterminologia. 2. Fauna. 3. Glossário. I. Título.

CDD 410

---

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	18
0.1 Sobre a dissertação .....	19
0.1.1 Contexto da pesquisa e delimitação do objeto de investigação.....	19
0.1.2 Objetivos e justificativas .....	20
0.1.3 Procedimentos metodológicos.....	21
0.1.4 Estrutura do trabalho .....	21
<b>CAPÍTULO I - APONTAMENTOS SOBRE O POVO, LÍNGUA E CULTURA PARESI</b> .....	23
Introdução.....	23
1.1 Denominação, localização e alguns apontamentos .....	23
1.2. Filiação Genética.....	25
1.3. Caracterização concisa da língua Paresi .....	32
1.3.1 Aspectos fonético-fonológicos .....	32
1.3.2 Sistema ortográfico .....	35
1.3.3 Aspectos morfossintáticos .....	38
1.3.4. Aspectos sociolinguísticos da língua Paresi.....	39
1.3.4.1 Informações Sociolinguísticas.....	39
1.4. Contexto histórico-social das Comunidades Paresi .....	40
1.4.1 Organização política, social e cultural .....	42
1.5 Estudos prévios .....	44
1.5.1 Dicionário de palavras em desuso e suas correspondentes atuais – (KEZOMAE, 2006) .....	45
1.5.2 Variação lexical em Paresi-Haliti: levantamento sociolinguístico do duplo vocabulário – (SOSINHO, 2018).....	46

<b>CAPÍTULO II - ENFOQUES TEÓRICOS: DA TERMINOLOGIA AO ADVENTO DA ETNOTERMINOLOGIA .....</b>	<b>53</b>
Introdução .....	53
2.1 Terminologia: nascimento e desenvolvimento.....	53
2.2 Abordagens teóricas .....	55
2.2.1 A Teoria Geral da Terminologia (TGT).....	55
2.2.2 A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) .....	58
2.2.3 Da Socioterminologia.....	61
2.2.4 Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST).....	65
2.2.5 Terminologia Cultural – Diki – Kidiri (2010) e Edema (2000).....	66
2.2.6 O precursor dos estudos etnoterminológicos - Lara (1999).....	68
2.2.7 A “Etnoterminologia” de Barbosa (2005; 2006; 2009).....	69
2.2.8 A Etnoterminologia de Costa (2013; 2017) e Costa e Gomes (2011).....	70
2.3 Etnoterminologia e os discursos de especialidade .....	72
2.4 Resumo do capítulo.....	73
<b>CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>74</b>
Introdução .....	74
3.1 Sobre a pesquisa qualitativa .....	75
3.2 A categoria campo – breves considerações .....	76
3.3 Perfil dos colaboradores da pesquisa .....	76
3.3.1 <i>Iyawitseko</i> (Caçador).....	80
3.3.2 <i>Zeratiyatane</i> (Cantor).....	85
3.3.3 <i>Zakainakatyare</i> (Contador de narrativas orais).....	89
3.3.4 <i>Waidyatare</i> (Pajé) .....	93
3.3.5 <i>Zoimiazawenakitsasehalo</i> (Parteira) .....	98
3.3.4 <i>Zaotyakitsatidyoye</i> (Professores).....	99

3.4 Procedimentos .....	101
3.4.1 Apresentação da temática a comunidade Haliti .....	102
3.4.2 Entrevistas .....	102
3.4.3 Registro audiovisual .....	105
3.4.4 Observações .....	105
3.5 O banco de dados (Flex) .....	107
3.6 Geração dos termos .....	110
3.6.1 Primeira Viagem de campo.....	110
3.6.2 Segunda viagem de campo.....	114
3.7 Métodos para uma obra terminológica.....	115
3.7.1 Organização e criação de um corpus.....	115
3.7.2 Inclusão dos termos em um mapa conceitual.....	116
3.7.3 Composição das fichas terminológicas .....	116
3.7.4 Redação da definição .....	118
3.8 Microestrutura .....	119
3.9 Macroestrutura .....	119
3.10 Resumo do capítulo.....	120

#### **CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS TERMOS E ETNOTERMOS RELATIVOS À FAUNA**

.....	122
Introdução .....	122
4.1 Considerações iniciais.....	122
4.1.1 Nomes .....	123
4.1.1.1 Nomes simples .....	124
4.1.1.1.1 Nomes simples não-derivados e derivados .....	126
4.1.1.1.2 Ocorrências de nomes simples derivados com o <i>CLF</i> . <i>-tse</i> .....	128
4.1.1.1.3 Ocorrências dos nomes simples derivados com o <i>CLF</i> . <i>-li</i> ~ <i>-ri</i> .....	130

4.1.1.1.4 Ocorrências dos nomes simples derivados com o <i>CLF -hi</i> .....	131
4.1.1.1.5 Ocorrências dos nomes simples derivados com o <i>CLF -natse</i> .....	132
4.1.1.1.6 Ocorrências dos nomes simples derivados com o <i>CLF -koa</i> .....	133
4.1.1.1.7 Nomes simples originados a partir de empréstimos e neologismos.....	134
4. 1.1.2 Nomes compostos .....	136
4.1.1.2.1 Compostos exocêntricos.....	140
4.1.1.2.2 Compostos endocêntricos.....	144
4.2 Etnotermos .....	148
4.3 Algumas generalizações .....	163
4.4 Resumo do capítulo.....	165

**CAPÍTULO V - PROPOSTA INICIAL DE UM GLOSSÁRIO ETNOTERMINOLÓGICO DA FAUNA EM PARESI (ARUÁK) .....**

<b>DA FAUNA EM PARESI (ARUÁK) .....</b>	<b>166</b>
Introdução .....	166
5.1 Observações iniciais acerca do glossário etnoterminológico da língua Paresi .....	166
5.2 Aspectos organizacionais do glossário.....	167
5.2.1 A macroestrutura .....	168
5.2.1.1 Sistema gráfico.....	168
5.3 A microestrutura.....	170
5.3.1 Estrutura do verbete .....	170
5.3.2 Convenções adotadas na microestrutura .....	172
5.3.3 Abreviaturas .....	172
5.4 Tratamento dos nomes simples (não derivados e derivados) exibidos no glossário	173
5.4.1 Tratamento dos nomes simples originados de empréstimos e neologismos .....	174
5.4.2 Tratamento empregado nos compostos exocêntricos e endocêntricos no glossário Paresi .....	176
5.4.3 Tratamento empregado nos <i>etnotermos</i> dispostos no glossário Paresi .....	177

5.5 Sistema de remissa .....	178
5.6 Definição .....	179
5.7 Resumo do capítulo.....	179
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>180</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>182</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>189</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>192</b>

*À minha doce avó, Elizabeth Silva da Costa (in memoriam), saudade eterna e infindável em meu coração.*

## AGRADECIMENTOS

Longe de aparentar certo exagero, mas concluir esta etapa do meu percurso acadêmico foi tão difícil quanto as 12 tarefas enfrentadas por Hércules na mitologia greco-romana. É certo que não precisei enfrentar a hidra de lerna (famosa serpente com nove cabeças sendo uma delas imortal) ou a corça cerinéia, contudo, ao longo desta jornada, houve “tarefas” que por tantas vezes julguei impossível realizá-las. Os dois anos que marcaram a construção deste estudo foram desafiadores em diferentes níveis e sentidos, contudo, como tudo na vida, é preciso coragem (o que não implica a ausência do medo, mas a decisão de que algo é mais importante do que ele), ousadia e certa dose de teimosia (que aliás, tenho de sobra) – para viver, prosseguir e ir além. E por falar em coragem, é preciso reconhecer que não cheguei até este momento sozinha e devido as minhas próprias forças (que por tantas vezes se esgotaram ao longo deste caminho), logo, reconhecer e agradecer aqueles que contribuíram de modos distintos para o crescimento desta virtude em meu interior se faz um ponto de partida extremamente relevante para estes agradecimentos.

Logo, como não poderia deixar de ser, agradeço inicialmente a Deus, autor da minha vida, fé e confiança por diariamente conceder-me forças, sabedoria e graça necessárias para alçar voos que aos meus olhos pareciam inimagináveis.

Agradeço à minha mãe, Bernadeth Medeiros, companheira, conselheira e melhor amiga, fonte eterna de força e determinação, por se manter constantemente ao meu lado, proporcionando-me cotidianamente palavras de sabedoria, bom ânimo e incentivo, mesmo em face das minhas constantes ausências devido ao ritmo frenético de estudos. Devo-lhe mais do que simplórias palavras.

Ao meu pai, Davi Costa, por nos últimos meses ser um porto seguro em meio ao caos que tenho enfrentado.

Ao meu querido irmão, Felipe Eduardo, pelas constantes palavras de incentivo e pela compreensão diante de minha ausência por conta dos estudos.

À minha doce avó, Elizabeth Medeiros (*in memoriam*), por ter contribuído infinitamente e de diferentes modos com o meu crescimento enquanto indivíduo e mulher em um mundo por vezes tão cruel. A mulher forte, corajosa, destemida e um tanto teimosa que tenho me tornando nos últimos anos é fruto de seus ensinamentos e exemplos tão valiosos. Gostaria profundamente

que estivesse aqui para partilharmos de mais um momento significativo juntas. Apesar de não estar fisicamente, permanecerá sempre viva em minha memória, mente e coração.

À minha sogra, Rubenita Mesquita, pelos incontáveis auxílios no decorrer desta jornada.

Ao grande amor da minha vida, Fabricio Mesquita, meu esposo, melhor amigo, companheiro, incentivador e tantos outros adjetivos incapazes de nominá-lo, por ser meu porto seguro em meio aos desafios enfrentados ao longo desta e de outras jornadas que temos partilhado ao longo da vida.

À minha amiga, irmã de alma e pessoa favorita neste vasto universo, Ayami Frazão, por dividir as angústias e alegrias desta vida comigo desde a infância. Sou demasiadamente grata pelas inúmeras trocas, risadas e choros partilhados até aqui.

Meus sinceros agradecimentos aos meus companheiros de jornada, Anna Dias, Cithia Ishida e Raniery Oliveira, por dividirem as dores, angústias, alegrias e incontáveis doses de café no decorrer deste percurso. Agradeço-os por tornarem esta jornada (para muitos extremamente solitária) mais leve e confortante.

Agradeço profundamente a minha eterna e querida orientadora, Profa. Dra. Ana Paula Brandão, por me ensinar a voar e alçar voos cada vez maiores desde a Iniciação Científica, despertando em mim o amor e comprometimento com a pesquisa, com os povos e línguas indígenas em sua totalidade. Sou imensamente grata pelas oportunidades a mim concedidas, pelas infinitas conversas de incentivo e encorajamento no decorrer de suas orientações, por sua dedicação e empenho em meio a inúmeras obrigações e principalmente pela sua paciência e amizade.

Ao Grupo de Estudos Paresi- Enawene Nawe - Warao (GEPEW) e aos seus componentes, em especial a Thainá Reis e Thaysa Xavier, pela amizade sincera e constante incentivo. Estendo estes agradecimentos ao meu companheiro de campo, amigo e grande auxiliador deste estudo, Edinaldo Costa, pelas infinitas trocas de conhecimento e discussões sobre distintos aspectos da língua e pelo constante auxílio sempre que o incomodo com algumas demandas.

Meus mais sinceros e profundos agradecimentos a Comunidade Paresi pela constante acolhida e amor com que me recebem (desde a graduação), em especial às Comunidades Indígenas do Rio Formoso; Cachoeirinha; 3M e Santa Vitalina, representadas aqui pelos caciques Justino Zomoizokae; Nelsinho Zoizomae e Fernando Omozokaice, os quais tornaram minha estadia nas comunidades mencionadas agradabilíssimas com suas gentilezas, alegrias e sabedoria. Estendo estes agradecimentos aos demais colaboradores deste estudo, em especial a Jurandir

Zezekiware, Joao Kirino, Benedito, Dona Beth e Dona Zilda, pelo constante auxílio prestado durante meu período em campo. Para além deles, agradeço profundamente a Adriana Negarotê, Jurandir Zezekiware e seus filhos, por se tornarem mais que colaboradores e auxiliares desta pesquisa, mas uma família para mim.

Agradeço ao Programa de Pós – Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA) por investirem e contribuírem para meu crescimento, conhecimento e formação acadêmica.

Ademais, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa que tem permitido a dedicação exclusiva a pesquisa e aos estudos.

À banca examinadora, representada aqui pela Profa. Dra. Angela Chagas e pelo Prof. Dr. Dionei Gomes, pelas valiosas contribuições realizadas durante o exame de qualificação deste estudo, o que permitiu a este tomar a proporção que alcançou. Agradeço-os profundamente por aceitarem gentilmente avaliar a versão final desta dissertação e pelas contribuições que certamente enriquecerão este trabalho.

Por fim, como forma de reconhecimento pessoal e longe de presunções, agradeço igualmente a mim por “finalizar” este ciclo e não ter desistido quando tive oportunidade. Os dois últimos anos contribuíram indubitavelmente para meu crescimento e amadurecimento de diferentes formas no âmbito acadêmico e pessoal. Certamente a Amanda de hoje é dessemelhante à menina cheia de medos, dúvidas e inseguranças de dois anos. Que venha o próximo ciclo e com ele novos desafios e coragem para seguir...sempre em frente.

*Eu acho que a dificuldade ninguém escolhe passar, entendeu? A tempestade que vai passar, ninguém sabe e aqui foi tanta tempestade que a gente aprendeu a dançar na chuva. Maior que o temporal é a fé que habita em mim, um vendaval de sonho e realização (...).*

(Temporal – Hungria).

*Sonho realizado é luxo só de quem não desistiu.*

(Ninguém falou que ia ser fácil - Thiago).

## RESUMO

A Etnoterminologia visa estudar os termos observados nos discursos de especialidade de uma comunidade tradicional. Diante disso, este estudo visa apresentar questões relativas à elaboração inicial de um glossário etnominológico bilíngue, a partir dos termos presentes no campo semântico da fauna que emergem dos discursos de especialistas denominados na sociedade Paresi como *otyahaliti* ‘sábios’, representados neste estudo a partir da figura dos *Iyawitseko* (Caçador); *Zeratiyatane* (Cantor); *Zakainakatyare* (Contador de narrativas orais); *Waidyatare* (Pajé); *Zoimiazawenakitsasehalo* (Parteira) e *Zaotyakitsatidyoye* (Professores), considerados exímios detentores dos conhecimentos tradicionais da língua e cultura Paresi (Aruák). O Paresi é uma língua indígena falada por uma comunidade de mesmo nome, pertencente à família linguística Aruák, falada por uma comunidade de aproximadamente 3.000 falantes (BRANDÃO, 2014), sendo 90% desta, falantes da língua e bilíngues em sua maioria, localizados no estado do Mato Grosso, na faixa do cerrado amazônico, a aproximadamente 500 km da capital Cuiabá. Este estudo está ancorado nos pressupostos teórico-metodológicos da Socioterminologia à luz do pensamento de Gaudin (1993) e Faulstich (2012); e da Etnoterminologia estabelecida em Costa e Gomes (2011) e Costa (2013; 2017), os quais se adequam à elaboração do glossário ora proposto. Os dados para análise foram obtidos por meio do processo de elicitación a partir da aplicação de questionários com imagens relativas à fauna, realizada em viagens de campo às comunidades em que a língua é falada e utilização do banco de dados da língua disponível no *software* computacional *Fieldworks Language Explore (Flex)*. Este estudo ajudará no processo de descrição e documentação linguística das línguas indígenas brasileiras no âmbito da Etnoterminologia, bem como contribuirá para fins de inserção de dados no banco de dados da língua em análise, como forma de registro, documentação, preservação e valorização dos saberes linguísticos e socioculturais existentes nas línguas indígenas.

.

Palavras – Chave: Etnoterminologia. Fauna. Glossário. Paresi.

## ABSTRACT

Ethnoterminology aims to study the terms observed in the specialty discourses of a traditional community. Therefore, this study aims to present questions related to the initial elaboration of a bilingual ethnoterminological glossary, based on the terms present in the semantic field of fauna that emerge from the speeches of specialists called in Paresi society as *otyahaliti* 'wise men', represented in this study from the figure of the *Iyawitseko* (Hunter); *Zeratiyatane* (Singer); *Zakainakatyare* (Oral narrative teller); *Waidyatare* (Pajé); *Zoimiazawenakitsasehalo* (Midwife) and *Zaotyakitsatidyoye* (Teachers), considered excellent holders of traditional knowledge of the Paresi language and culture (Arawak). Paresi is an indigenous language spoken by a community of the same name, belonging to the Aruák linguistic family, spoken by a community of approximately 3,000 speakers (BRANDÃO, 2014), 90% of which are speakers of the language and mostly bilingual, located in the state of Mato Grosso, in the Amazonian cerrado, approximately 500 km from the capital Cuiabá. This study is anchored in the theoretical-methodological assumptions of Socioterminology in the light of the thought of Gaudin (1993) and Faulstich (2012); and Ethnoterminology established in Costa e Gomes (2011) and Costa (2013; 2017), which are suitable for the elaboration of the proposed glossary. The data for analysis were obtained through the elicitation process from the application of questionnaires with images related to the fauna, carried out in field trips to communities where the language is spoken and using the language database available in the Fieldworks computational software Language Explore (Flex). This study will help in the process of describing and linguistic documentation of Brazilian indigenous languages within the scope of Ethnoterminology, as well as contributing to the insertion of data in the database of the language under analysis, as a way of registering, documenting, preserving and valuing linguistic knowledge. and sociocultural aspects existing in indigenous languages.

**Keywords:** Ethnoterminology. Fauna. Glossary. Paresi.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> <i>Waikyohe fetalakwa Haliti - Paresi</i> (Terra Indígena Rio Formoso)	20
<b>Figura 02:</b> Mapa com a localização do povo Paresi	24
<b>Figura 03:</b> Terras Indígenas Paresi: 1- Uirapuru, 2-Juininha, 3- Figueiras, 4-Estivadinho, 5-Pareci, 6-Utiariti, 7- Rio Formoso, 8-Ponte de Pedra, e 9-Estacao Parecis.	24
<b>Figura 04:</b> Expansão da família Aruák	26
<b>Figura 05:</b> Classificação interna de Payne (1991) para as línguas Aruák	28
<b>Figura 06:</b> Classificação interna da família Aruák proposta em Aikhenvald (1999)	30
<b>Figura 07:</b> Escola para as crianças Paresi na Terra Indígena Utiariti (MT)	41
<b>Figura 08:</b> <i>Hati</i> (Casa tradicional Paresi)	43
<b>Figura 09:</b> Dicionário com palavras em desuso e suas correspondentes atuais	45
<b>Figura 10:</b> Recorte do estudo desenvolvido em Kezomae (2006)	46
<b>Figura 11:</b> Amostra das ocorrências da variante informal ‘ <i>wamotse</i> ’ presente no banco de textos Paresi	49
<b>Figura 12:</b> Amostra das ocorrências da variante específica ‘ <i>Iyonomenare</i> ’ presente no banco de textos Paresi	49
<b>Figura 13:</b> <i>The semantic triangle</i>	66
<b>Figura 14:</b> Registro da contação de uma narrativa oral na comunidade Santa Vitalina	90
<b>Figura 15:</b> Cartaz desenvolvido para o ensino dos termos relativos a fauna	101
<b>Figura 16:</b> Entradas relativas ao campo semântico da fauna no banco de dados disponível no <i>FLEx</i>	108
<b>Figura 17:</b> Tela inicial do software computacional <i>Fieldworks Language Explorer (FLEx)</i>	109
<b>Figura 18:</b> Amostra do questionário aplicado junto aos colaboradores Paresi	112

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01:</b> Inventário fonológico do sistema vocálico proposto em Brandão (2014)	33
<b>Tabela 02:</b> Inventário fonológico do sistema vocálico proposto em Silva (2013)	33
<b>Tabela 03:</b> Inventário fonológico do sistema consonantal proposto em Brandão (2014)	34
<b>Tabela 04:</b> Inventário fonológico do sistema consonantal proposto em Silva (2010)	34
<b>Tabela 05:</b> Ortografia proposta em Silva (2009)	36
<b>Tabela 06:</b> Ortografia proposta em Brandão (2014)	37
<b>Tabela 07:</b> Amostra das variantes específica e usual	48

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01:</b> Perfil dos colaboradores	78
<b>Quadro 02:</b> <i>Idyate</i> sobre o surgimento dos animais de caça que viviam no campo	84
<b>Quadro 03:</b> Recorte do canto <i>Txinikalore</i>	87
<b>Quadro 04:</b> Recorte narrativa <i>Xinikalore</i>	91
<b>Quadro 05:</b> Recorte da narrativa das origens das características físicas do gavião	92
<b>Quadro 06:</b> <i>Idyate</i> relativa aos guardiões das flautas <i>Iyamaka</i>	97
<b>Quadro 07:</b> Informações sobre o campo semântico da fauna	104
<b>Quadro 08:</b> Modelo inicial da ficha terminológica adotada para a construção do glossário da fauna em Paresi	117
<b>Quadro 09:</b> Informações sistemáticas (obrigatórias) e não-sistemáticas (não – obrigatórias) relativas à composição do verbete	119
<b>Quadro 10:</b> Sequência de elementos apresentados na Termcat (1990) para elaboração de produtos terminológicos	120
<b>Quadro 11:</b> Subclasse dos nomes em Paresi	123
<b>Quadro 12:</b> Subdivisão dos nomes simples em Paresi	124
<b>Quadro 13:</b> Recorte dos nomes simples gerados em campo	125
<b>Quadro 14:</b> Classificadores em Paresi descritos em Brandão (2014)	128
<b>Quadro 15:</b> Ocorrências de nomes simples derivados com o <i>CLF</i> . <i>-tse</i>	130
<b>Quadro 16:</b> Ocorrências dos nomes simples derivados com o <i>CLF</i> . <i>-li ~ -ri</i>	131
<b>Quadro 17:</b> Ocorrências dos nomes simples derivados com o <i>CLF</i> . <i>-hi</i>	132
<b>Quadro 18:</b> Ocorrências com o <i>CLF</i> . <i>-natse</i>	133
<b>Quadro 19:</b> Ocorrência com o <i>CLF</i> . <i>-koa</i>	134
<b>Quadro 20:</b> Ocorrência de empréstimos em Paresi	136
<b>Quadro 21:</b> Subdivisão dos nomes compostos em Paresi	137
<b>Quadro 22:</b> Recorte das ocorrências de nomes compostos em Paresi	138
<b>Quadro 23:</b> Compostos exocêntricos em Paresi	142
<b>Quadro 24:</b> Plantas e partes do corpo em Paresi	145
<b>Quadro 25:</b> Ocorrências de compostos endocêntricos	146
<b>Quadro 26:</b> <i>Etnotermos</i> verificados no campo semântico da fauna em Paresi	149
<b>Quadro 27:</b> Ocorrências de <i>etnotermos</i> produzidos em contextos variados	153
<b>Quadro 28:</b> Ocorrências de <i>etnotermos</i> produzidos pelos caçadores	159

<b>Quadro 29:</b> Ocorrências de etnotermos verificados nas <i>fehanati</i> e <i>idyate</i>	160
<b>Quadro 30:</b> Ocorrências de etnotermos verificados nas narrativas e canções tradicionais	161
<b>Quadro 31:</b> Classificadores encontrados nos termos e etnotermos gerados em campo	162
<b>Quadro 32:</b> Ortografia Paresi	168
<b>Quadro 33:</b> Ordem dos elementos relativos aos verbetes Paresi	169
<b>Quadro 34:</b> Estrutura dos verbetes	170
<b>Quadro 35:</b> Verbetes do glossário Paresi	170
<b>Quadro 36:</b> Abreviaturas adotadas no glossário Paresi	172
<b>Quadro 37:</b> Tratamento dos nomes simples no glossário Paresi no <i>software Flex</i>	172
<b>Quadro 38:</b> Tratamento dos nomes simples derivados no glossário Paresi no <i>software Flex</i>	173
<b>Quadro 39:</b> Tratamento dos empréstimos no glossário Paresi no <i>software Flex</i>	174
<b>Quadro 40:</b> Neologismo no glossário Paresi	175
<b>Quadro 41:</b> Tratamento dos compostos exocêntricos no glossário Paresi	176
<b>Quadro 42:</b> Tratamento dos compostos endocêntricos no glossário Paresi	176
<b>Quadro 43:</b> Tratamento dos etnotermos no glossário Paresi	177
<b>Quadro 44:</b> Sistema de remissa empregado no glossário Paresi	178

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CLF**= Classificador

**LK**= *Linking morpheme*

**FUNAI**= Fundação Nacional do Índio

**IBGE**= Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**ISA**= Associação Internacional de Normalização

**IULATERM**= Léxico, terminología, discurso especializado e ingeniería lingüística

**SIL** = *Summer Institute Of Linguistics*

**TCL** = Termo de Consentimento Livre Esclarecido

**TI**= Terra Indígena

**TGT**= Teoria Geral da Terminologia

**TCT**= Teoria Comunicativa da Terminologia

**TST**= Teoria Sociocognitiva da Terminologia

## INTRODUÇÃO

A discussão proposta ao longo desta dissertação visa contribuir tanto para a documentação, quanto para a descrição e conhecimento das línguas indígenas brasileiras no âmbito da Etnoterminologia, ao apresentar a documentação dos termos de especialidade encontrados no campo semântico da fauna de uma comunidade indígena. A hipótese que norteia a discussão aqui apresentada é de que o uso destas formas dentro do campo semântico relacionado à fauna faça parte de um discurso especializado relacionado à variação diastrática, considerando-se a fala dos mais sábios (detentores dos conhecimentos tradicionais), tendo pouca correlação com a variável faixa etária e contextos de uso. Como produto final deste estudo, apresentamos uma proposta inicial de um glossário etnoterminológico bilíngue da fauna, elaborado a partir dos pressupostos estabelecidos pela Socioterminologia fundamentada por Gaudin (1993), Faulstich (1995, 2001 e 2010), e outros teóricos na área como, Krieger e Finatto (2004) e Barros (2004) e pela Etnoterminologia, pautados nos pressupostos estabelecidos em Costa e Gomes (2011) e Costa (2013; 2017), realizado em conformidade com as necessidades da comunidade local a qual este produto será destinado. As informações fornecidas ao longo desta dissertação foram obtidas a partir de viagens de campo ao Território Indígena do Rio Formoso.

Estima-se que na chegada dos portugueses ao Brasil, existira por volta de 1.200 línguas indígenas (RODRIGUES, 1986) em todo o território nacional, contudo, com o passar dos séculos, este número sofreu uma redução considerável, contabilizando no século atual, cerca de 180 línguas indígenas. Moore *et al.* (2008, p. 1) apontam que, embora 180 venha sendo repetido com frequência como sendo o total de línguas indígenas brasileiras, pelo critério de inteligibilidade mútua, a soma dificilmente ultrapassa 150. Conforme os autores, nessa época, um número considerável de línguas apresentava uma descrição ainda incipiente<sup>1</sup> ou nenhuma descrição. Nos últimos anos, os estudos linguísticos realizados com línguas indígenas têm apresentado um avanço considerável, contudo, são poucas as línguas descritas para além do nível morfofonológico, a exemplo das línguas Apurinã (Aruák)<sup>2</sup>, descrita em Padovani (2016; 2020), em que é possível verificar uma extensa descrição acerca dos aspectos sociolinguísticos

---

<sup>1</sup> Descrições incipientes comumente apresentam uma dissertação de mestrado e um número reduzido de artigos científicos (cf. Moore, 2005; 2006).

<sup>2</sup> Língua indígena pertencente à família linguística Aruák, falada por uma comunidade de mesmo nome localizada às margens de vários afluentes do rio Purus, no sudoeste do Estado do Amazonas.

da referida língua e a língua Mundurukú<sup>3</sup> (Tupi), descrita em Costa e Gomes (2011) e Costa (2013; 2017), em que verificamos uma extensa descrição acerca da Etnoterminologia empregada no sistema de cura e cuidado do povo e língua Mundurukú. Diante disso, este estudo representa um primeiro passo na tentativa de contribuir para a disseminação, conhecimento e propagação dos estudos etnoterminológicos com línguas indígenas no contexto brasileiro, haja vista que traz os aspectos socioculturais e antropológicos para o debate sobre as línguas naturais.

## 0.1 Sobre a dissertação

Nesta seção, dissertaremos brevemente sobre os aspectos relativos à elaboração deste estudo. Exporemos inicialmente o contexto da pesquisa e delimitação do nosso objeto de investigação, bem como os objetivos, justificativa, procedimentos metodológicos e organização dos capítulos adotados nesta discussão.

### 0.1.1 Contexto da pesquisa e delimitação do objeto de investigação

A pesquisa destinada à produção inicial do glossário etnoterminológico proposto por este estudo foi realizada na TI Rio Formoso, nas comunidades Rio Formoso e Cachoeirinha (ao sul do território), Santa Vitalina e 3M (ao norte do território), ambas localizadas nas proximidades da cidade de Tangará da Serra, no estado do Mato Grosso. A escolha destas comunidades justifica-se devido a diversos critérios, dentre eles, destacamos: a disponibilidade dos colaboradores em nos auxiliar no desenvolvimento desta pesquisa; a distância entre as comunidades e o curto período disponível para permanência em campo. A figura disposta a seguir ilustra a TI Rio Formoso (local onde estão situadas as comunidades em que atuamos):

---

<sup>3</sup> Língua indígena falada por um povo de mesmo nome, pertencente à família Tupi, localizados ao longo do alto, médio e baixo rio Tapajós, no estado do Pará; e no rio Madeira, no estado do Mato Grosso. (cf. Costa, 2013; 2017).

Figura 01: *Waikyohé fetalakwa Haliti - Paresi* (Terra Indígena Rio Formoso)



Fonte: Zahekore (2019)

### 0.1.2 Objetivos e justificativas

O objetivo fundamental deste estudo é documentar os etnotermos relativos ao campo semântico da fauna, presentes no discurso de especialidade utilizados por grupos específicos da comunidade Paresi, tais como: caçadores, cantores, contadores de narrativas orais, pajés, parteiras e professores, considerados exímios detentores dos conhecimentos socioculturais e cosmológicos do seu povo, e utilizá-los na elaboração inicial de um glossário etnoterminológico bilíngue composto por termos e etnotermos provenientes do campo semântico da fauna. A escolha destes especialistas se deu, entre outros critérios, devido à intrínseca relação que estes estabelecem com o campo semântico tomado como objeto de investigação deste estudo, a exemplo do emprego de partes específicas de determinado animal no sistema de cura e cuidados realizados pelo pajé e parteiras; o emprego destes termos em sala de aula realizado pelos professores Haliti e o uso extensivo destas formas na arte verbal produzida pelos cantores e contadores de narrativas orais presentes nas comunidades em que a língua é falada. Cabe ainda ressaltar que a escolha de investigação pelo domínio semântico da fauna se deu devido a relevância desta para a língua e cultura Haliti, haja vista, por exemplo, a presença profícua de

elementos deste domínio presentes nas narrativas orais e cantos tão caros ao povo e língua Paresi; o emprego de partes de determinados animais em adornos produzidos e utilizados pela comunidade em sua totalidade; a utilização destes como forma de subsistência no dia a dia e em contextos específicos da comunidade, a exemplo da realização das festas tradicionais, entre outros.

Sabemos que em todas as línguas naturais, os falantes mais jovens tendem a falar de forma dessemelhante aos falantes mais idosos e de certa forma, propendem ao afastamento da cultura e saberes tradicionais locais, estando cada vez mais inseridos na cultura não-indígena, não dando assim continuidade às práticas culturais e a valorização dos saberes originários, como por exemplo, o aprendizado acerca das narrativas orais. Diante disso, este estudo justifica-se a partir da necessidade de registro e documentação dos etnotermos utilizados amplamente por especialistas da língua e cultura Paresi, como forma de auxiliar os processos de registro, manutenção, fortalecimento e valorização dos conhecimentos originários repassados de geração em geração.

### 0.1.3 Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos adotados no decorrer desta discussão compreendem aqueles usualmente empregados em estudos relativos à documentação e descrição de línguas naturais, na Socioterminologia e na Etnoterminologia. Dada sua complexidade e extensão, optamos por abordá-lo minuciosamente em um capítulo à parte (cf. capítulo III), no qual discorreremos acerca dos principais aparatos metodológicos empregados no desenvolvimento do estudo ora proposto.

### 0.1.4 Estrutura do trabalho

Devido a sua extensão, este estudo se encontra dividido em dois volumes. O primeiro volume é composto por esta introdução seguida de cinco capítulos, considerações finais, referências bibliográficas, anexos e apêndices. A seguir, apresentamos resumidamente o conteúdo abordado ao longo de cada capítulo.

O primeiro capítulo apresenta um panorama geral acerca do povo, língua e cultura Paresi. Além disso, expõe informações relativas à classificação genética, aspectos da situação sociolinguística e informações acerca dos estudos prévios realizados sobre a língua.

O segundo capítulo exhibe os principais subsídios teóricos que fomentam a discussão proposta no decorrer deste estudo. Para tal, realiza-se uma ampla descrição acerca do nascimento e desenvolvimento da Terminologia aos prenúncios da Etnoterminologia, descrita como sub-ramo da Terminologia encarregado do exame dos discursos de especialidade de povos originários a partir de distintas perspectivas.

Por conseguinte, o terceiro capítulo destina-se a uma detalhada exposição acerca dos procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento deste estudo.

Com base em estudos anteriores relativos à língua (Brandão, 2010; 2014), o quarto capítulo apresenta uma extensa descrição acerca da classe de palavra identificada na formação dos termos e etnotermos que compõe a proposta inicial de glossário produzida por este estudo.

O quinto capítulo exhibe os principais aspectos organizacionais e composicionais do glossário etnoterminológico proposto por esta discussão em termos de sua macro e microestrutura. Ao final deste, sucedem-se as considerações finais obtidas a partir dos desdobramentos da discussão proposta no decurso desta pesquisa, bem como as referências basilares necessárias à elaboração da discussão aqui apresentada.

Por fim, o segundo volume deste estudo compreende a proposta inicial do glossário etnoterminológico da fauna, desenvolvido a partir da vasta discussão apresentada ao longo desta investigação

## CAPÍTULO I - APONTAMENTOS SOBRE O POVO, LÍNGUA E CULTURA PARESI

### Introdução

Este capítulo visa apresentar sinteticamente um panorama geral acerca dos principais aspectos relevantes à compreensão do povo, língua e cultura Paresi, além de, obviamente, expor o tema de investigação desta dissertação, que propõe a construção inicial de um glossário etnoterminológico a partir dos termos de especialidade encontrados no campo semântico da fauna, utilizados por grupos específicos dentro da comunidade Paresi, cerne desta pesquisa. Cabe destacar que as informações fornecidas ao longo desta discussão foram obtidas no decorrer de viagens de campo realizadas ao Território Indígena do Rio Formoso.

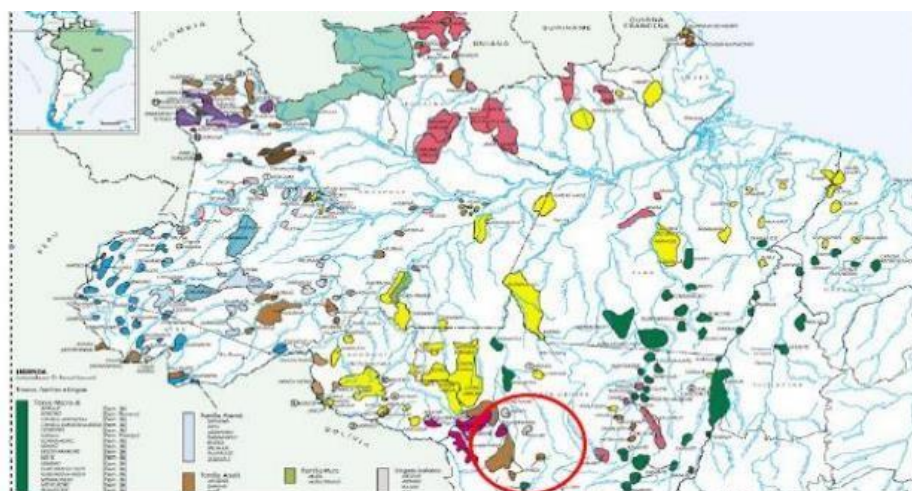
#### 1.1 Denominação, localização e alguns apontamentos

O Paresi é uma língua indígena pertencente à família linguística Aruák, falada por uma comunidade de mesmo nome localizada em nove terras indígenas: Rio Formoso<sup>4</sup>, Utiariti, Estação Parecis, Estivadinho, Pareci, Juininha, Figueira, Ponte de Pedra e Uirapuru (BRANDÃO, 2014), no estado do Mato Grosso, na faixa do cerrado amazônico, a aproximadamente 500 km da capital Cuiabá.

---

<sup>4</sup> As informações fornecidas ao longo desta dissertação foram obtidas a partir de viagens de campo ao Território Indígena do Rio Formoso.

Figura 02: Mapa com a localização do povo Paresi



Fonte: Brandão (2014).

Figura 03: Terras Indígenas Paresi: 1- Uirapuru, 2-Juininha, 3- Figueiras, 4-Estivadinho, 5- Paresi, 6-Utiariti, 7- Rio Formoso, 8-Ponte de Pedra, e 9-Estacao Paresis.



Fonte: Brandão (2014).

Segundo Brandão (2014) e Silva (2013), os Paresi autodenominam-se *Paresi – Haliti*, o qual significa ‘gente’, ‘povo’. Há na literatura diversas nomenclaturas relacionadas à designação deste povo, bem como de sua língua, como por exemplo: *Pareci, Parecis, Parici, Paresi, Paressi, Ariti e Aliti*. Contudo, atualmente é utilizada a nomenclatura *Paresi – Haliti, Haliti* ou unicamente Paresi. Diante disso, cabe frisar que ao longo desta exposição utilizaremos ora a forma Paresi, ora *Haliti* ao nos referirmos tanto à língua, quanto ao povo.

Conforme o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os Paresi somavam em 2010<sup>5</sup>, uma população de aproximadamente 2. 015 pessoas. Estudos posteriores realizados em Silva (2013) e Brandão (2014) estimam uma população de aproximadamente 3. 00 0 pessoas, sendo 90% desta composta por falantes da língua e bilíngues em sua maioria. Todavia, em última ida ao campo<sup>6</sup> foi possível verificar a partir da aplicação de questionários sociolinguísticos (cf. Apêndice I); o crescimento exponencial da população nos últimos anos, ultrapassando assim os números apresentados pelo IBGE e por pesquisas anteriores.

## 1.2. Filiação Genética

Consoante a Ramirez (2001), a família Aruák é composta por aproximadamente 400. 000 mil indivíduos que habitaram uma área equivalente à Europa e grande parte da Amazônia e Caribe. Ainda segundo o autor, a origem da dispersão desta família é cercada por mistérios, sendo esta, considerada a maior expansão dos povos oriundos da América. Conforme Ramirez (2001, p. 12)

[...] falava-se arawak<sup>7</sup> das Bahamas e da costa oriental da Flórida ao norte até o Paraguai ao sul, desde o pé dos Andes ao oeste até a foz do rio Amazonas ao leste e foram algumas dessas línguas que Colombo e os europeus ouviram ao chegarem pela primeira vez à América.

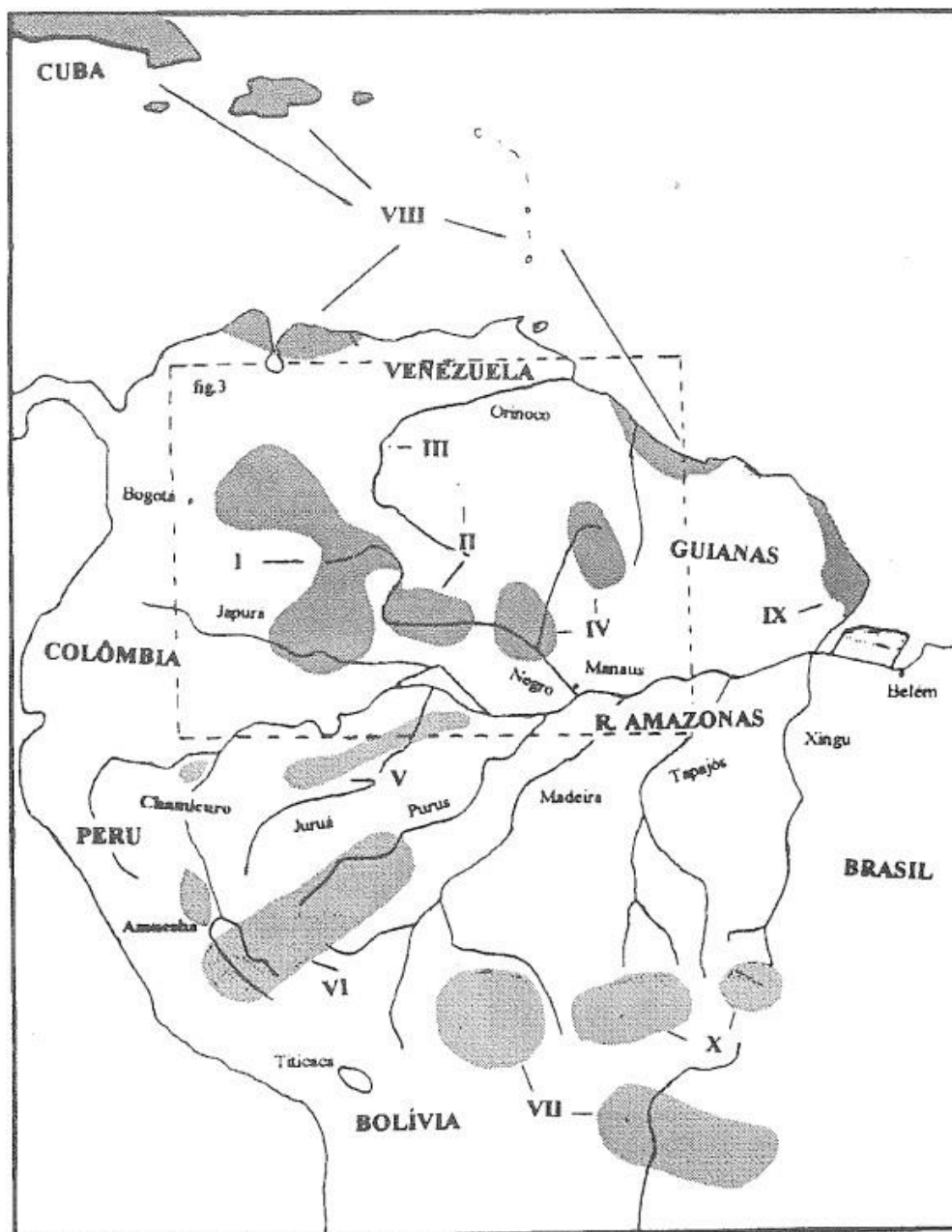
---

<sup>5</sup> Censo Demográfico 2010, com base no quesito cor ou raça. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias.html>.

<sup>6</sup> Julho - Agosto de 2022.

<sup>7</sup> A distinção entre os termos *Arawak* (inglês) e Aruák (português) se dá em relação a língua utilizada por determinado autor na descrição do seu estudo. Neste estudo, optamos por utilizar a nomenclatura Aruák (do português) ao longo de todo o texto.

Figura 04: Expansão da família Aruák



Fonte: Ramirez (2001).

A família linguística Aruák exibe o maior número de línguas da América do Sul, apresentando cerca de 40 línguas espalhadas geograficamente em países como Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Colômbia, Peru, Brasil (e anteriormente Argentina e Paraguai) (cf. AIKHENVALD, 2005). Além destes, observamos a presença de línguas

pertencentes a esta família em quatro países da América Central, a saber: Belize, Honduras, Guatemala, Nicarágua

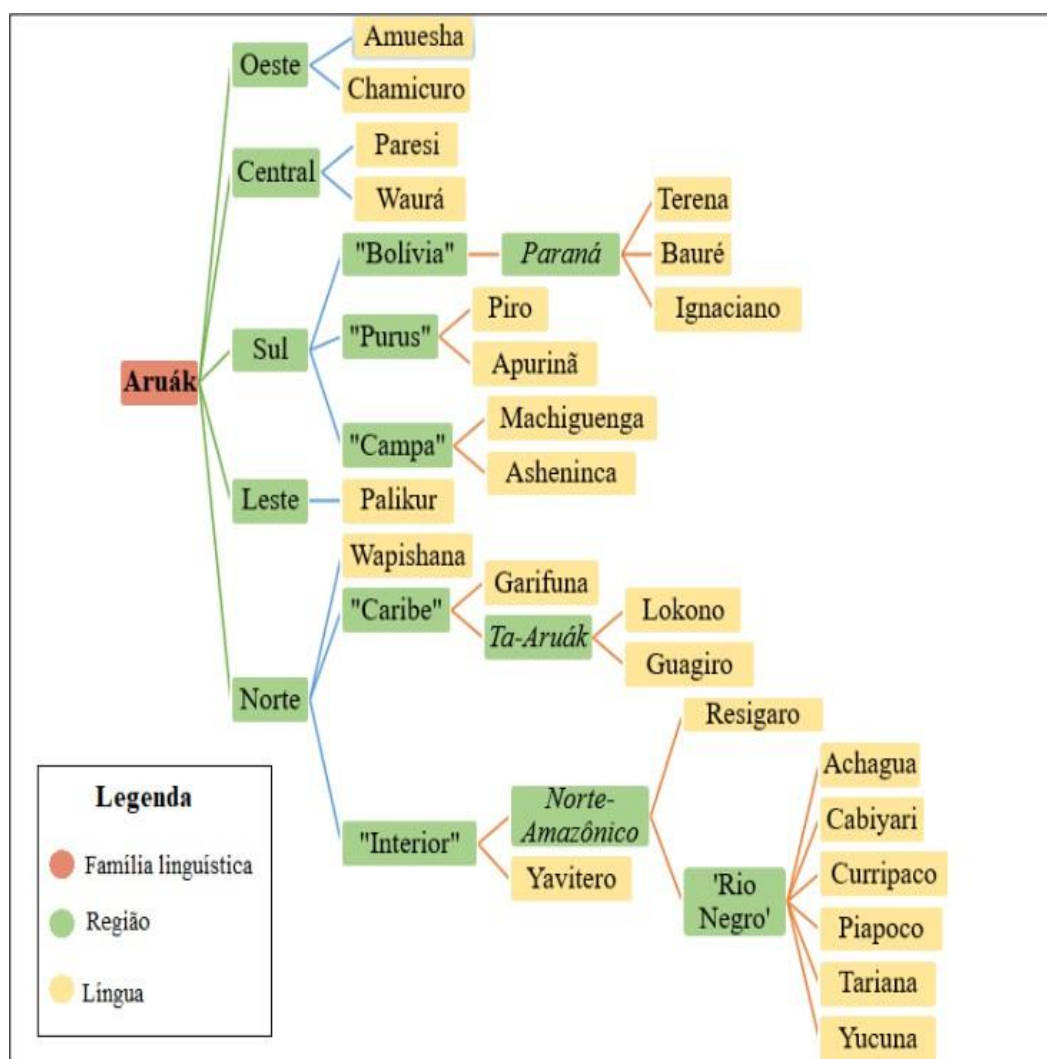
Os primeiros estudos relativos à investigação desta família foram desenvolvidos em Payne (1991); Aikhenvald (1999); Ramirez (2001); Facundes e Brandão (2011), entre outros.

Na tentativa de sistematizar as informações concernentes às línguas que compõem esta família, Payne (1991) propôs uma classificação interna do grupo outrora denominado Maipure<sup>8</sup> com base na retenção lexical. Nesta classificação, foram compilados dados oriundos de 24 línguas que representam cada ramo da árvore linguística. Entre os dados coletados, foi possível identificar a existência de 203 cognatos, os quais possibilitaram a reconstrução preliminar do Proto-Maipure (Aruák).

---

<sup>8</sup> Nome em desuso para o que hoje se conhece como Aruák.

Figura 05: Classificação interna de Payne (1991) para as línguas Aruák



Fonte: Batista (2018, p.19).

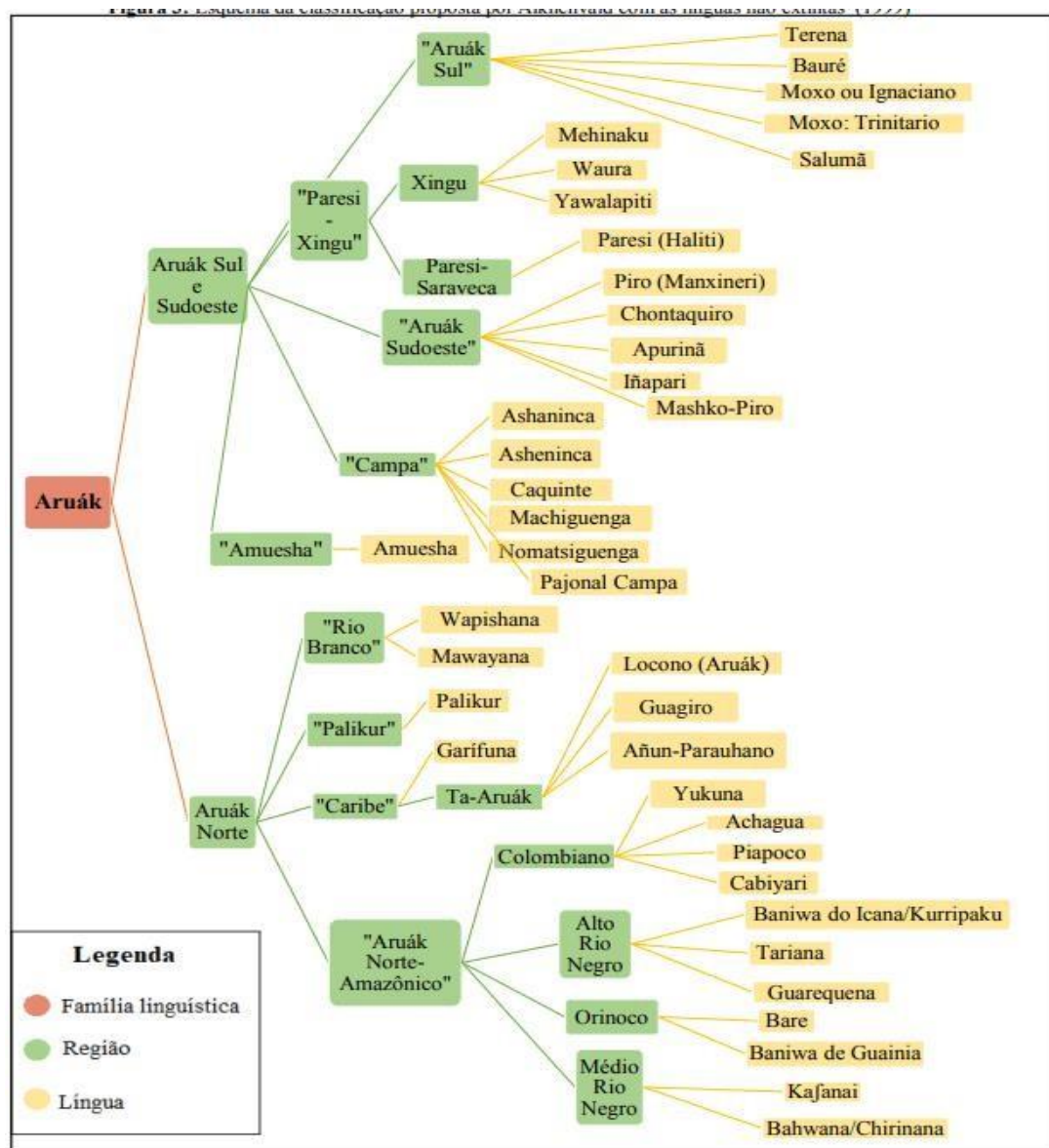
A partir da sistematização realizada em Payne (1991), é possível observar que a família Aruák apresenta dois subníveis. O primeiro subnível indica a divisão das línguas a partir de critérios geográficos relativos às regiões que as línguas ocupam: Oeste, Central, Sul, Leste e Norte, enquanto o segundo indica a divisão das línguas a partir da utilização do método histórico-comparativo.

O grupo Oeste é composto pelas línguas Amuesha e Chamicuro, enquanto o Central apresenta as línguas Paresi (língua apresentada neste estudo) e Waurá. Por sua vez, a região Sul apresenta as seguintes ramificações: “Bolívia” (composta pelo subnível Paraná, o qual apresenta as línguas Terena, Bauré e Ignaciano); “Purus” (incluindo as línguas Piro e Apurinã), e “Campa” (composta pelas línguas Machiguenga e Asheninca). Após isto, temos o grupo

Leste, composto unicamente pela língua Palikur. Por fim, observamos o grupo Norte, o qual apresenta uma maior ramificação em detrimento as demais. Neste subgrupo, encontramos a língua Wapishana e dois subníveis distintivos: Caribe (composto pela língua Garifuna e pelo subnível Ta-Aruák, com as línguas Lokono e Guagirol), e Interior (composta pelo subnível Norte-Amazônico, com a língua Resigaro) e o subnível Rio Negro (com as línguas Achagua, Cabiylari, Curripaco, Piapoco, Tariana e Yucuna). Ao final, temos a língua Yavitero.

Posterior à sistematização proposta em Payne (1991), Aikhenvald (1999) propôs uma nova classificação interna para a família linguística Aruák. Nesta, foram identificados traços fonológicos e gramaticais entre as línguas, além de suas distribuições geográficas.

Figura 06: Classificação interna da família Aruák proposta em Aikhenvald (1999)



Fonte: Batista (2018, p. 21).

Na classificação interna proposta em Aikhenvald (1999), a língua Parsi encontra-se no ramo Aruák do Sul, composto pelo sub-ramo Parsi-Xingu, mais especificamente no sub-ramo Parsi-Saraveca.

A partir desta sistematização, a autora constatou características típicas<sup>9</sup> das línguas que compõem esta família:

<sup>9</sup> Esta lista de características foi organizada e traduzida por Freitas (2017, p. 34).

1. Palavras podem ser diferenciadas pelo acento em algumas línguas Aruák, tais como Baure e Waurá, além de Tariana, Achagua e Warekena. No mínimo, duas usam tom;
2. Línguas Aruák têm poucos prefixos e numerosos sufixos, sendo que os prefixos são tipicamente monossilábicos, enquanto os sufixos podem apresentar uma ou mais sílabas.;
3. A maioria das categorias gramaticais em línguas Aruák é expressa no verbo;
4. Línguas Aruák faladas no sul da Amazônia apresentam uma estrutura verbal mais complexa do que as faladas no Norte;
5. Línguas Aruák faladas no norte da Amazônia apresentam evidenciais (formas com as quais o falante especifica como ele obteve informação);
6. Verbos dividem-se em ativos e estativos (no caso de Paresi, observamos a existência de verbos estativos descritivos);
7. Todas as línguas Aruák compartilham afixos pronominais e pronomes pessoais;
8. Muitas línguas Aruák distinguem dois gêneros: masculino e feminino. Gêneros não são distintos no plural. Conforme Brandão (2014), em Paresi, a distinção de gênero foi perdida, havendo apenas vestígios da marca de gênero nas nominalizações;
9. Algumas línguas, dentre elas o Paresi, apresentam um sistema complexo de classificadores, que caracterizam o nome em termos de sua forma, tamanho ou função.;
10. Todas as línguas Aruák distinguem singular e plural. O plural só é obrigatório para nomes com o traço [+humano]. Em Paresi, este é comumente marcado pelo sufixo *-nae*;
11. Nas línguas Aruák, os nomes se dividem em inalienáveis (que precisam ter um possuidor) e alienáveis (que não requerem um possuidor). Nomes inalienavelmente possuídos incluem partes do corpo, termos de parentesco, além de alguns outros; tais nomes apresentam uma forma ‘não possuída’, pelo acréscimo de um sufixo (por exemplo, em Paresi, temos *no-tiho* ‘meu rosto’ e *tiho-ti* ‘rosto (não possuído)’);
12. A grande maioria das línguas Aruák apresenta um prefixo negativo *ma-* e sua contraparte positiva *ka-*;
13. Muitas línguas Aruák apresentam apenas os numerais um (*pa-*, também significando ‘alguém, outro’);

14. O vocabulário compartilhado entre as línguas Aruák consiste em sua maioria de nomes, sendo que apenas alguns poucos verbos estão retidos em boa parte das línguas desse grupo;

Expostas estas propostas, é importante destacar que há outros estudos que buscam fornecer informações relativas à classificação interna da família aqui abordada, a exemplo de Ramirez (2001); Facundes e Brandão (2011), entre outros, contudo, acreditamos que para os propósitos iniciais deste trabalho, as ideias aqui apresentadas são suficientes, a fim de que tenhamos uma visão geral acerca da língua Paresi e sua inserção na família linguística aqui apresentada.

### 1.3. Caracterização concisa da língua Paresi

Esta seção visa apresentar de forma concisa informações relativas às características da língua Paresi, com base em Brandão (2014). Inicialmente, serão fornecidas informações alusivas ao inventário fonético-fonológico (cf. seção 1.3.1), bem como o sistema ortográfico (cf. seção 1.3.2). Em seguida, serão expostos os principais aspectos formais e funcionais característicos da língua alvo desta discussão (cf. seções 1.3.3 à 1.2.4.1).

#### 1.3.1 Aspectos fonético-fonológicos

Consoante a Brandão (2014) e Silva (2009; 2013), o Paresi apresenta 18 segmentos fonológicos, compostos por 14 consoantes e 4 vogais, em que a nasalidade e o prolongamento são marginalmente contrastivos. Apresentamos nas tabelas a seguir o inventário fonológico do sistema vocálico proposto em Brandão (2014) e Silva (2010) para a língua Paresi.

Tabela 01: Inventário fonológico do sistema vocálico proposto em Brandão (2014)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/ (/ĩ:/)		
Média	/e/ (/ê:/)		/o/
Baixa		/a/	

Fonte: Brandão (2014, p. 22).

Tabela 02: Inventário fonológico do sistema vocálico proposto em Silva (2013)

	Anterior	Central	Posterior
Alta	/i/		
Média	/e/		/o/
Baixa		/a/	

Fonte: Adaptado de Silva (2014, p. 64).

Conforme mencionado, o inventário consonantal apresenta 14 segmentos (com três consoantes marginais<sup>10</sup> adicionais) fonológicos. Apresentamos, na tabela a seguir, o inventário fonológico consonantal da língua Paresi descrito em Brandão (2014) (cf. Tabela 03) e o inventário fonológico consonantal proposto em Silva (2013) (cf. Tabela 04).

<sup>10</sup> Conforme Brandão (2014), consoantes marginais podem ser compreendidas na língua em estudo como consoantes que não apresentam pares mínimos, sendo assim caracterizados como alofones que se transformaram em fonemas.

Tabela 03: Inventário fonológico do sistema consonantal proposto em Brandão (2014)

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Palatal	Palatal Alveolar	Velar	Glotal
<b>Oclusiva</b>	b			t	ʈ		k	
<b>Nasal</b>	m			n				
<b>Tepe</b>				r				
<b>Lateral Aprox.</b>				l	(l)			
<b>Fricativa</b>		f	θ		(ʃ)			h
<b>Africada</b>				ts	(tʃ)			
<b>Aprox.</b>	w					j		

Fonte: Brandão (2014, p. 29).

Tabela 04: Inventário fonológico do sistema consonantal proposto em Silva (2010)

	Bilabial	Dental	Alveolar	Palato Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
<b>Oclusiva</b>	B		t d			k	
<b>Nasal</b>	M		n		ɲ		
<b>Vibrante simples</b>			r				
<b>Lateral</b>			l				
<b>Fricativa</b>	Φ	θ		ʃ			h
<b>Africada</b>			ts	tʃ			
<b>Aprox.</b>	W				j		

Fonte: Silva (2010, p. 106).

Conforme verificado a partir das propostas fonológicas apresentadas para os sistemas vocálico e consonantal elaborados em Brandão (2014) e Silva (2013), é possível observar que não há divergências significativas no nível fonológico entre as propostas de ambos, contudo, as poucas divergências ora encontradas redundam em consideráveis contrastes. Uma diferença clara apontada em Lima (2017) quanto a estas propostas é que, enquanto os sons [ɮ, ʃ, ʧ] são considerados fonemas em Brandão (2014), ambos não são considerados em Silva (2011), o que contribui para divergências entre as ortografias propostas.

### 1.3.2 Sistema ortográfico

Esta subseção visa apresentar concisamente a organização do sistema ortográfico da língua Paresi. A língua em análise dispõe de um número considerável de propostas de ortografias, tais como: Rowan (1961), Drude (1995), Silva (2009), Paresi e Januário (2011) e Brandão (2014). Consoante Lima (2017), em estudo preliminar comparativo acerca das ortografias estipuladas em Silva (2009) e Brandão (2014) para a língua, foi possível verificar inicialmente que não há divergências significativas no nível fonológico, conforme mencionado anteriormente. Contudo, as poucas diferenças encontradas entre ambos os autores são significativas, a exemplo dos sons [ɮ, ʃ, ʧ] considerados fonemas em Brandão (2014) e excluídos em Silva (2009). Diante disso, apresentamos nas tabelas abaixo as propostas de ortografia elaboradas nos estudos desenvolvidos em Silva (2009) e Brandão (2014) e sinalizamos qual proposta adotaremos no decorrer deste estudo.

Tabela 05: Ortografia proposta em Silva (2009)

Fonema	Grafema em Silva (2009)
/b/	<b>
/t/	<t>
/tʃ/	<ty>
/r/	<r>
/k/	<k>
/m/	<m>
/n/	<n>
/f/	<f>
/θ/	<z>
/h/	<h>
/w/	<w> em início de palavra e <o> em final de sílaba
/j/	<y> em início de palavra e <i> em final de sílaba
/l/	<l>
--	<l>
/ts/	<ts>
/i/	<i>
/e/	<e>
/o/	<o>
/a/	<a>

Fonte: Lima (2018, pp. 14-15).

Tabela 06: Ortografia proposta em Brandão (2014)

Fonema	Grafema em Brandão (2014)
/b/	<b>
/t/	<t>
/tʃ/	<ty>
<r>	<r>
<k>	<k>
/m/	<m>
/n/	<n>
/θ/	<z>
/f/	<f>
/ʃ/	<x>
/h/	<h>
/w/	<w> em início de palavra e <o> em final de sílaba
/j/	<y> em início de palavra e <i> em final de sílaba
/l/	<l>
/lʲ/	<ly>
/tʃ/	<tx>
/ts/	<ts>
/i/	<i>
/e/	<e>
/o/	<o>
/a/	<a>

Fonte: Adaptação de Lima (2018, pp. 14-15).

Ao estabelecer uma ortografia para uma comunidade, o linguista deve considerar os distintos dialetos utilizados pela comunidade em foco, a fim de que todos os indivíduos que a compõem possam utilizá-la sem maiores dificuldades. Conforme apontado em Lima (2017), uma das desvantagens oriundas da proposta estabelecida em Silva (2011) é que este não apresenta uma descrição efetiva quanto às variedades existentes na língua alvo deste estudo.

Diante disto, optamos por utilizar no decorrer desta dissertação, a proposta elaborada por Brandão (2014) (cf. Tabela 06), por acreditarmos que esta representa de forma mais adequada os dados aqui apresentados. À vista disso, ressaltamos que os dados dispostos no decorrer deste estudo foram descritos em consonância com tal proposta.

A partir do exposto no decorrer destas subseções, ponderamos que as breves reflexões acerca do sistema vocálico, consonantal e ortográfico da língua Paresi aqui expostas são suficientes para atender o propósito inicial deste estudo, cujo cerne não se encontra no aprofundamento de questões fonética-fonológicas da língua tomada como objeto de investigação e análise por esta pesquisa. Deste modo, passaremos então a discorrer brevemente na próxima seção acerca dos aspectos morfossintáticos característicos da língua em foco.

### 1.3.3 Aspectos morfossintáticos

O Paresi é classificado como uma língua polissintética, de núcleo marcado, a exemplo de outras línguas da família Aruák. Sua morfologia apresenta vários morfemas com fronteiras bem delimitadas (não apresentando morfemas cumulativos) e algumas variações alomórficas. Com relação às classes de palavras, observamos a distinção entre classes abertas (constituídas por nomes e verbos) e classes fechadas (constituídas por adjetivos, advérbios, pronomes pessoais, pronomes demonstrativos, advérbios, numerais, quantificadores, posposições, interjeições e ideofones).

Verbos, substantivos e posposições flexionam para pessoa. A marcação no verbo é realizada comumente por meio de proclíticos e é determinada por traços semânticos como o controle. Enquanto os verbos agentivos recebem um conjunto de proclíticos pessoais de determinado grupo, verbos não agentivos recebem outro (cf. Brandão, 2009). Os verbos podem ser classificados em intransitivos, transitivos e bitransitivos. Há três mecanismos de diminuição de valência e três de aumento de valência. Entre as categorias verbais podemos encontrar: tempo, aspecto e modalidade. Uma parte significativa da morfologia verbal é composta de sufixos, havendo alguns prefixos. Devido sua complexidade e extensão, esta categoria será investigada e discutida em trabalhos futuros sobre a língua em estudo.

As categorias nominais<sup>11</sup> presentes em Paresi são: número (singular e plural), classificadores e tempo nominal. Segundo Brandão (2014), a distinção de gênero foi perdida, havendo apenas vestígios da marca de gênero nas nominalizações. O Paresi distingue morfológicamente o número em singular e plural por meio da utilização do sufixo *-nae* em substantivos.

A sintaxe das orações simples e complexas são os aspectos menos estudados em trabalhos anteriores. A ordem dos constituintes é relativamente flexível, sendo a ordem padrão SOV. Orações complexas incluem três tipos de estratégias de subordinação. Entre os aspectos interessantes da gramática descrita em Brandão (2014) estão: o sistema de classificação nominal, a incorporação de posposições e nominalização com o sufixo *-re* e seu alomorfe *-ze*.

#### 1.3.4. Aspectos sociolinguísticos da língua Paresi

Esta subseção visa apresentar brevemente informações relativas aos aspectos sociolinguísticos da língua Paresi e o contexto sociocultural das comunidades em que a língua é falada a partir dos pressupostos levantados em Brandão (2014) e de observações realizadas por mim recentemente durante viagens de campo<sup>12</sup> às comunidades Paresi (cf. capítulo 3, seções 3.6.1 e 3.6.2).

##### 1.3.4.1 Informações Sociolinguísticas

Com base em estudos anteriores (cf. Brandão, 2014) e observações realizadas a partir de nossa ida recente ao campo, foi possível observar as diferentes realidades relacionadas ao contexto de uso da língua Paresi.

Conforme exposto no início deste capítulo, o Paresi é falado por uma população de aproximadamente 3.000 indivíduos no estado do Mato Grosso, em que 90% desta população é bilíngue com diferentes graus de fluência em sua língua materna e em Português, sendo a língua materna, a língua principal e a mais utilizada em diferentes contextos sociocomunicativos em um número considerável de comunidades. Estas comunidades apresentam graus diferentes de bilinguismo, a exemplo das Comunidade *Wazare*, localizada na Terra Indígena Utiariti (porção

---

<sup>11</sup> Mais detalhes sobre a classe de nomes na língua serão exibidos no quarto capítulo deste estudo.

<sup>12</sup> Estas serão abordadas minuciosamente no terceiro capítulo deste estudo, nas seções 3.6.1 e 3.6.2.

norte do território Paresi), localizada nos municípios de Campo Novo dos Parecis e Sapezal (MT), em que é possível observar o uso quase exclusivo da língua Portuguesa em diferentes contextos comunicativos por uma parcela significativa da comunidade e o uso da língua materna em alguns contextos, em virtude do processo de revitalização que vem sendo realizado atualmente nesta comunidade, e da Comunidade Rio Formoso, localizada na Terra Indígena Rio Formoso (ao sul do território Paresi), a qual apresenta um cenário oposto, em que constatamos fortemente um alto grau de bilinguismo e fluência em língua materna e português, sendo a língua materna, a principal e mais utilizada por todos os membros da comunidade, desde a mais tenra idade e em diferentes contextos comunicativos.

Consoante a cosmologia Paresi, o povo está subdividido em cinco subgrupos étnicos, que ocupavam territórios distintos: *Kaxíniti*, *Wáimare*, *Kozárene*, *Warére* e *Káwali*. Em viagem de campo realizada à alguns anos, Lima-Sosinho (2018) verificou que a organização social dos Paresi sofreu algumas alterações no decorrer dos anos. Um exemplo disso é o casamento entre membros de subgrupos diferentes (prática considerada imprópria). Contudo, atualmente a miscigenação é tão comum em algumas comunidades, a ponto de não ser mais possível identificar um indivíduo como pertencente a um determinado subgrupo étnico. Nesse novo contexto, as marcas linguísticas de cada subgrupo já não são tão aparentes. Esse aspecto parece estar relacionado com a variação geográfica, pois, em algumas comunidades predominam alguns subgrupos que ainda existem, fazendo com que um determinado dialeto sobressaia na comunidade. No Rio Formoso (uma das comunidades em que atuamos), predominam os subgrupos *Waimare* e *Kaxiniti*, já na aldeia Rio Verde, predominam os descendentes dos subgrupos *Kozarene-Enomaniere*.

#### 1.4. Contexto histórico-social das Comunidades Paresi

Desde o final do século XVIII, há referências sobre o povo Paresi em documentos dos colonizadores portugueses. Este período foi marcado por intenso contato com não-indígenas, o que desencadeou mudanças significativas na sociedade Paresi.

A primeira menção ao povo Paresi foi realizada por Pires Campos, um explorador que esteve no Chapadão Parecis, em 1718, em busca da captura de indígenas. Presume-se que este conheceu um número significativo de indígenas dos subgrupos *Kaxiniti* e *Waimare*, na zona Norte daquela região. Desde 1731 até o final do século XIX, os Paresi foram escravizados e forçados a trabalharem nas minas do Mato Grosso. Em 1884 (época da explosão da borracha),

o povo Paresi foi duramente explorado pelos seringueiros e forçados a atuarem como guias de coletores de seringa, por conta da alta concentração deste arbóreo nas margens dos rios dos seus territórios. Um número significativo dos documentos deste período é oriundo dos *Relatórios da Comissão Rondon* de 1907. No início do séc. XX, uma comissão liderada por Cândido Mariano da Silva Rondon contatou os Paresi a fim de que desempenhassem funções nas linhas telegráficas. Posterior a isto, outros contatos foram realizados por missionários e organizações governamentais, a exemplo do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

No período de 1946 a 1973, missionários oriundos da congregação Anchieta exerceram domínio sobre a terra indígena Utiariti. Estes construíram internatos em que as crianças eram terminantemente proibidas de falarem suas línguas. A partir de 1960, um casal de missionários do *Summer Institute of Linguistics* (SIL) começou a residir junto aos Paresi. Nesta época, conforme Rowan e Burgess (1969), a população era composta por aproximadamente 450 indivíduos.

Figura 07: Escola para as crianças Paresi na Terra Indígena Utiariti (MT)



Fonte: ISA (2018).

Quanto a sua organização, os Paresi foram subdivididos em três subgrupos: *Kashiniti* (*Kaxiniti*), *Waimare* e *Korazini* (*Kozarene*) (cf. METRAUX, 1948). Conforme os anciãos, havia mais três subgrupos: *Enomaniere*, *Warere* e *Kawali*, os quais habitavam territórios separados. Devido ao crescente contato com a sociedade não-indígena, após 1930, foram perdidas quaisquer distinções territoriais.

Costa (1985) afirma que os subgrupos Paresi se auto classificavam de acordo com sua cultura e tradição. Conforme o autor, o subgrupo *Kozarane* preserva as práticas tradicionais de confecção da chicha (cerveja fermentada tradicional); beiju (espécie de pão achatado feito a partir da mandioca); utilização do cocar e vestimentas tradicionais. Por sua vez, o subgrupo *Waimare* não mantém os costumes tradicionais característicos do seu povo, sendo assim, considerados como não-índios pelos demais integrantes das comunidades Paresi.

#### 1.4.1 Organização política, social e cultural

A organização social, política, espacial e cultural do povo Paresi está atrelada à sua cosmogonia, em outras palavras, à sua compreensão relativa à origem e funcionamento do mundo em que estão inseridos.

Em sua origem, os subgrupos do povo Paresi são formados por descendentes de *Wazare* e seus irmãos, os quais apresentam estreita ligação com territórios encontrados em torno das cabeceiras de vários rios na Chapada dos Parecis. Ao longo da história de contato com não-indígenas, este território foi desapropriado por um número considerável de expansões, e atualmente é composto por nove terras indígenas demarcadas, que compõem o atual território Haliti, abrigando uma população de 3.000 habitantes, distribuídos em 64 aldeias. São elas: TI Paresi (Tangará da Serra), TI Utiariti (Campo Novo do Parecis e Sapezal), TI Rio Formoso (Tangará da Serra), TI Juininha (Conquista do Oeste), TI Estivadinho (Tangará da Serra), TI Figueiras (Tangará da Serra e Barra do Bugres), TI Uirapuru (Campos de Julio e Nova Lacerda), TI Ponte de pedra (Campo Novo do Parecis) e TI Estação Parecis (Diamantino e Nova Marilândia). Há nas comunidades a existência de casas tradicionais (*hati*) e não-tradicionais, em que coabitam grupos compostos por até três gerações. Além disso, é comum a formação de pequenas comunidades, compostas por apenas uma ou duas pessoas oriundas de um núcleo familiar maior, que se separaram por questões políticas e/ou familiares que passaram a viver de forma autônoma.

Figura 08: *Hati* (Casa tradicional Paresi)



Fonte: Zahekore (2019, p. 52).

Conforme Zahekore (2019), um aspecto diferenciador da organização sociopolítica do povo Paresi é a autonomia observada em seus diversos níveis organizacionais, em que as famílias possuem ampla liberdade para exercerem suas atividades na comunidade, porém, dependem do consentimento de outros indivíduos para executarem tarefas que possam interferir em questões relacionadas aos demais membros da comunidade.

Em sua cultura, os *ezekoahatseti* (caciques responsáveis pela liderança de cada comunidade), são escolhidos a partir de traços relativos à sua personalidade, habilidades e dom para ser um líder do seu povo (fato legitimado pela comunidade). O *Ezekoahatseti* de determinada aldeia é responsável pelas atividades socioeconômicas de sua comunidade. Este pode ser de ambos os sexos (*Zekohatseti* ‘homem’ ou *Zekohatsetinero* ‘mulher’), e deve reunir características como: pensar na coletividade; falar bem; ter autoridade, respeito, legitimidade, entre outros atributos. Os demais chefes exercem autoridade nos domínios relativos às suas residências e famílias.

Antigamente, práticas relacionadas à produção de mandioca, coleta e caça constituíam importantes atividades para a comunidade. Contudo, atualmente, observa-se o crescimento exponencial de atividades voltadas para o cultivo de soja e criação de gado em algumas regiões.

### 1.5 Estudos prévios

Os primeiros estudos relacionados à documentação da língua Paresi datam da metade e final do século XIX, são eles: Rowan e Burgess, (1969) [2009]), o qual apresenta uma descrição acerca de determinados aspectos gramaticais da língua; Rowan e Rowan, (1978) [2001]), que apresenta uma proposta preliminar de um dicionário com base na variedade utilizada na TI Utariti; e Rowan, (1961, 1963, 1964a, 1964b, 1967, 1972, 1977); Rowan, (1983); Rowan & Rowan, (1993, 1994, 1995), que apresentam descrições acerca de aspectos fonológicos da língua realizados por missionários do *Summer Institute of Linguistics* (SIL). Outro trabalho que aborda questões relativas a aspectos fonético-fonológicos da língua pode ser verificado em Drude (1995), em que verificamos uma descrição preliminar acerca da variante *Waimare*.

Nos últimos anos, um número considerável de estudos linguísticos vêm sendo realizados acerca de diferentes aspectos da língua, dentre eles, destacam-se: a dissertação de mestrado e tese de doutorado de Silva (2009; 2013), o qual discorre acerca de aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua; e a tese de doutorado de Brandão (2014), “*A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak)*”, que consiste em uma abrangente gramática descritiva que aborda diferentes aspectos gramaticais da língua sobre a qual este estudo encontra-se debruçado. Para além destes, a língua dispõe de estudos mais atuais, a exemplo de Lima (2017; 2018), Pereira (2017), Sousa (2017), Mesquita (2016; 2017; 2018) e Mesquita, Lima-Sosinho e Brandão (2022). Além destes, há trabalhos realizados por Paresis, provenientes do curso de Licenciatura Indígena Intercultural, da Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), a exemplo de Paresi e Januário (2011); Kezomae (2006) e Eazokemae (2006).

Concernente à discussão sobre a qual este estudo está ancorado, há uma descrição preliminar realizada em Kezomae (2006) e Lima-Sosinho (2018), em que os autores sinalizam a existência de diferentes tipos de variações na língua em estudo. A fim de assimilarmos mais adequadamente estas descrições, discorreremos brevemente nas seções a seguir sobre tais contribuições.

### 1.5.1 Dicionário de palavras em desuso e suas correspondentes atuais – (KEZOMAE, 2006)

A descrição preliminar realizada em Kezomae (2006), à época, residente da Comunidade Rio Verde (uma das comunidades do povo Paresi), apresenta uma proposta relativa a um minidicionário com direção Português – Paresi, composto por 296 itens lexicais sequenciados em ordem alfabética relativos a diversos campos semânticos, a exemplo da fauna, flora, atividades diárias, cores, entre outros, conforme elucidado na imagem a seguir.

Figura 09: Dicionário com palavras em desuso e suas correspondentes atuais

DICIONÁRIO PORTUGUÊS – PARESI

A	
Abacaxi	Wenore
Abacaxi do mato	Kohala
Abandonar	Halakitsa v.t.(na)
Aberto	Matxiholatyoare
Abóbora	Abowala
Abraçando um ao outro (v. recíproco)	Zakoloty kakwa
Abrir	Matxiholatya
Acalmar	Amemakiyatya v.t.(n)
Acender fogo	Aidyatya v.t.(n)
Achar descobrir	Kaoka v.t.(no-ki)
Achar, falta de alguém	Waiyazainitsa v.t.
Aconselhar	Aidyaitya v.t.(n)
Acordado	Kaotse v. int(no)
Acostumado (estar) (f.) v. descritivo (n)	Otyahare (m) halo
Acusar de feitiçaria v int.(n)	Ahanaritya (m) ahanaloty (f)
Adversário, inimigo	Ahalakwahaliti s(n)
Aflito, triste	Kidyakwane (adj)
Afogar-se	Mona v.int(na)
Agora – agora mesmo	Owa, kalikini (adv)
Agradável – gostoso	Wainyama (adj)
Agüentar	Aiyatsetyoa v.t. (n)
Ajuda	Kahinyaetya v.t. (na)
Ajuntar em feixes	Olahitsetya v.t.(na)
Aldeia morada s.(na- -li)	Wenakalati, enawenakala
Alegre –(estar)	Ehyalahare v. descritivo (n)
Além	Ezahe (preposição)
Alem dele	Ezaihako (adv)
Algo carregado na mão	Ekahekware s.
Algo com proibição	Mahokwanititere
Algo deixado atrás	Itxikyola s (no)

Fonte: Kezomae (2006, p. 16)

Neste estudo, o autor constatou a existência da variação lexical atrelada ao fator diageracional (relativa à idade dos falantes). Conforme Kezomae (2006), esta variação está

atrelada às mudanças temporais, ou seja, há palavras em desuso (utilizadas comumente por falantes mais velhos) e suas correspondentes atuais (utilizadas comumente por falantes mais jovens). A título de conhecimento, apresentamos abaixo um recorte do estudo desenvolvido pelo referido autor.

Figura 10: Recorte do estudo desenvolvido em Kezomae (2006)

<b>Ilustração</b>	<b>Palavras Antigas</b>	<b>Tradução</b>
	Alemenare – oli	Capivara
	Ameremakalore – awo	Ema
	Anahorewatalali – mene	Jaratata (gambá)
	Ainyawahi – mahanihi	Fio de tucum com cera.
	Aotyakitxita – awaiyolinikitxita	Ensinando
	Aidyaenekitsene -aihikyoazatene	Sub-natural
	Kolaitidyone – kolata	Seriema

Fonte: Kezomae (2006, p. 10).

### 1.5.2 Variação lexical em Paresi-Haliti: levantamento sociolinguístico do duplo vocabulário – (SOSINHO, 2018)

Posterior ao estudo desenvolvido em Kezomae (2006), observamos o estudo desenvolvido em Lima - Sosinho (2018). Neste, verificamos uma descrição preliminar acerca da variação lexical com foco no levantamento sociolinguístico do duplo vocabulário, termo empregado por Padovani (2020) para nomear um único referente em um domínio específico do léxico, a exemplo da fauna e flora. Consoante a autora, essa atribuição pode ser motivada por diferentes fatores, tais como: distribuição geográfica, faixa etária dos falantes, entre outros. Um

exemplo disso é a forma como os Apurinã (língua investigada por Padovani) reportam-se ao conceito cipó de tracuá. O mesmo conceito pode ser atribuído ora como *tũnytsa*, ora como *katxipukyrytsa*. Comumente, a distinção entre estes pares de elementos se dá pelo fato de que enquanto uma forma é utilizada usualmente no dia a dia da comunidade, outra é utilizada em contextos mais específicos. Um processo semelhante a este foi observado em Paresi na descrição preliminar realizada em Lima - Sosinho (2018), os quais nomeiam o item lexical ‘capivara’ com duas formas. O mesmo conceito pode apresentar ora a forma *oli*, ora *alamenare*, sendo a primeira forma usada no cotidiano e a outra forma considerada pelos falantes como a forma “científica” por ser usado apenas em determinados contextos da língua.

Conforme postulado em Lima – Sosinho (2018), a atribuição de dois ou mais itens lexicais distintos para um único referente está associada a diferentes fatores: **i)** distribuição geográfica; **ii)** subgrupo étnico; **iii)** sexo do falante; **iv)** idade do falante; e **v)** contexto de uso da forma. Para além disso, a autora descreve e analisa preliminarmente a existência dos seguintes tipos de variações, de acordo com os correlatos extralinguísticos: variação diatópica, diaétnica, diagenérica, diageracional e diafásica. Dentre essas variações, consideramos neste estudo a variação diastrática, relativa aos fatores: geracional e situacional e a de gênero de fala, vinculada a determinada atividade social exercida na comunidade (este tipo não é mencionado no trabalho da autora), como importantes para o entendimento das motivações da variação lexical no campo semântico da fauna, foco deste estudo. No transcorrer de sua descrição, a autora verificou que uma das motivações da existência de diferentes formas distintas atribuídas a um mesmo referente era o uso das mesmas em diferentes contextos situacionais, a chamada variação diafásica, definida com base no comportamento do falante mediante a situação em que este se encontra, isto é, considera-se aspectos tais como o momento de sua realização, a situação em que é produzido, a postura do falante em relação ao instante da elocução e o tipo de uso que faz da língua (CARDOSO, 2010). No Paresi, enquanto uma forma é utilizada no dia a dia da comunidade (a chamada variante informal), a outra forma (variante formal) é restrita a contextos específicos de usos formais da língua, a exemplo de cânticos sagrados, narração de histórias tradicionais, rituais de curas, festas tradicionais, entre outros. Na tabela a seguir, apresentamos uma amostra dos dados referentes as duas variantes: a formal e a informal, referidas em estudo posterior desenvolvido por Mesquita *et al.*; (2022) (*no prelo*) como variante específica e usual, conforme será explicado posteriormente.

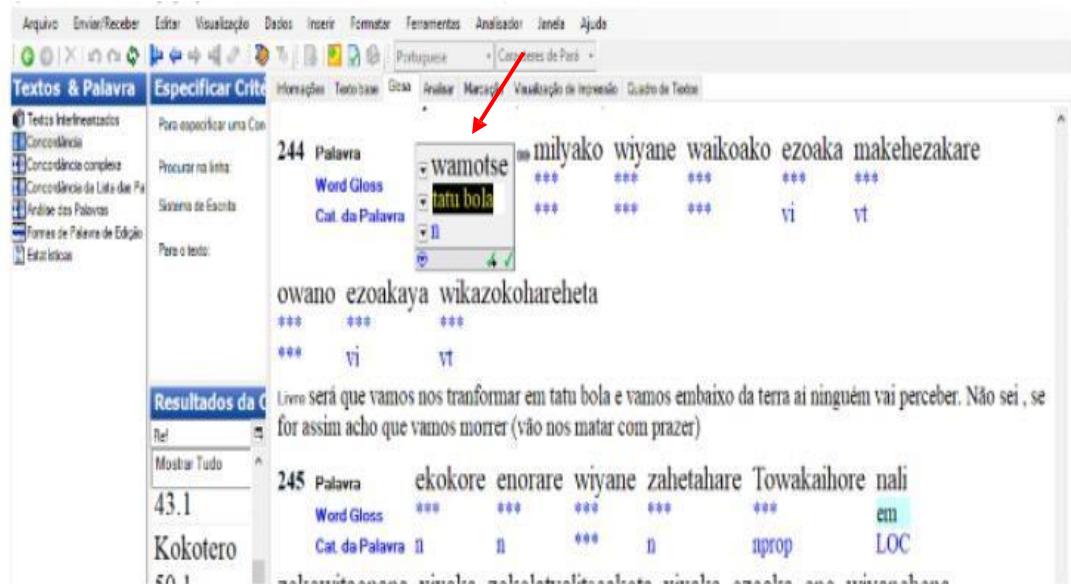
Tabela 07: Amostra das variantes específica e usual

<b>NOMES EM PARESI</b>		
<b>NOMES EM PORTUGUÊS</b>	<b>VARIANTE ESPECÍFICA (FORMAL)</b>	<b>VARIANTE USUAL (INFORMAL)</b>
<b>1. Capivara</b>	<i>Alamenare</i>	<i>Oli</i>
<b>2. Coró</b>	<i>Kahenetsetse</i>	<i>Mokoti</i>
<b>3. Cutia</b>	<i>Zoliromene</i>	<i>Hekere</i>
<b>4. Jacaré</b>	<i>Kamomenare</i>	<i>Yakare</i>
<b>5. Onça-pintada</b>	<i>Katomolikyoa tihore</i>	<i>Txini kazaidire</i>
<b>6. Sucuri</b>	<i>Anakitxihore</i>	<i>Menetse</i>
<b>7. Tatu bolinha</b>	<i>Iyonomenare</i>	<i>Wamotse</i>
<b>8. Tatu canastra</b>	<i>Waikoatxihalini</i>	<i>Malola</i>
<b>9. Urubu</b>	<i>Zatidyare</i>	<i>Oloho</i>
<b>10. Veado</b>	<i>Kaiyenamalo</i>	<i>Zotyare</i>

Fonte: Produzido pela autora (2022).

Em consulta ao banco de dados da língua Paresi, verificamos a ocorrência das variantes informais em narrativas tradicionais, a exemplo da narrativa *Txinikalore* (cf. imagem 11), retirada do banco de textos disponível no *FLEx*. Desta forma, defendemos que o termo variante informal não seria o mais adequado, tendo em vista que é a variante mais comumente usada e conhecida.

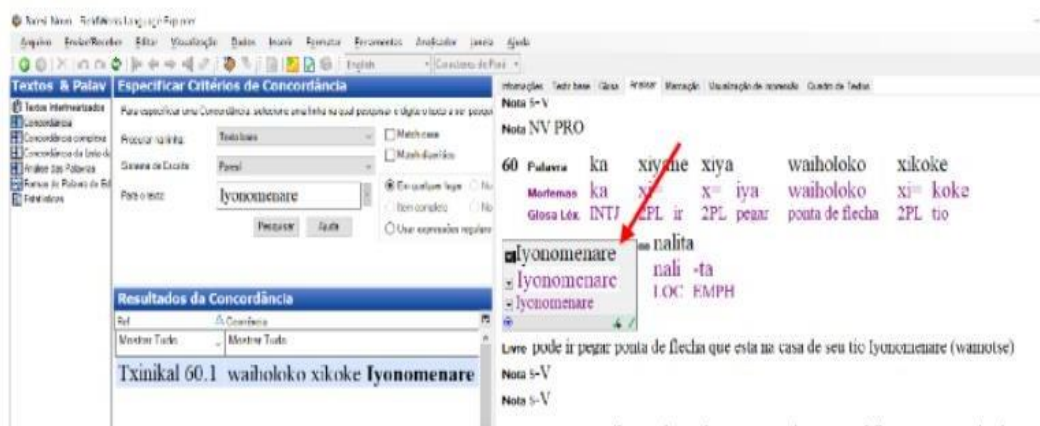
Figura 11: Amostra das ocorrências da variante informal ‘wamotse’ presente no banco de textos Paresi



Fonte: *Fieldworks Language Explorer* (2022)

A variante específica referente ao mesmo animal também foi encontrada na mesma história, se referindo especificamente a um tatu que é tio dos personagens principais *Wakomone*, *Wazoliye* e *Kerakwama*.

Figura 12: Amostra das ocorrências da variante específica *Iyonomenare* presente no banco de textos Paresi



Fonte: Fieldworks Language Explorer (2022)

No que diz respeito à forma, com relação às variantes usuais, pode-se observar que são formas mais simples (com exceção do item 5 relativo à onça pintada), pois apresentam apenas duas a três sílabas e não possuem sufixos; enquanto as variantes específicas apresentam mais de três sílabas, são formas morfológicamente complexas que possuem sufixos e descrevem semanticamente alguma característica do referente. Por exemplo, a variante formal do item 2 ‘Coró’ é formada pela palavra *kahene* ‘perigoso’.

A hipótese inicial apresentada em Lima-Sosinho (2018) era de que essa variação estava relacionada não apenas ao fato de uma variante ser restrita a uma situação específica, mas também à faixa etária dos falantes, haja vista que os falantes mais jovens aparentavam certo desconhecimento quanto aos termos utilizados pelos falantes mais velhos, bem como não utilizavam as variantes específicas. Sabemos que em todas as línguas, os falantes mais jovens tendem a falar de forma dessemelhante aos falantes mais velhos, abandonando assim certas construções em detrimento à adoção de novas. Contudo, não podemos interpretar que necessariamente a variante específica falada pelos mais idosos seja uma forma mais “arcaica” da língua. Os resultados estão possivelmente relacionados à situação de que o bilinguismo tem aumentado nas comunidades Paresi, a vista que as crianças têm aprendido desde cedo o português nas escolas indígenas e os jovens estão cada vez mais inseridos na cultura não-indígena, não dando continuidade às práticas culturais, como por exemplo, aprender sobre as narrativas tradicionais (o que leva a um desconhecimento dos termos usados nesse gênero). Além disso, houve casos de variantes dadas pelos mais velhos que foram reconhecidas por alguns jovens (quando estes, por exemplo, buscam conhecimento com os mais velhos ou atuam como

professores nas escolas presentes em suas comunidades), bem como é preciso pontuar que os falantes mais idosos usam ambas as variantes. Por fim, estudos comparativos preliminares apontam que, ao contrário do que era previsto, a variante específica ser a mais antiga, são os termos da variante usual que podem ser reconstruídos para o proto-Aruák, a exemplo de *hekere* ‘cutia’, que na língua mais próxima, o Enawene Nawe<sup>13</sup> é *hekali* e no proto-Aruák é *p<sup>h</sup>kili* (Payne, 1991). Portanto, não é adequado afirmar que um dos principais fatores motivadores do duplo vocabulário é o fator situacional ou geracional, de forma isolada, pois mesmo que um jovem conheça as variantes específicas, ele não irá utilizá-las dentro de um contexto específico de uso das mesmas, a não ser que ele faça parte de um dos grupos sociais que possuem um papel fundamental em vários gêneros tradicionais.

À vista disso, a hipótese defendida por mim neste estudo visa expor uma análise distinta a realizada em Lima - Sosinho (2018), ao assumir que a variação e o uso de termos distintos dentro do campo semântico da fauna faça parte de um discurso de especialidade, sendo do tipo diastrática. Esse discurso é utilizado amplamente por grupos específicos da comunidade Paresi, tais como: contadores de narrativas tradicionais, cantores, pajés, benzedores, parteiras, caçadores e professores, considerados exímios detentores dos conhecimentos ancestrais, ou como os refiro neste estudo – os sábios, em contextos específicos, tais como: a realização de festas tradicionais, batismo, contação de narrativas tradicionais, cânticos sagrados, entre outros

Durante entrevistas realizadas no ano de 2017 com um colaborador que desempenhava a função de cacique, cantador e pajé na comunidade Rio Formoso (uma das comunidades do povo Paresi), fomos informadas que algumas das variantes específicas eram restritas a narrativas, cânticos e canções tradicionais. Comumente as narrativas tradicionais em Paresi são contadas por alguns anciões que se especializam nessa função e cada história está associada a um cântico que é cantado durante a realização de festas tradicionais, por cantores<sup>14</sup>. Esses conhecimentos são transmitidos oralmente pelos especialistas experientes para os mais jovens, que estão perdendo cada vez mais o interesse em aprendê-las.

Assim como descrito para o povo Munduruku por Costa (2017), há vários especialistas nessas comunidades indígenas como os especialistas em saúde, pesca, agricultura, artesanato, etc. Para o Munduruku, considerou-se a partir do estudo dos termos relacionados à saúde indígena, a existência de uma etnoterminologia no discurso de especialistas como pajés, parteiras

---

<sup>13</sup> Língua indígena pertencente a família linguística Aruák, falada por um povo de mesmo nome localizado às margens do rio Iquê, afluente do Juruena, no estado do Mato Grosso. Para mais informações, (REIS, 20219).

<sup>14</sup> Mais detalhes sobre isto serão fornecidos ao longo do terceiro capítulo deste estudo.

e puxadores de desmentiduras. Assim, assumo neste estudo uma análise semelhante desses discursos específicos em Paresi, o que nos ajudará a compreender o funcionamento da variação na língua em análise. Espera-se assim que a discussão desenvolvida ao longo desta exposição auxilie na contribuição da difusão do conhecimento acerca dos estudos etnoterminológicos desenvolvidos com as línguas indígenas no contexto brasileiro.

#### 1.6 Resumo do capítulo

Este capítulo buscou fornecer um panorama inicial acerca das informações relativas aos aspectos linguísticos e socioculturais da língua e povo Paresi, bem como o lugar que esta língua ocupa dentro da família linguística Aruák. Para além disso, buscamos apresentar informações relacionadas a classificação genética, aspectos da situação sociolinguística e os estudos prévios existentes sobre a língua em estudo. O próximo capítulo será dedicado a exposição acerca dos principais subsídios teóricos empregados no desenvolvimento deste estudo.

## **CAPÍTULO II - ENFOQUES TEÓRICOS: DA TERMINOLOGIA AO ADVENTO DA ETNOTERMINOLOGIA**

### **Introdução**

Este capítulo visa apresentar os pressupostos teóricos necessários ao desenvolvimento deste estudo. Para tanto, nos dedicaremos inicialmente a uma breve exposição acerca dos pressupostos da Terminologia (a partir de seu nascimento e desenvolvimento) (cf. seção 2.1), com atenção à Teoria Geral da Terminologia (TGT) (cf. 2.2.1) e à Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) (cf. 2.2.2), em consonância com os estudos desenvolvidos em Faulstich (1995, 2001 e 2010), e outros teóricos na área como, Krieger e Finatto (2004) e Barros (2004). Em seguida, expomos a mudança de paradigma acarretada pelo surgimento da Socioterminologia (cf. 2.2.3), da Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST) (cf. 2.2.4.) e da Terminologia Cultural (cf. seção 2.2.5) (áreas com as quais este estudo dialoga), e posteriormente, buscaremos compreender a Etnoterminologia, uma área recente dos estudos terminológicos que enfatiza a relação intrínseca entre a terminologia e os aspectos culturais, expondo informações relativas ao seu surgimento (cf. seção 2.2.6), bem como nossa compreensão acerca deste tópico, cujo entendimento encontra-se pautado nos pressupostos estabelecidos em Costa & Gomes (2011) e Costa (2013; 2017) (cf. seção 2.2.8). Ao final, expomos um resumo acerca dos tópicos abordados no decorrer deste capítulo.

### **2.1 Terminologia: nascimento e desenvolvimento**

A constante evolução da ciência tem provocado ao longo da história intensas transformações no modo de viver, agir, pensar e se organizar dos diferentes povos existentes na humanidade, levando-os assim a se organizarem social e politicamente de maneiras distintas. Arelado a este processo, verifica-se outro, de natureza linguística, em que cada nova descoberta na humanidade recebe um nome distinto, passando assim a ser designado por um termo, sendo este processo tão importante quanto o econômico e social.

As mudanças culturais, econômicas, políticas e sociais ocorridas no decorrer da história exerceram consideráveis transformações em nível vocabular. O surgimento de novas

descobertas, invenções, atividades, produtos, serviços, leis, etc manifestaram-se acompanhados de termos correspondentes, transformando assim o léxico das línguas. Consoante a Barros (2004, p. 28), desde a antiguidade os homens nomeiam o que existe ao seu redor, esta prática é

[...] tão antiga quanto a linguagem humana. Desde os tempos mais remotos, o homem dá nome às coisas, aos animais, às plantas, às fontes naturais de alimentação e sobrevivência, aos instrumentos de trabalho, aos artefatos para defesa pessoal, às peças do vestuário, em suma, a tudo que lhe está à volta [...].

Com isto, verifica-se que a produção de caráter terminológico é tão antiga quanto a linguagem humana e que sobrevém da necessidade de compreender o universo das coisas denominadas pelo próprio indivíduo. À vista disso, os indivíduos instauraram o processo de criação de compilação de palavras, associação de conteúdos e identificação de equivalentes, dando espaço assim à criação de dicionários e obras similares, nas quais os termos – [...] – palavras que designam conceitos específicos de domínios especializados [...] (BARROS, 2004, p. 28) ocupam um lugar distinto.

O surgimento de obras voltadas para o registro de vocabulário específico de um domínio é atestado na história desde 2.600 a.C, realizadas pelos sumérios em tijolos de argila, em que foi possível verificar o registro de termos relacionados a [...] profissões, gado, objetos comuns e divindades [...] (VAN HOFF, 1998, p. 241 *apud* BARROS, 2004, p. 29), os quais contribuíram para a compreensão de aspectos relacionados à cultura, tradição e religião deste povo. Para além disto, é possível verificar no final do grandioso médio império faraônico, no Egito, a existência de dicionários temáticos, e no século I, da era cristã, a existência de glossários que buscavam explicar os termos médicos utilizados por Hipócrates, pioneiro na descrição do corpo humano.

Apesar destas contribuições, os elementos necessários à compreensão da Terminologia enquanto disciplina que estuda os termos relativos a uma área de especialidade iniciaram a partir do séc. XVII. A consolidação desta disciplina deu-se inicialmente com o naturalista sueco Karl Von Lineu (1707-1778), o qual postulou um sistema binominal de nomenclatura universal que concedeu à botânica e a zoologia a possibilidade de criação de regras para a criação de nomes científicos utilizados para designar diferentes espécies relativas à fauna e flora presentes em todo mundo.

Barros (2004) ressalta que a consolidação efetiva da Terminologia enquanto disciplina de cunho científico que estuda os termos de especialidade dá-se, mais uma vez, pela extensa contribuição de especialistas oriundos de áreas distintas, a exemplo do engenheiro austríaco Eugen Wüster (1898-1977), responsável por consolidar as bases teóricas-metodológicas da Escola Terminológica de Viena, e da sua amplamente conhecida Teoria Geral da Terminologia (TGT), a qual iremos abordar detalhadamente ao longo da discussão proposta no decorrer deste capítulo (cf. seção 2.2.1). Paralelo aos estudos desenvolvidos por Wüster, produziram-se na ex-URSS estudos linguísticos destinados ao estudo dos termos de domínios especializados, sendo D.S. Lotte (1898-1950) o principal expoente da corrente soviética da Terminologia. Na mesma década, verifica-se semelhantemente a consolidação da então conhecida Checoslováquia como um centro de referência nesta área.

## 2.2 Abordagens teóricas

Esta subseção destina-se à exposição acerca das bases teóricas da Teoria Geral da Terminologia (TGT) e do posicionamento teórico-metodológico oriundo a partir das limitações desta, postulada pela então conhecida Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e pelo surgimento de novas teorias frente a TGT.

### 2.2.1 A Teoria Geral da Terminologia (TGT)

A existência dos conhecimentos especializados é considerada tão antiga quanto a organização em sociedade. Deste modo, conforme Barros (2004) seria admissível presumir que a existência da terminologia remete a tempos remotos (cf. BARROS, 2004, p. 28). Portanto, a existência de quaisquer terminologias é anterior à existência da Terminologia enquanto disciplina científica. Diante disto, cabe explicitar que utilizaremos no decorrer desta discussão, o termo *terminologia* (com inicial minúscula), para denominarmos os conjuntos terminológicos presentes nos discursos de especialidades em qualquer língua, enquanto o termo *Terminologia* (com inicial maiúscula), remeterá a disciplina/campo de estudos destinada ao estudo das unidades terminológicas (cf. KRIEGER E FINATTO, 2004, p. 13; BARROS, 2004, p. 34).

A Terminologia foi estabelecida como disciplina a partir de 1931, com a publicação da Tese *Internationale Sprachnormung in der Technik* (defendida em 1930)<sup>15</sup> pelo engenheiro austríaco Eugen Wüster, considerado o “pai da terminologia moderna” (GAUDIN, 1993, p. 24). Este estudo consistia na padronização e normalização dos termos empregados na Engenharia Eletrotérmica e apresentava como objetivo central alcançar a univocidade comunicacional profissional no âmbito internacional, tendo em vista que o constante desenvolvimento científico e tecnológico estão atrelados à criação de novas terminologias (BARROS, 2004, p. 53-54). Deste modo, é possível verificar que a proposta inicial descrita em Wüster visava a criação de normas prescritivistas para o conceito dos termos, originando assim a Teoria Geral da Terminologia (TGT), conforme evidenciado no excerto abaixo

[...] a normalização linguística em terminologia supõe a unificação, por seleção, das terminologias já existentes, e a criação neológica. Estes aspectos, e mais concretamente a evolução dos elementos da língua, geralmente não se incluem na teoria da língua geral. Na linguagem geral, o que importa é expressar-se com correção, é dizer, em conformidade às normas descritivas, levando em conta que cada nível estilístico corresponde a uma norma descritiva diferente. Em contraste, a terminologia enfoca a utilidade da linguagem, a qual se manifesta através de normas prescritivas. (WÜSTER, 1998, p. 24. Tradução nossa).<sup>16</sup>

Posterior ao estudo apresentado em sua tese, Wüster publicou em 1931, na cidade de Vilhena, a obra *Die Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektronik*, considerada o marco inicial da consolidação do desenvolvimento teórico-metodológico da Terminologia e da criação da Associação Internacional de Normalização (ISA) (BARROS, 2004, p. 53). Nesta obra, o autor ratificou suas preocupações [...] de ordem puramente metodológica e normativa (FAULSTICH, 1995a, p. 1). Com isto, percebe-se que a proposta wüsteriana visava unicamente a [...] normatização da linguagem de especialidade por meio da elaboração de princípios metodológicos de sistematização dos termos especializados (REIS,

---

<sup>15</sup> Normalización Internacional Técnica.

<sup>16</sup> “La normalización lingüística en terminología supone a la vez la unificación, por selección, de las terminologías ya existentes, y la creación neológica. Estos dos aspectos, y más concretamente la evaluación de los elementos de la lengua, no suelen incluirse en la teoría de la lengua general. En el lenguaje general, lo que importa es expresarse con corrección, es decir, en conformidad a las normas descriptivas, teniendo en cuenta que cada nivel estilístico le corresponde una norma descriptiva diferente. En contraste, la terminología se enfoca hacia la utilidad del lenguaje, lo cual se manifiesta a través de las normas prescriptivas” (WÜSTER, 1998, p. 24).

2017, p. 40). A fim de delimitar os estudos terminológicos, Wüster define então o objeto de estudo da terminologia: o termo, compreendido

[...] como uma unidade terminológica que consiste em uma palavra com a qual se designa um conceito como seu significado, enquanto para a maioria dos linguistas atuais, a palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo. Os terminólogos usam a expressão conceito, e não significado, por uma razão básica: o significado de um termo (o conceito) se esgota como significado denotativo, também chamado de significado conceitual, e prescinde, em geral, às conotações. (WÜSTER, 1998, p. 21-22. Tradução nossa).<sup>17</sup>

A partir dessa concepção, percebe-se que a proposta wüsteriana visava a padronização dos termos, considerando-os elementos distintos do léxico comum. Barros (2004) ressalta que o princípio norteador da proposta elaborada por Wüster visava a univocidade do termo, ou seja, “(um único termo pode designar um conceito) (BARROS 2004, p. 53), a eliminação da ambiguidade, univocidade e a universalidade do léxico especializado, sendo estes, dissociados do discurso, acarretando assim o desprezo à variação linguística presente em todas as línguas ao redor do mundo,

Com base nesta breve exposição, percebe-se que em seus primórdios, a Terminologia apresentava-se como uma corrente estritamente prescritivista e normativista, ao definir rigidamente a noção de termo e excluir deste qualquer indício de variação. Desta forma, os principais postulados desta corrente podem ser delimitados a partir dos seguintes pontos: univocidade semântica do termo; diferenciação entre linguagem comum e linguagem de especialidade; universalidade do termo e exclusão da variação e dissociação do discurso.

Consoante a Gaudin (1993) e Barros (2004), embora a proposta elaborada pelo estudioso austríaco tenha possibilitado uma certa aproximação com a linguística, esta também se distanciou dos estudos linguísticos realizados à época, tendo em vista que a TGT dissociava o termo do contexto discursivo em que este era produzido. Conforme Gaudin (1993), “Tal visão

---

<sup>17</sup> “[...] terminólogos, una unidad terminológica consiste en una palabra a la cual se le asigna un concepto como su significado, mientras que para la mayoría de los lingüistas actuales, la palabra es una unidad inseparable compuesta de forma y contenido. Los terminólogos usan la expresión concepto, y no la de significado, por una razón básica: en su opinión, el significado de un término (el concepto) se esgota con el significado denotativo, también llamado significado conceptual, y prescinde, en general, de las connotaciones” (WÜSTER, 1998. p. 21-22).

corresponde às finalidades da normalização, mas não à realidade linguística [...]”. (GAUDIN, 1993, p. 26)<sup>18</sup>.

Face a este cenário, surgem a partir da década de 90, novas perspectivas - a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e a Socioterminologia - (as quais serão expostas no decorrer deste capítulo) com bases teóricas-metodológicas contrárias à TGT, que passaram a compreender a Terminologia e o termo para além do aspecto normativo, concebendo-o assim a partir dos aspectos pragmáticos, históricos e socioculturais inerentes à linguagem humana e ao uso da língua.

Cabe frisar que embora tenham surgido novas propostas teórico-metodológicas, a TGT ainda se configura como um recurso válido a depender dos objetos da pesquisa a ser realizada na área da Terminologia, sendo amplamente utilizada na elaboração de obras terminográficas como glossários, dicionários técnicos ou terminológicos e bancos de dados.

### 2.2.2 A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)

Conforme mencionado anteriormente, a década de 90 foi marcada pela mudança substancial de paradigma relativa aos estudos terminológicos. Nesta década, surgem propostas teórico-metodológicas que visavam atender às necessidades dos diferentes estudos terminológicos que não eram contemplados na TGT, que valorizava o aspecto normativo acima do discursivo. Neste cenário, surge a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), cujo ideário vem sendo conduzido pelos membros do IULATERM<sup>19</sup>, idealizado por Maria Teresa Cabré. É sobretudo nos postulados estabelecidos em Cabré (1999), que observamos os pressupostos teóricos-metodológicos sobre os quais encontra-se assentada a Teoria Comunicativa da Terminologia.

Consoante a Cabré (1999), a Teoria Comunicativa da Terminologia é definida como elemento precursor de uma matéria interdisciplinar e multifuncional, cujo centro reside no termo, delimitado a partir do contexto de especialidade técnico-científico-profissional-discursivo em que está inserido. Dessemelhante à TGT, a TCT privilegia o estudo da linguagem

---

<sup>18</sup> “[...] Une telle télévision correspond bien aux finalités de la normalisation, mais pas à la réalité linguistique [...]” (GAUDIN, 1993, p. 26).

<sup>19</sup> Grupo de pesquisa do Instituto Universitário de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra ((Barcelona, Espanha), dedicado ao estudo de pesquisas relacionadas ao léxico, terminologia, discurso especializado e engenharia linguística.

de especialidade e não mais exclusivamente o termo, ao valorizar seu aspecto comunicativo, compreendendo-o dentro da linguagem e da gramática das línguas naturais. Nesta perspectiva um item será definido como lexical ou terminológico a partir do discurso em que estiver inserido, ou seja, dentro do discurso de especialistas. Desta forma, palavras oriundas do léxico em geral de uma língua podem tornar-se termos (como tornam-se), desde que apresentem valores específicos ligados a uma técnica ou conhecimento.

Para além disso, é importante frisar que a TCT estabelecida por Cabré reconhece a variação conceitual e denominativa nos domínios de especialidade, priorizando assim, a dimensão textual e discursiva dos termos (BARROS, 2004, p. 57), definidos como [...] unidades linguísticas que devem ser consideradas em uma perspectiva poliédrica, ou seja, em seus aspectos linguísticos, cognitivos e sociais (CABRÉ, 1999, p.120). Desta forma, o termo não necessita ser universalmente padronizado, em oposição a isto, indivíduos em situações, locais ou condições diferentes podem utilizar termos distintos para se referirem as mesmas atividades, técnicas ou instrumentos. Isto é possível devido os termos serem considerados elementos essenciais das línguas naturais na Teoria Comunicativa da Terminologia, assim, não há uma linguagem especializada dessemelhante a uma linguagem comum. Conforme Cabré (1999), o que irá diferenciá-las é a condição de produção do discurso, que as estabelecerão como pertencentes (ou não) a um campo específico de especialidade (CABRÉ, 1999, p. 85-87). Desta forma, a TCT é fundamentada a partir das seguintes bases

Supõe-se que as unidades terminológicas são o objeto central da terminologia como um campo de conhecimento. Unidades terminológicas são poliédricas (linguísticas, cognitivas e sócio-comunicativas). Pode acessá-las por portas diferentes: a linguística, a ciência cognitiva e a comunicação da ciência social. [tradução nossa]. (CABRÉ, 2005, p. 8).

Consoante a Cabré (1999b), a TCT apresenta seus fundamentos com base no seguinte tripé teórico:

**Teoria do conhecimento:** destinada ao estudo das possibilidades e da relação conceito-designação;

**Teoria da comunicação:** destinada ao estudo das diferentes situações comunicativas; relações entre situação e comunicação, entre outros;

**Teoria da linguagem:** responsável por analisar as unidades terminológicas de uma língua geral, bem como suas particularidades;

Em suma, a TCT seria então nas palavras da autora

[...] uma macroteoria linguística constituída por três teorias: uma teoria da gramática que inclui a variação dialetal e funcional; uma teoria da aquisição que explique em uma só proposta como se adquire o conhecimento e de conta das correlações, identidades e diferenças entre as características e o processo de aquisição do conhecimento geral e o especializado em toda a sua diversidade funcional; e uma terceira teoria da atuação que recubra em um só modelo o uso geral e o especializado em toda a sua variada amplitude (temática, perspectiva, nível de especialização, propósito comunicativo, propósito funcional, tipo de texto, tipo de discurso etc.). (CABRÉ, 1999a, p. 120). (Tradução nossa)<sup>20</sup>

Como observado, a TCT enquanto proposta alternativa à teoria de Wüster encontra-se ancorada em uma perspectiva comunicativa da linguagem, e dos signos linguísticos inseridos nos domínios de especialidade. Assim, apresenta como objetivo central

[...] descrever formal, semântica, e funcionalmente as unidades que podem adquirir valor terminológico, dar conta de como são ativados e explicar suas relações com outros tipos de signos do mesmo ou distinto sistema, para fazer progredir o conhecimento sobre a comunicação especializada e as unidades que nela se usam. (CABRÉ, 1999b, p.133).

---

<sup>20</sup> “(...) uma macroteoria linguística constituída por três teorias: uma teoria da gramática que inclui a variação dialetal y funcional; uma teoria da aquisição que explique em uma única proposta como se adquire o conceito e a relação das correlações, identidades e diferenças entre as características e o processo de aquisição do conhecimento geral e o especializado em toda a sua diversidade funcional; y una tercera teoría de la actuación que recoja en un solo modele el uso general y el funcionaled in all, su variada ampud (temática perspectiva, nivel de especialización, propósito comunicativo, propósito tipo de texto, tipo de discurso, etc.) . uma teoria da aquisição que explique em uma única proposta como se adquire o conceito e a relação das correlações, identidades e diferenças entre as características e o processo de aquisição do conhecimento geral e o especializado em toda a sua diversidade funcional; y una tercera teoría de la actuación que recoja en un solo modele el uso general y el funcionaled in all, su variada ampud (temática perspectiva, nivel de especialización, propósito comunicativo, propósito tipo de texto, tipo de discurso, etc.) . uma teoria da aquisição que explique em uma única proposta como se adquire o conceito e a relação das correlações, identidades e diferenças entre as características e o processo de aquisição do conhecimento geral e o especializado em toda a sua diversidade funcional; y una tercera teoría de la actuación que recoja en un solo modele el uso general y el funcionaled in all, su variada ampud (temática perspectiva, nivel de especialización, propósito comunicativo, propósito tipo de texto, tipo de discurso, etc.) .

Conforme Barros (2004), a proposta de Cabré tem obtido um espaço significativo entre os especialistas da área descritiva, uma vez que esta tem contemplado de forma mais adequada o objeto de estudo da Terminologia, aproximando-o da realidade.

### 2.2.3 Da Socioterminologia

Como observado nas seções iniciais deste capítulo, a Terminologia desenvolvida a partir dos estudos de Wüster preconiza uma visão normativa do termo, rejeitando a variação, a ambiguidade, a sinonímia, a homonímia e a polissemia presentes nos termos de especialidade e admitindo o conceito da univocidade, segundo o qual, um conceito só pode ser designado por um único termo. Esta visão amplamente normativa acerca do termo e da Terminologia tem colidido com os estudos terminológicos descritivos, os quais vêm apontando no decorrer dos anos as limitações presentes na proposta wüsterina. Dentre estes estudos, tem-se observado as contribuições provenientes de François Gaudin (1993), Gambier (1993) e Boulanger (1995), os quais contribuíram para o surgimento e estabelecimento de uma nova perspectiva que passou a reconhecer e valorizar os aspectos sociais presentes nas linguagens de especialidade: a Socioterminologia.

Enquanto corrente teórica, a Socioterminologia nasce a partir dos estudos desenvolvidos em Boulanger (1991), ao declarar no seu artigo "*Une lecture sócio-culturelle de la terminologie*"<sup>21</sup>, que esta nova perspectiva dos estudos terminológicos "vem atenuar os efeitos prescritivos exagerados de algumas proposições normativas" (BOULANGER, 1991, p. 25) em que a Terminologia tradicional estava ancorada. Assim, esta nova vertente dos estudos terminológicos visava evidenciar o estudo do termo a partir das dimensões interativas e discursivas, tendo em vista que, este não pode ser desassociado do contexto linguístico e social em que é produzido.

Em oposição à Teoria Geral da Terminologia (TGT), a Socioterminologia não visa estabelecer a normatização e padronização do termo objetivando a construção de uma terminologia mundial, oposto a isso, empreende esforços direcionados ao respeito e aceitação da variação, procurando analisar a terminologia a partir das [...] práticas linguísticas e sociais

---

<sup>21</sup> BOULANGER, J.-C. *Une lecture socio-culturelle de la terminologie*. Cahiers de linguistique sociale. (18). pp. 13-30. 1991.

concretas dos homens que as empregam (GAUDIN, 1993, p. 212), dessemelhante ao observado na TGT.

Posterior aos avanços de Boulanger, é possível observar no Canadá as ações executadas pela equipe de Rouen, sob comando de Louis Gaspin, o qual contribuiu de maneira eficaz para o surgimento desta nova vertente dos estudos terminológicos. Contudo, consoante a Boulanger (1995) e Faulstich (2001; 2006), a Socioterminologia passou a discutir a terminologia atrelada aos aspectos sociais a partir da publicação da tese "*Por une socioterminologie – des problèmes sémantiques institutionnelles*", desenvolvida por François Gaudin, em 1993, o qual argumenta que a “[...] socioterminologia deve levar em conta o real funcionamento da linguagem e restituir toda sua dimensão social às práticas linguísticas concernentes” (GAUDIN, 1993, p. 1). Assim, esta nova vertente busca valorizar o funcionamento das linguagens de especialidade e sua correlação com os fatores sociais na produção dos termos. Desta forma, é possível verificar uma aproximação dos estudos socioterminológicos com os estudos sociolinguísticos, o que tem contribuído eficazmente para o estudo do termo especializado dentro do seu uso nos mais diversos contextos, haja vista que é por meio da linguagem que o falante é capaz de representar a realidade linguística a sua volta.

Consoante a Gaudin, esta intrínseca relação estabelecida entre língua e sociedade pode ser observada na prática usual da linguagem, ao afirmar que

[...] a socioterminologia, com o suposto de que deseja ultrapassar os limites de uma terminologia “de escrivão”, deve localizar a gênese dos termos, sua recepção, sua aceitação, mas também as causas do insucesso e as razões do seu sucesso no âmbito das práticas linguísticas e sociais concretas dos homens que empregam esses termos. Estas práticas são aquelas essencialmente exercidas nas esferas de atividade. Eis porque a socioterminologia devia reencontrar as reflexões nos laços que se estabelecem entre trabalho e linguagem. (GAUDIN, 1993, p. 216. Tradução nossa).<sup>22</sup>

A partir desta visão, Gaudin defende que a Socioterminologia está além dos padrões normativos impostos pela TGT, pois visa, associar e valorizar os aspectos comunicativos observados nos termos de especialidade, haja vista que o estudo destes não pode ser

---

<sup>22</sup> [...] la socioterminologie, pour peu qu'elle veuille dépasser les limites d'une terminologie “graffière”, doit replacer la gênese des termes, leur réception, leur acceptation mais aussi les causes de leur échec et les raisons de leur succès, au sein des pratiques langagières et sociales concrètes des hommes qui les emploient. Ces pratiques sont essentiellement celles qui s'exercent dans des sphères d'activité. C'est pourquoi la socioterminologie devait rencontrer les réflexions sur les liens qui se nouent entre travail et langage. (GAUDIN, 1993, p. 216).

desassociado do seu contexto e práticas sociais. Assim, os estudos terminológicos passaram então de uma perspectiva horizontal à vertical, em que os termos seriam normatizados apenas após um longo período de observação. Deste modo, observa-se um rompimento da corrente socioterminológica com os postulados da TGT, bem como a utilização de um aporte teórico-metodológico próprio.

Cabe ressaltar que apesar da relação estabelecida entre estas duas áreas dos estudos linguísticos (Socioterminologia e Sociolinguística), a “Socioterminologia não é, de fato, uma disciplina derivada da Sociolinguística, porém não podemos negar que é a visão mais flexível da sociedade e da comunidade que conduzem os especialistas a esse novo percurso” (FAULSTICH, 2010a, p. 15), tendo em vista que cada área apresenta seu objeto de estudo próprio. Contudo, Faulstich sinaliza que “a pesquisa socioterminológica deve ter como auxiliar princípios de sociolinguística, em atenção aos critérios de variação e de mudanças linguística dos termos no meio social [...] (FAULSTICH, 2012, p. 37).

No âmbito do cenário brasileiro, é possível observar as extensas contribuições da pesquisadora Enilde Faulstich, a qual tem proposto a implementação de um método de pesquisa próprio para a Socioterminologia atrelado a sociolinguística, empenhada na — “análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem (FAULSTICH, 2006, p. 29) e com o estudo do termo — sob a perspectiva linguística na interação social” (FAULSTICH, 2006, p. 29). Nesta perspectiva, o termo é então analisado como elemento integrante da língua comum, portanto, influenciado por fatores linguísticos e extralinguísticos no tangente a sua produção, sendo desta forma passível de variação. Assim, este ramo dos estudos terminológicos é postulado como

[...] ramo da terminologia que se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação linguística e a oferecer recursos sobre circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade. (FAULSTICH, 2006, p. 29).

Esta visão acerca do estudo do termo tem contribuído amplamente para a consolidação da

[...] construção dos postulados teóricos que sustentam a teoria da variação em terminologia, propõe-se uma releitura da definição de termo, a fim de que se compreenda melhor por que um termo varia. Assim uma unidade terminológica pode ter ou assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência.

E vale lembrar que termos são:

- (i) "signos que encontram sua funcionalidade nas linguagens de especialidade, de acordo com a dinâmica das línguas;
- (ii) entidades variantes, porque fazem parte de situações comunicativas distintas;
- (iii) itens do léxico especializado que passam por evoluções, por isso devem ser analisados no plano sincrônico e no plano diacrônico das línguas. (FAULSTICH, 2006, p. 28).

A construção destes postulados tem auxiliado eficazmente na compreensão do termo a partir dos seus aspectos linguísticos e sua relação com a sociedade. À vista disso, a socioterminologia visa, conforme verificado ao longo desta seção, investigar as variações terminológicas em consonância com a natureza linguística apresentada pelo termo. Por conta disso, esta vertente dos estudos terminológicos é considerada muito mais que uma disciplina, mais um método de pesquisa. (FAUSTICH, 2010a). Em função disso, Faulstich desenvolve a partir da publicação da obra “Base Metodológica para Pesquisa em Socioterminologia, Termo e Variação”, os pressupostos metodológicos que orientam os estudos terminológicos atuais, os quais devem:

[...] Identificar o usuário da terminologia a ser descrita [...]; Adotar atitude descritiva [...]; Consultar o especialista da área; Delimitar o corpus [...]; Selecionar documentação bibliográfica pertinente; Precisar as condições de produção e de recepção do texto científico e técnico; Conceder, na análise do funcionamento dos termos, estatuto principal à sintaxe à semântica; Registrar o termo e a (s) variante (s) do termo. O registro do termo pode ser feito numa ficha terminológica [...]; Redigir repertórios terminológico: As obras de referência que sistematizam dados terminológicos, isto é, os dicionários de linguagem de especialidade, têm configurações apropriadas, de acordo com o tipo de repertório a ser redigido [...]. (FAULSTICH, 2010a, p. 12-14).

Os procedimentos metodológicos apontados acima visam enfatizar a intrínseca relação entre teoria e prática dos estudos socioterminológicos, além de apresentarem elementos cruciais para o desenvolvimento de obras terminográficas, a exemplo de dicionários, glossários (como o proposto por este estudo), entre outros.

Diante desta breve exposição, pode-se verificar que os estudos socioterminológicos desenvolvidos em Gaudin e expandidos em Faulstich priorizavam os aspectos (em sua completude) social, comunicativo e discursivo das variantes terminológicas que integram os discursos/línguas de especialidade, bem como as variações que dele decorrem, afastando-se

portanto progressivamente da Terminologia tradicional (TGT) e progredindo com destino à consolidação dos estudos descritivos e funcionais do vocabulário de especialidade presente em todas as línguas naturais [...] e, portanto, presente também na comunicação especializada, já que essa ocorre em uma língua natural (COSTA, 2013, p. 34).

#### 2.2.4 Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST)

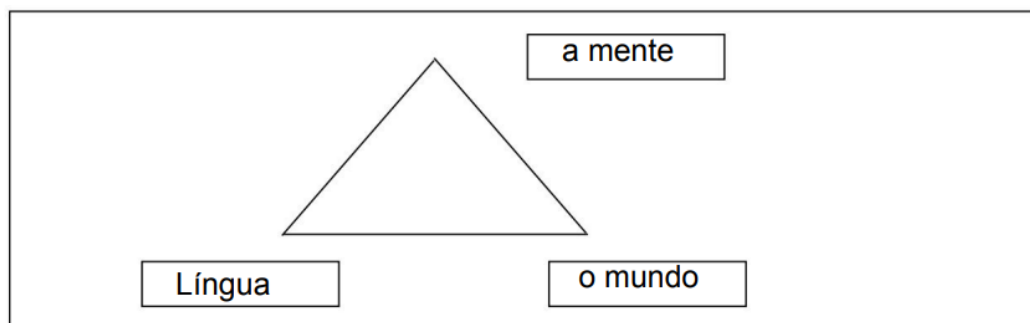
Posterior ao surgimento da Socioterminologia, observamos o desenvolvimento de uma nova vertente dos estudos terminológicos modernos pautada na perspectiva cognitiva da língua. A estreita relação entre a Terminologia e o Sociocognitivismo originou a então conhecida Teoria Sociocognitiva da Terminologia, doravante TST, estabelecida a partir dos estudos de Rita Temmerman (1997, 2000, e 2004).

Semelhante à Socioterminologia, a TST, rompe com o modelo tradicional e objetivista proposto pela TGT, a qual compreendia o termo isoladamente, sem considerar outros fatores. Esta nova vertente dos estudos terminológicos enfatiza o estatuto do termo a partir do contexto comunicativo especializado em que este está inserido, não sendo considerado assim uma unidade pré-existente, contudo, constituído a partir de uma realização sociocultural. Desta forma, o termo passa então a ser definido a partir de um discurso de especialidade, ocorrendo e existindo exclusivamente por conta deste.

A Teoria Sociocognitiva da Terminologia parte do princípio de que o termo é estabelecido como uma “unidade de compreensão de uma estrutura prototípica observável no contexto da comunicação, da ciência e da técnica (COSTA, 2017, p. 55 *apud* TEMMERMAN, 2000). Para além disso, esta nova vertente dos estudos terminológicos enfatiza que [...] a Terminologia não precisa ser orientada unicamente pela standardização, e isso questiona a validade do objetivismo como a base teórica da Terminologia (TEMMERMAN, 1997, p. 54).

Como uma teoria terminológica fortemente inspirada pelas propostas da semântica cognitiva e da linguística funcional (TEMMERMAN, 1997, p. 52), esta vertente ancora-se no pressuposto de que a língua exerce um número considerável de funções (social, cognitiva, textual, discursiva, entre outras) e que por meio desta os indivíduos categorizam o mundo ao seu redor. (Halliday, 1985). Neste sentido, a TST estabelece assim a intrínseca relação entre o tripé língua, mente e mundo, configurando-os como categorias complementares e indissociáveis essenciais para a compreensão das terminologias, conforme elucidado abaixo.

Figura 13: *The semantic triangle*



Fonte: Temmerman (1997).

A partir da imagem elucidada acima, é possível compreender que esta nova vertente dos estudos terminológicos compreende então a relação entre o mundo e a mente como [...] sendo algo presente (em parte) na mente humana. Ao levar em consideração língua e mente, a Terminologia Sociocognitiva está pronta a aceitar que a língua não pode ser separada da compreensão do mundo (TEMMERMAN, 1997, p. 56). Para além disso, a teoria estabelecida em Temmerman (2000) argumenta que o material de cunho terminográfico seja desenvolvido a partir das reais necessidades dos indivíduos, com vista a definições mais enciclopédicas e organização dos termos em ontologias, priorizando assim a adequação da obra ao usuário e o uso que este fará dela.

#### 2.2.5 Terminologia Cultural – Diki – Kidiri (2010) e Edema (2000)

Postulada pelos linguistas Marcel Diki-Kidire e Edema Atibakwa Baboya, da *Unité mixte de recherche: Language, langues et cultures d'Afrique noire* (Unidade mista de pesquisa: linguagem, línguas e culturas da África negra), a Terminologia Cultural é descrita na literatura como uma nova vertente oriunda dos estudos terminológicos, cuja proposta encontra-se ancorada na tentativa de propor uma nova forma de se fazer e pensar Terminologia direcionada às línguas africanas, considerando os fatores históricos e culturais destas línguas. Ao focalizar o aspecto cultural, esta vertente dos estudos terminológicos diverge assim dos postulados estabelecidos pela TGT e aproxima-se da Socioterminologia (cf. seção 2.4.3).

Consoante a Diki-Kidiri (2000, p. 27), nesta perspectiva [...] a comunidade cultural está no coração da reflexão. É a sua visão de mundo que determina a maneira de classificar, de

organizar, de nomear e de categorizar tudo o que ela percebe ou concebe, incluída aí a sua própria identidade.

Desta forma, a Terminologia Cultural visa então,

Contribuir para o desenvolvimento de uma teoria terminológica que leve em conta a diversidade cultural e preserve as necessidades identitárias das diferentes comunidades humanas, quaisquer que sejam elas. (DIKI-KIDIRI, 2000, p. 27).

Desenvolver uma metodologia coerente para o desenvolvimento, produção e implementação de terminologias para o efetivo desenvolvimento das línguas e culturas, particularmente as africanas. (DIKI-KIDIRI, 2000, p. 28).

Entre os objetivos apontados pelo autor, um em especial causa certa inquietação: “desenvolver” as línguas africanas, afirmação verificada em outros trechos de sua autoria:

O desenvolvimento das línguas africanas para torná-las aptas a exprimir todas as realidades do mundo moderno em geral e da África contemporânea em particular passa, necessariamente, por um trabalho importante em terminologia e em neologia em todos os domínios de conhecimento e de especialidade. (DIKIKIDIRI, 2000, p. 29).

Tais afirmações são questionáveis, pois, conforme o autor, as línguas africanas não possuíam terminologias e consideravam terminologia apenas o que seria utilizado para se referir a produtos oriundos de culturas relativas ao dito “mundo moderno”. Apesar disto, as reflexões proporcionadas por meio dos pressupostos estabelecidos pelo autor contribuem eficazmente para reflexões relativas a uma abordagem interdisciplinar da Terminologia, além do tratamento dos discursos de especialidade como discursos e não apenas como uma linguagem de especialidade.

As línguas de especialidade não são, portanto, mais que variedades profissionais dos discursos dentro de uma mesma língua geral. Portanto, devemos logicamente considerar essas variedades profissionais como discursos de especialidade e não como línguas de especialidade. (DIKI-KIDIRI, 2000, p. 29).

Apesar da Terminologia Cultural focalizar os aspectos socioculturais, é importante ressaltar que esta não é semelhante à Etnoterminologia, tendo em vista que a vertente

estabelecida por Diki-Kidiri apresenta um caráter antiquado, ao propor o “desenvolvimento de uma língua ou cultura”, fato considerado questionável, tendo em vista que todas as línguas naturais são dotadas de terminologia e apresentam um conhecimento técnico, científico e cultural significativos.

Apesar de discordarmos em parte dos postulados estabelecidos pelo linguista, compartilhamos de seus ideais de valorização cultural, contudo, partimos da valorização oriunda da língua e dos conhecimentos técnicos-científicos originários de um povo indígena, em nosso caso, o Paresi.

#### 2.2.6 O precursor dos estudos etnoterminológicos - Lara (1999)

A expressão *etnoterminologia* foi identificada inicialmente sem referir-se a uma disciplina ou subárea dos estudos terminológicos nos estudos desenvolvidos em Lara (1999), em que o autor enfatiza a relação existente entre terminologia e cultura. Para este, toda e quaisquer terminologia é perpassada pelo viés cultural, tendo em vista que ao ser compartilhado com povos falantes de línguas distintas, o termo pode universalizar-se, não perdendo sua base linguística original. Conforme Lara (1999),

A dificuldade de tradução, que resulta geralmente insuperável, revela a dimensão profunda da cultura. Freud, como bem se sabe, explorava os valores significativos da sua língua alemã para produzir um sentido preciso em seus textos; mas, desde o momento em que teve de traduzir para outras línguas porque vários de seus vocábulos nomearam conceitos novos, produzidos pela teoria psicanalítica, a pura reprodução do sentido se viu obrigada a delimitar significados: o vocábulo se tornou termo técnico, mas sempre sobre a base de seu significado comum, o que quer dizer que o termo técnico não é uma elaboração verbal alheia aos processos de significação das línguas comuns e, dessa forma, torna-se impossível afastá-lo da cultura (mais abaixo serão tratadas várias exceções). O vocabulário Quéchuá da agricultura se construiu da mesma maneira, mas o que o distingue do da psicanálise é a pretensão universalista da ciência ocidental, enquanto o vocabulário do Quéchuá se manterá como próprio de uma espécie de etnoterminologia enquanto não atraia o interesse especializado moderno. (LARA, 1999, p. 59).

Lara argumenta que os termos existentes na agricultura tradicional Quéchuá foram produzidos tal qual os termos provenientes das ciências ditas clássicas, e que a principal diferença entre estas dá-se apenas pelo fato de os termos Quéchuá comporem uma “espécie de

etnoterminologia” (relevante apenas para as populações que a utilizam) à parte, frente às terminologias ocidentais modernas de caráter universalista.

Apesar de romper com os postulados estabelecidos pela TGT, a argumentação de Lara abre margens para uma possível interpretação errônea da etnoterminologia produzida por populações locais e conhecimentos tradicionais. Ademais, o emprego constante do prefixo *{etno-}* diante de nomes relativos às diversas áreas do saber acarreta uma separação equivocada do que seria ou não etno, munida de um “quê de eurocentrismo” (COUTO, 2007), tendo em vista que estes conceitos tendem a apontar para a existência do que seria uma ciência legitimamente verdadeira frente a uma ciência “étnica”, em que a primeira apresenta um valor significativo em comparação à segunda.

#### 2.2.7 A “Etnoterminologia” de Barbosa (2005; 2006; 2009)

Posteriormente, no cenário brasileiro, verificamos o constructo teórico estabelecido pela cientista brasileira especialista na área do léxico, Maria Aparecida Barbosa, da Universidade de São Paulo (USP). No decorrer do desenvolvimento de seus estudos, a autora postula a etnoterminologia como a área que [...] estuda os discursos etnoliterários, como os de literatura oral, literatura popular, literatura de cordel, fábulas, lendas, mitos, folclore e os discursos das linguagens especiais com baixo grau de tecnicidade e de cientificidade (BARBOSA, 2009, p. 1).

Consoante a pesquisadora, os itens lexicais comumente presentes nos discursos etnoliterários assumem uma dupla função de vocábulo e termo:

Com efeito, trata-se de um *vocábulo*, nos seus aspectos referenciais, pragmáticos e simbólicos, em função semiótica, metassemiótica e meta-metassemiotica e é um *termo*, na medida em que a unidade léxica em questão tem características de uma linguagem de especialidade (PAIS e BARBOSA, 2004, p. 92)

Neste sentido, a autora visa elaborar um método de análise específico para sua área. É importante ressaltar que embora os postulados estabelecidos pela estudiosa contribuam relevantemente para os estudos linguísticos e terminológicos atuais, estes não se adequam ao que intentamos propor neste trabalho, tendo em vista que a etnoterminologia elaborada em

Barbosa enfatiza especificamente os discursos etnoliterários, presentes comumente no gênero cordel, em que é possível observarmos a ocorrência de elementos prototípicos deste gênero. Conforme Barbosa (2005, p. 105):

As unidades lexicais desses discursos etno-literários têm características muito específicas: de um lado, são vocábulos metassemióticos, pelos motivos acima vistos, de outro, são quase-termos técnicos, pois pertencem a uma linguagem especial/especializada. Seus sememas não correspondem, pois, nem aos sememas da língua comum, nem aos sememas das linguagens dos domínios científicos. Essas unidades lexicais apresentam sememas construídos, em grande parte, com semas específicos do universo de discurso etno-literário, provenientes de narrativas e cristalizados, de maneira a tornar-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos. É preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder compreendê-los bem.

Notadamente, é possível observar que Barbosa estabelece e considera então o etnotermo como [...] uma espécie de semitermos ou quase termos com [...] baixo grau de tecnicidade e de cientificidade (BARBOSA, 2009, p. 1), dessemelhante à análise proposta por nossa discussão, que compreende os etnotermos presentes no campo semântico da fauna como possuidores de alto grau de tecnicidade e cientificidade. Neste sentido, seguiremos então a concepção de Etnoterminologia estabelecida a partir dos estudos desenvolvidos em Costa e Gomes (2011) e Costa (2013; 2017).

#### 2.2.8 A Etnoterminologia de Costa (2013; 2017) e Costa e Gomes (2011)

A Etnoterminologia proposta ao longo desta discussão é concebida como uma disciplina pautada nos ideais da Etnolinguística (cf. UNDERHILL, 2012), da Terminologia alinhada às propostas da Teoria Comunicativa da Terminologia (cf. CABRÉ, 1999), da Teoria Sociocognitiva da Terminologia (cf. TEMMERMAN, 2010) e da Socioterminologia (cf. GAUDIN, 1993). Para além destes, pautamo-nos nos pressupostos estabelecidos por Costa (2013;2017) e Costa e Gomes (2011; 2013; 2015), os quais propõem uma etnoterminologia relativa aos sistemas de cura e cuidado na voz de pajés, parteiras e puxadores de desmentidoras, na língua Mundurukú (Tupi)<sup>23</sup>.

À vista disso, a Etnoterminologia, assim como a Terminologia é compreendida como uma ciência do léxico, cujo objeto de estudo reside nos *etnotermos*, concebidos nesta vertente

---

<sup>23</sup> Língua indígena falada por um povo de mesmo nome pertencente à família linguística Munduruku, tronco Tupi.

dos estudos terminológicos como itens lexicais verificados nos discursos de especialistas de diferentes comunidades tradicionais, a exemplo de pajés, cantores e contadores de histórias tradicionais, os quais gozam de reconhecimento e prestígio em suas comunidades e culturas. O termo comunidade tradicional/local é comumente descrito como termo referente às

[...] comunidades que têm uma relação de permanência tradicional em determinado território e uma relativa sustentabilidade independente dos grandes centros industriais, incluindo, portanto, não apenas comunidades indígenas, mas também comunidades quilombolas (e remanescentes), comunidades ribeirinhas, comunidades interioranas de pouco acesso. (COSTA, 2017, p. 66).

Consoante a Barros (2004, p. 78):

Cada povo recorta a realidade objetiva de modo diferente e procede a delimitações conceptuais, que são expressas por palavras. Os elementos e fenômenos da natureza e suas representações sociais, os instrumentos de trabalho, utensílios domésticos, armas para defesa pessoal e caça, instrumentos de pesca, instituições sociais, fontes de energia, sentimentos, crenças, religião e **todos os elementos do mundo em que vivem são designados por unidades lexicais que, consideradas como signos linguísticos de domínios específicos da atividade da comunidade sociocultural em questão, podem ser consideradas como unidades terminológicas.**<sup>24</sup>

Na atualidade, tem-se verificado no ocidente um número expressivo de estudos relacionados a este sistema na área das ciências sociais, com destaque a área da Antropologia e indústrias farmacêuticas/ cosméticas a fim de suprir o entendimento acerca dos sistemas tradicionais. Um exemplo disto ocorre quando grandes empresas nacionais ou multinacionais do ramo da cosmetologia investem recursos em pesquisas realizadas em dadas comunidades a fim de obter conhecimentos locais direcionados à produção em larga escala de cosméticos, entre outros. Contrariamente a esta posição, este estudo intenta refletir acerca do emprego adequado da terminologia ora proposta a fim de torná-la efetivamente útil para a comunidade envolvida na construção deste estudo terminológico, neste caso, o povo Paresi.

Desta forma, a terminologia ora proposta no decorrer deste estudo encontra-se ancorada a partir da produção dos etnotermos que emergem dos discursos de especialistas do povo Paresi, os quais possuem formação nas ocupações que desempenham e gozam de prestígio em suas comunidades. Para este estudo, enfatizamos os especialistas nos saberes tradicionais –

---

<sup>24</sup> Grifos e destaque nossos.

denominados sábios, a exemplo dos caciques, pajés, cantores e contadores de histórias tradicionais. Cabe ressaltar que na comunidade Paresi, assim como em outras comunidades tradicionais, há especialistas detentores dos conhecimentos relativos à caça, pesca, artesanato, produção do roçado, entre outros.

Utilizamos no decorrer deste estudo a concepção inovadora para o termo que é a concepção de Etnoterminologia estabelecida em Costa & Gomes (2011), pois esta propõe uma etnoterminologia pautada nos discursos técnicos-científicos, considerando os aspectos étnicos e culturais das comunidades tradicionais, dessemelhantes ao conhecimento oriundo das culturas ocidentais e greco-romanas. Para além disso, compreendemos o termo ou etnotermo como “uma unidade linguística que tem valor semântico completo (COSTA, 2017, p. 68), podendo este realizar-se como uma palavra, locução, termo composto e sentença. Neste sentido, o etnotermo é verificado em discursos com alto grau de especialidade, representativo dos conhecimentos específicos de especialistas das mais diversificadas áreas. Deste modo, a Etnoterminologia é então descrita como a disciplina responsável pelo estudo, registro e análise dos etnotermos oriundos dos discursos de especialistas de diferentes comunidades, sobretudo aquelas que detêm conhecimentos tradicionais e são estigmatizadas frente as sociedades ocidentais modernas.

### 2.3 Etnoterminologia e os discursos de especialidade

A Teoria Geral da Terminologia estabelecida em Wüster preconizava a ocorrência de duas entidades distintas: a linguagem comum e a linguagem especializada, esta última definida como ambiente de ocorrência dos termos “unívocos, monossêmicos e universais (COSTA, 2017, p. 70). Contudo, com o advento de novas teorias, tais como a Socioterminologia, Teoria Comunicativa da Terminologia, Terminologia Cultural e Etnoterminologia, esta ideia errônea foi sendo abandonada, passando-se assim a conceber o termo como elemento essencial das línguas. Com o estabelecimento destas abordagens, a noção de discurso de especialidade torna-se então essencial, tendo em vista que o termo só apresentará valor de termo enquanto elemento integrante de um discurso de especialidade. Neste sentido, Costa (2017) ressalta a possibilidade de se pensar em um [...] *continuum* de vocabularização e terminologização, conforme o grau de especialidade do discurso, em que termos e vocábulos não são classificados em uma categoria engessada dentro da língua, antes, são definidos a partir da sua inserção em momentos

discursivos que determinarão como estes serão então classificados. Nas palavras de Barbosa (2006, p. 49)

Se se consideram, de início, dois universos de discurso, o da **língua comum** e o das **linguagens de especialidade**, dir-se-á que as unidades lexicais que pertencem ao primeiro conjunto são vocábulos e as que pertencem ao segundo conjunto são termos, com todos os traços específicos que lhes correspondem. É preciso lembrar, entretanto, que, no nível de sistema, *as unidades lexicais são plurifuncionais. O estabelecimento preciso de sua função depende de sua inserção em uma norma discursiva, que determina, então, o estatuto de vocábulo ou de termo.*

Neste sentido, a Etnoterminologia apresentada neste estudo estabelece que é o contexto discursivo e a frequência com que determinado item lexical será utilizado que determinará se um vocábulo será então classificado como lexical ou terminológico.

Assim como estabelecido em Costa (2017), concebemos o discurso especializado proveniente da Etnoterminologia como discursos que expressam conhecimentos tradicionais associados a determinada técnica, saberes locais, conhecimentos tradicionais, cosmológicos, ritualísticos, entre outros, associados a especialistas das mais diversificadas comunidades tradicionais. A título de exemplo, em grande parte das comunidades e culturas indígenas, o pajé é considerado um especialista detentor de conhecimentos tradicionais, ritualísticos e cosmológicos, o qual passa ao longo da vida por constantes processos de formação que culminarão na consolidação destes conhecimentos.

#### 2.4 Resumo do capítulo

Este capítulo dedicou-se a exposição pormenorizada acerca do arcabouço teórico utilizado no desenvolvimento deste estudo. Iniciamos com uma breve exposição acerca dos pressupostos da Terminologia, com atenção à Teoria Geral da Terminologia (TGT) e à Teoria Comunicativa da Terminologia. Em seguida, expomos a mudança de paradigma acarretada pelo surgimento da Socioterminologia, da Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST) e da Terminologia Cultural (TC), e finalmente, apresentamos os pressupostos da Etnoterminologia, expondo informações relativas ao seu surgimento, bem como nossa compreensão acerca deste tópico. O capítulo posterior dedicar-se-á a exposição dos principais recursos metodológicos adotados no desenvolvimento da discussão proposta por este estudo.

## CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### Introdução

Este capítulo destina-se à exposição acerca dos procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento deste estudo. Para isto, nos pautamos em uma abordagem metodológica composta por um conjunto de recursos pertencentes às diversas perspectivas da pesquisa qualitativa. Desta forma, utilizamos no decorrer desta discussão uma hibridação de métodos, na qual [...] os pesquisadores selecionam abordagens metodológicas e pragmáticas [...] como forma de fugir à filiação restritiva a um discurso metodológico específico (FLICK, 2009, p. 33). Assim, iniciamos esta exposição fornecendo uma breve explicação acerca da pesquisa qualitativa empregada neste estudo (cf. seção 3.1). Em seguida, realizamos brevemente uma explicação acerca da categoria metodológica campo (cf. seção 3.2) e expomos minuciosamente informações relativas aos colaboradores do nosso estudo (seção 3.3), focalizando os seguintes especialistas: *Iyawitseko* (caçador) (cf. 3.3.1); *Zeratiyatane* (Cantor) (cf. seção 3.3.2); *Zakainakatyare* (Contador de narrativas orais) (cf. 3.3.3); *Waidyatare* (Pajé) (cf. 3.3.4), *Zoimiazawenakitsasehalo* (Parteira) (cf. 3.3.5) e por fim, os *Zaotyakitsatidyoye* (Professores) (cf. 3.3.6). A descrição pormenorizada de cada colaborador envolvido na realização desta pesquisa está diretamente ligada a valorização da língua e povo Paresi em seus

diversos aspectos (social, linguístico e cultural). Após isso, nos dedicamos à exibição acerca dos principais procedimentos metodológicos empregados nas pesquisas de cunho qualitativas (cf. 3.4): entrevistas (cf. 3.4.1), registro audiovisual (cf. 3.4.2) e observações (cf. 3.4.3). Em seguida, realizamos breves comentários relativos ao banco de dados empregado neste estudo, disponível no *software Flex* (cf. seção 3.5). Posteriormente, expomos detalhadamente informações relativas à geração de dados empregados no decorrer desta discussão e utilizados na composição do produto advindo desta (cf. seção 3.6), bem como informações relativas à primeira e segunda viagens de campo às comunidades Paresi (cf. seções 3.6.1 e 3.6.2). Ao final, apresentamos os métodos comumente adotados na realização de uma obra terminológica (cf. 3.7) e informações concernentes à elaboração da macro e microestrutura do glossário Paresi (cf. seções 3.7.1 e 3.7.2), além das fichas terminológicas (cf. seção 3.7.3). Conforme o padrão seguido ao longo dos capítulos anteriores deste estudo, apresento como fechamento da exposição deste capítulo um breve resumo acerca dos tópicos que aqui foram abordados.

### 3.1 Sobre a pesquisa qualitativa

O estudo desenvolvido com vistas à elaboração inicial do glossário etnoterminológico Paresi encontra-se ancorado nos pressupostos estabelecidos nas pesquisas qualitativas. Esta costumeiramente assume várias nuances, entretanto, pode ser definida como uma pesquisa em que não se considera a questão numérica, em oposição a isto, lida com a interpretação e reflexão. Neste sentido, a pesquisa proposta por nosso estudo visa analisar e interpretar os dados relativos ao discurso de especialidade utilizados pelo povo Paresi, bem como os etnotermos por eles produzidos.

Dado o seu surgimento, as pesquisas qualitativas são utilizadas para auxiliar as demandas das pesquisas sociais, sendo empregadas, há tempos, na Antropologia. Neste tipo de pesquisa, costuma-se utilizar uma abordagem multimetodológica, tais como:

[...] a) a observação sistemática dos acontecimentos; inferir os sentidos desses acontecimentos das (auto-) observações dos atores e dos espectadores exige b) técnicas de entrevista; e a interpretação dos vestígios materiais que foram deixados pelos atores e espectadores exige c) uma análise sistemática. (BAUER E GASKELL, 2008, p. 18-19).

Consoante a Martinelli (1999 *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 38), lançar mão da pesquisa qualitativa implica dizer que [...] todos os fatos e fenômenos são significativos e relevantes, e são trabalhados através das principais técnicas: entrevistas, observações, análise de conteúdo, estudos de caso e estudos etnográficos. Diante disso, empregamos na realização deste estudo os métodos comumente utilizados em pesquisas de cunho qualitativas: observação, entrevistas e registro audiovisual, conforme delineado em Silverman (2009). Estes serão abordados minuciosamente nas seções subsequentes deste estudo (cf. seções 3.4.1, 3.4.2 e 3.4.3).

A utilização desta perspectiva no desenvolvimento desta discussão foi empregada levando-se em consideração nosso objeto de pesquisa, haja vista que esta se enquadra melhor as necessidades da Etnoterminologia apresentada neste estudo, ao valorizar as interações presenciais entre o pesquisador e seu interlocutor (colaboradores), através do estudo *in vivo*, consoante ao apresentado pela Teoria Comunicativa da Terminologia, que irá gerar os termos

[...] dentro dos contextos sociocomunicativos em que circulam, para garantir a representação e a comunicação do conhecimento especializado (DAL CORNO, 2010, p. 177).

### 3.2 A categoria campo – breves considerações

Concernente aos princípios da Etnoterminologia apresentada por nós neste estudo, os *etnotermos* são gerados a partir de trabalhos de campo, em que o pesquisador se dirige ao local de pertencimento do povo pesquisado e interage com a comunidade e com os colaboradores de sua pesquisa (em nosso caso, com os especialistas da língua e povo Paresi). Desta forma, a geração dos dados linguísticos relativos aos discursos de especialidade empregados pelos especialistas da língua e povo Paresi, ocorreu a partir de duas viagens de campo às comunidades em que a língua é falada (cf. seções 3.6.1 e 3.6.2 deste estudo), realizadas entre os meses de julho e agosto de 2022 e março de 2023, com duração aproximada de um mês; da explicação acerca da importância desta pesquisa para a língua; da anuência das lideranças locais, comunidade e dos colaboradores do nosso estudo a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (cf. anexo I), e por fim, do contato com os seguintes especialistas: caçador; cantor; contador de narrativas tradicionais; parteiras; pajé e professores, considerados exímios detentores dos conhecimentos cosmológicos relativos à língua e cultura do povo Paresi. Estes serão apresentados pormenoradamente no decorrer da próxima seção.

### 3.3 Perfil dos colaboradores da pesquisa

A realização deste estudo contou com a colaboração sistemática de nove indivíduos, sendo sete destes do sexo masculino e dois do sexo feminino, de diferentes faixas etárias e bilíngues em língua materna e português, especialistas em diferentes domínios e possuidores de amplos conhecimentos relativos ao campo semântico da fauna em Paresi. Estes colaboradores desempenham funções específicas em suas comunidades, tais como: caçador, cantor, contador de narrativas tradicionais, pajé, parteiras e professores do ensino de língua materna, considerados dentro de suas comunidades especialistas e exímios detentores dos aspectos relativos à língua e cultura do povo Paresi. Assim, referimo-nos a estes como os

*wamohaliti*<sup>25</sup> ‘sábios’<sup>26</sup>. Para além destes, este estudo contou com a colaboração de outros membros das comunidades em que atuamos, os quais, embora não fossem considerados especialistas em determinada área, detêm um amplo conhecimento acerca dos aspectos relativos à língua e cultura do povo Paresi, além de nos apoiarem constantemente durante nosso período em campo.

O critério estabelecido para escolha dos colaboradores se deu a partir de suas atuações dentro de suas respectivas comunidades e consultas aos demais membros das comunidades em que atuamos (cf. seções 3.6.1 e 3.6.2), a fim de obtermos informações acerca de quais indivíduos eram considerados detentores dos conhecimentos tradicionais, conforme os critérios metodológicos estabelecidos pela Socioterminologia (FAULSTICH, 1995), a exemplo do desenvolvimento deste estudo em parceria com os especialistas da comunidade Paresi. Diante disso, exibimos no quadro a seguir o perfil dos colabores que nos auxiliaram no decorrer desta pesquisa.

---

<sup>25</sup> Termo empregado pelo povo Paresi para fazer referência a indivíduos possuidores de sabedoria e que exercem funções de especialidade em suas comunidades.

<sup>26</sup> A presença de um hiperônimo para classificar os sábios de diversos tipos mostra que o povo tem consciência da qualificação desses indivíduos, o que provavelmente torna o discurso deles mais importante dentro da comunidade.

Quadro 01: Perfil dos colaboradores

<b>COLABORADOR</b>	<b>ESPECIALIDADE</b>	<b>SEXO</b>	<b>COMUNIDADE</b>	<b>CODIFICAÇÕES</b>
<b>C1</b>	Cacique, Pajé, cantor e contador de narrativas tradicionais	<b>M</b>	Santa Vitalina (SV)	<b>P</b>
<b>C2</b>	Contador de narrativas tradicionais	<b>M</b>	Rio Formoso (RFORM)	<b>CN</b>
<b>C3</b>	Professor de Língua Materna	<b>M</b>	Cachoeirinha (CACH)	<b>PLM</b>
<b>C4</b>	Professor de Língua Materna	<b>M</b>	Rio Formoso (RF)	<b>PLM</b>
<b>C5</b>	Professor de Língua Materna	<b>M</b>	Kolidiki (KO)	<b>PLM</b>
<b>C6</b>	Caçador	<b>M</b>	3M (3M)	<b>CAÇ</b>
<b>C7</b>	Caçador	<b>M</b>	Rio Formoso (RFORM)	<b>CAÇ</b>
<b>C8</b>	Parteira e conhecedora de plantas medicinais	<b>F</b>	Rio Formoso (RFORM)	<b>PART</b>
<b>C9</b>	Parteira e conhecedora de plantas medicinais	<b>F</b>	Rio Formoso (RFORM)	<b>PART</b>

Fonte: Elaborada pela autora (2022)

As informações presentes na coluna “**Codificações**” podem ser interpretadas da seguinte forma: **P** (utilizado para fazer referência ao pajé); **CN** (contador de narrativas orais); **PLM** (professor de língua materna); **CAÇ** (caçador); **PART** (parteira); **M** (relativo ao sexo do colaborador da pesquisa, neste caso, sexo masculino); **F** (relativo ao sexo feminino); **SV**

(Santa Vitalina); **RFORM** (Rio Formoso), **CACH** (Cachoeirinha) e **3M** (3M). Para além disso, cabe ressaltar que por questões éticas relativas à privacidade de cada colaborador envolvido na realização deste estudo, optamos por não revelar a identidade dos mesmos.

É importante frisar que, antes de iniciarmos os trabalhos relativos à elaboração do glossário etnoterminológico ora proposto, conversamos inicialmente com as lideranças locais de cada comunidade em que atuamos, bem como com os colaboradores deste estudo a fim de obtermos permissão para o desenvolvimento deste estudo. No decorrer destas conversas, foram realizadas discussões acerca da importância e necessidade do registro etnoterminológico da fauna e a produção do glossário, como ferramenta auxiliar no ensino de língua materna e no processo de revitalização, fortalecimento e manutenção da língua e cultura Paresi. Diante disso, as informações culturais, linguísticas e antropológicas disponíveis no decorrer desta discussão foram obtidas a partir do consentimento fornecido não somente pelos membros das comunidades em que atuamos, como também pelas lideranças locais e colaboradores do nosso estudo, sendo estes obtidos a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que expomos informações detalhadas relativas a elaboração deste trabalho, bem como os benefícios e possíveis prejuízos advindos da participação nesta pesquisa. Para além disso, tivemos sempre o respeito e cuidado de solicitar aos nossos colaboradores a permissão para utilização das informações a nós repassadas na elaboração do glossário ora proposto, bem como na construção de estudos posteriores.

Antes de prosseguirmos a exposição detalhada acerca dos especialistas que atuaram como colaboradores deste estudo, se faz necessário um breve esclarecimento quanto à questão de tradução dos termos comumente adotados nas práticas culturais desenvolvidas por estes em suas comunidades. Entre estes termos, destacamos os itens relativos a benção, rezas, oferendas, entre outros (termos comumente associados ao cristianismo e as demais religiões díspares as práticas culturais dos povos indígenas). Conforme Aroni (2021, p. 10), toda e qualquer tradução acarreta uma escolha, a vista disso, a escolha destes termos está intimamente relacionada ao contexto de utilização e significado destes no seio da sociedade Haliti. Realizada estas considerações, nos dedicaremos a partir das seções subsequentes a exposição minuciosa acerca dos *wamohaliti* ‘sábios’ envolvidos na elaboração e construção deste estudo. Assim, iniciamos esta exposição delineando os seguintes especialistas: *Iyawitseko* (Caçador) (cf. seção 3.3.1); *Zeratiyatane* (Cantor) (cf. seção 3.3.2); *Zakainakatyare* (Contador de narrativas orais) (cf. seção 3.3.3); *Waidyatane* (Pajé) (cf. seção

3.3.4); *Zoimiazawenakitsasehalo* (Parteira) (cf. seção 3.3.5) e *Zaotyakitsatidyoye* (Professores), bem como a relação destes com o campo semântico abordado neste estudo.

### 3.3.1 *Iyawitseko* (Caçador)

Os *Iyawitseko* (caçadores) são definidos na sociedade Paresi como especialistas cujo conhecimento encontra-se relacionado ao *oliti* (caça). Este grupo de especialistas é composto exclusivamente por homens de diferentes idades, considerados exímios conhecedores das práticas relativas à arte do *katsa* (caçar), cujo conhecimento é adquirido desde a mais tenra idade a partir do convívio com outros mestres dos saberes e anciões da comunidade. Estes especialistas atuam em todas as ocasiões em que seus conhecimentos são solicitados, seja no dia a dia da comunidade ou em ocasiões consideradas sagradas para o povo Paresi, a exemplo das festas tradicionais *oloniti kalorese* (festa da chicha grande), *hotxikoatiro* (resguardo da menina moça<sup>27</sup>) e a atribuição de nome as crianças recém-nascidas que ainda não o possuem, como forma de suprirem suas necessidades individuais e coletivas. Nestes contextos, costuma-se caçar e consumir os seguintes animais: porco queixada, veado, catete, macuco, jacu, mateiro, paca, cutia, entre outros, sendo vedado o consumo de animais como: macaco, onça, quati, tatu canastra, capivara, jacaré e animais concebidos como sagrados na cosmologia Haliti:

É...os animais que a gente come pra consumo e tem vários tipos de animal que a gente não come, que **os Paresi não come, por exemplo, macaco e onça, quati, esse tatu canastra...tem capivara, o jacaré, tem vários animais que os Paresi não come** porque cada nação indígena é... uma vez um outro índio veio la do Juína, o menino Luciano andou com ele no mato, ele viu macaco (eles comem), aí ele falou pro irmão do Luciano: “vamo matar esse macaco pra nós assar ele pra nós comer?”. Já pensou pra matar ele pra levar pra comer, aí Giovanni falou pra ele: **“Não, o Paresi não come**

---

<sup>27</sup> Sobre isso, PEREIRA (1986, p.102) ressalta que: “[...] Quando uma mocinha tem a primeira menstruação, conta para a mãe. Logo recolhem a mocinha menstruada (*hixikwatiru*) ao quartinho de reclusão, feito de palha, dentro da casa da família da mocinha. Ali fica aos cuidados da mãe. A mocinha só pode comer lá pelo meio-dia. Come peixinho, beiju e bebe chicha. Não come carne de anta, senão morre. Nem de tatu, senão fica feia e envelhece logo, porque antigamente o tatu era um velho; nem de veado, a não ser um pedacinho de corça novinha; nem carne de gado, porque senão aumenta mais o sangue catamenial. A mocinha não pode ficar no escuro. Dorme sempre acompanhada de uma irmã, para um homem-da-água não vir mexer de noite com ela. Ali mesmo no quartinho de reclusão, toma banho muitas vezes, sempre com uma cuia, para ficar alva, gorda e bonita. Se não tomar banho, fica magra. [...] A gente não pode falar muito com a mocinha reclusa, porque senão ela fica fuxiqueira. Para tirar a mocinha da reclusão, fazem uma festa. A mocinha não pode comer gordura enquanto as mulheres preparam a chicha da festa, senão a chicha apodrece. No último dia de festa, dois homens acompanham a mocinha até a água, passam a espuma da batata de jalapa-branca no corpo da mocinha e ela toma banho logo em seguida. [...] Nas menstruações subsequentes, a mocinha toma banho com uma cuia fora da água. Haliti diz que se a mocinha tomar banho dentro da água, um homem-da-água flecha e o sangue não para. Também se ela tiver relação sexual nesse tempo, fica louca. E, se um homem se senta perto de uma mocinha menstruada, fica louco”

**macaco, nós vamos caçar o porco queixada!**”. Eles tava caçando né...aí cada nação o consumo de animal é diferente, muitas vezes quando assim no encontro eles ve nosso artesanato, como vocês consomem esse animal ou vocês comem ou vocês matam, só pega pena, osso e o couro você joga na...tem várias que a gente não consome né. tem várias que a gente não come. Isso acho que cada etnia tem consumo diferente né...é, muitas vezes a gente encontra outros parentes eles pergunta né... como você ta perguntando qual animal que vocês comem mais? **Porco queixada, veado, catete, macuco, jacu, mateiro, paca, cutia tem vários também a gente come. tatu galinha, tatu bola, esses são nosso consumo, jabuti, tudo que a gente come, os Paresi come, isso nosso consumo né.**

(C7 + CAÇ, 2023, grifos nossos).

[...] isso muitas vezes os velhos fala né...tem algum que sagrado, tem algum que não. **Os sagrados hoje e os velhos fala gavião real e arara vermelho,** só que assim mesmo alguns come...pra não perder a carne a gente come né...tem outros animal que pra consumo a gente não mata né, aí ele tem o espírito mais forte...esse o **ganso branco**...esses são a gente não come porque **eles são sagrado né**...isso que nós guardava dieta junto com eles né.

(C7 + CAÇ, 2023, grifos nossos).

A *omazeta* (prática da caçada), ocorre em diferentes lugares, como as *koloho* (matas) e *matse* (campos). Os *Iyawitseko* ficam acampados, definindo assim os locais em que atuarão, a quantidade de horas destinada aquela empreitada e estabelecendo a relação com os espíritos – donos dos animais que serão disponibilizados para suprir as necessidades dos indivíduos, tornando estes alimentos mais acessíveis e abundantes. Neste sentido, cabe frisar que a *omazeta* é orientada por um princípio bem delimitado que deve ser seguido à risca a fim de obter-se sucesso na empreitada: o oferecimento do animal caçado para seu respectivo dono. Na cosmologia Haliti, a necessidade de oferecer o alimento caçado é primordial, haja vista que cada animal/grupos de animais pertence a determinado dono espiritual:

[...] **cada animal tem um dono né...por exemplo capivara ele tem outro dono, porco queixada ele tem outro dono, veado ele tem outro dono. Cada animal ele tem dono, e o porco queixada o dono dele é Toloa, vamos dizer é um velho que vive no mato, ele é, aquele ali é responsável do porco queixada, por isso que a gente tava falando né... você tem que ta benzendo, e por exemplo, você ta falando de oli né...eu vou pegar porco queixada, eu vou benzer ele, aí Toloa vai tá ciente, nós comemos tudo junto né...aí você não vê o Toloa aqui com o meu porco, amanhã eu volto de novo ele vai oferecer para mim matar de novo, ele tá ciente né.** Agora ele não é aquele *hoze* que eu vou deixar o mesmo que você vai lá encontrar, o mesmo animal que você vai encontrar [...].

(C7, 2023, grifo nosso).

[...] significa **oferecer, pro dono das emas e do veado, para ficar mais fácil pra matar caça**, pedindo **pro dono da caça**, isso é *fetatyati*, por isso que a gente fala, aquela onça, nós falamos de onça, pra isso que está oferecendo, porque **onça é dona da caça, xini**, por isso que quando você vê rastro de onça você não pode falar, ah é onça, senão ela vai assustar você, caso você vê rastro de onça, aí você fala, ah, aqui andou *Katomorese*, daí ele gosta que você falou dele.

(ARONI, 2011, p. 39).

A partir do recorte da fala de C7 obtida a partir de entrevista realizada em campo (cf. apêndice II), colaborador deste estudo, percebemos então que cada animal possui um *waikate* (dono) ou *zekohatese* (líder, chefe), compreendido pela cosmologia Haliti para além do sentido restrito das relações de posse, implicando assim uma relação de mediação, controle, proteção e responsabilidade, constituindo assim a base para [...] a sobrevivência, continuidade e vitalidade [...] (ARONI, 2021, p. 34) dos indivíduos. Percebe-se assim, que a mediação e o tratamento do alimento disponibilizado por meio da realização de *fetatyati* (oferendas) esta intrinsecamente ligado ao modo de evitar indisposições em diferentes níveis com os donos/chefes dos animais. Esta prática é comumente encontrada em outras culturas, a exemplo dos *Makuna*<sup>28</sup>, em que o ato de matar um animal é compreendido como um a relação de troca revitalizadora (ARHEM, 1996, p. 186), e dos *Kuikuro*<sup>29</sup>, quando ao realizarem uma pescaria coletiva,

[...] proferem uma longa encantação em que enunciam os nomes de todos os donos da água e solicitam que não ajam de forma predatória (...) nem escondam seus peixes, visando produzir uma disposição generosa dos donos, levando-os a abrir mão de seus preciosos bens. (FAUSTO,2008:339).

Comumente, a cosmologia Haliti delimita diferentes tipos de espíritos, classificados a partir de sua localização no território, são eles: *Yakane/Yakanero* (a gente da água ou do mundo subaquático), *Toloa* (pai do mato), *Enoharé / Enero* (dono dos animais do campo) e *Ahózay* (dono da queixada grande). Neste sentido, conhecer o território em suas diferentes faces (visível e invisível) é extremamente relevante, haja vista que a compreensão deste está intimamente relacionada com a qualidade das relações a que os Paresi estão expostos. Um exemplo claro disso é, ao chegarem na cabeceira de determinado rio ou ao chegarem em casa após uma caçada,

---

<sup>28</sup> Povo que vive às margens do rio Uaupés e seus afluentes – Tiquié, Papuri, Querari e outros menores. Conforme informações obtidas a partir do Instituto Socioambiental (ISA), estes integram atualmente 17 etnias, muitas das quais vivem também na Colômbia.

<sup>29</sup> Língua falada por um povo de mesmo nome pertencente à família linguística Caribe, localizados na porção sul do Parque Indígena do Xingu, no estado do Mato Grosso.

sabem, que devem oferecer algo para seu respectivo dono, por exemplo: chicha, tabaco, mandioca, etc. Caso não sejam realizadas oferendas a estes donos, estes podem se indispor com os caçadores e com os indivíduos que porventura venham consumir este alimento, enviando-lhes uma série de castigos como doenças e outros malefícios, conforme observado no recorte em destaque da narrativa “*As caças têm dono*”, registrada em Pereira (1987, p. 723): [...] **O Dono da caça quebrou a flecha de ponta denteada, matou o caçador, partiu em pedaços e pôs no jirau de moquear caça. Fez isso, porque, quando o caçador comia carne e bebia chicha, não oferecia a *Enoré*<sup>30</sup> e às almas.** Deve-se assim, segundo Aroni (2021, p. 17) “[...] estabelecer uma aliança através da oferenda e compartilhamento, buscando a pacificação do dono com relação à sua presença”. Esta prática ocorre desde os antepassados, conforme observado no recorte da *idyaete* (categoria de expressão verbal abrangente cujo significado se encontra relacionado a palavra, mensagem ou história, utilizada para comunicação com os espíritos) que discorre acerca do surgimento dos animais de caça que viviam no campo:

---

<sup>30</sup> Ser supremo compreendido na cosmologia Haliti como espírito criador de todas as coisas.

Quadro 02: *Idyate* sobre o surgimento dos animais de caça que viviam no campo

[...]	[...]
<i>Eaotseta...</i>	Então...
<i>Ozaka nehena...</i>	Já foi...
<i>Aikiyawa hena...</i>	Assim ele mandou os animais no campo...
<i>Wazare...</i>	Wazare...
<i>Atiyolotihowero henoyere maheta...</i>	Para oferecer com chicha de polvilho...
<i>E aotseta...</i>	E assim...
<i>Ozaka, e aotseta maika jiehena nomani</i>	Agora vocês podem fazer caçadas para mim,
<i>Atiyolotihowero henoyere maheta, maika</i>	para
<i>jiehena</i>	oferecer com chicha de polvilho, podem caçar
<i>nomani, ozaka alawere tyokere, alawere</i>	todas as
<i>wahere,</i>	caças, ema, veado, seriema, tatu peba, perdiz,
<i>ozaka iyehena nomani, ahiyanare ozaka</i>	para
<i>jiehena</i>	fazer oferenda, vocês vão caçar no campo de
<i>kamolo totoloji iyehena nomani</i>	chumbo
<i>nonatytorenae,</i>	[koretse], no campo de mangava, no campo de
<i>nazaitse nae Atiyolotihowero henoyere</i>	barbatimão, nesses campos ficam todas essas
<i>maheta,</i>	caças,
<i>matawa hokwakota, koretsewinyakwata</i>	meus cunhados, meus sobrinhos, para oferecer
<i>maika</i>	com
<i>jiehena nomani...</i>	chicha de polvilho...
<i>Nonatytorenae...</i>	Meus cunhados...
<i>Eaotseta...</i>	Então...
<i>Maika jiehena nomani ...</i>	Pode pegar para mim...
<i>Atiyolotihowero henoyere maheta...</i>	Para fazer oferenda de chicha de polvilho...
[...]	[...]

Fonte: Aroni (2021, pp. 79-80).

A *idyate* exposta acima narra o surgimento dos animais de caça do campo. Conforme a cosmologia Haliti, inicialmente, não havia animais no campo, apenas “misturas” que não eram significativas, feitas de pó de madeira, areia vermelha e larvas. Com isso, *Wazare* solicita a seus

filhos a realização de *fetatyati* (oferendas) a fim de se criarem os animais do campo. A partir disso, os animais são criados-transformados e ordenados a viverem nos campos. Neste sentido, os animais de caça são então compreendidos como resultado de transformações de indivíduos Haliti, sofrendo em seus corpos um processo de metamorfose, assumindo assim uma identidade distinta, conforme elucidado na fala a seguir:

[...] veado era pessoa nossa, ema era pessoa nossa, Wazare fez eles virarem animais, igual Kokotero, que Wazare mandou os filhos dos outros, como ema esticou o pescoço, esticou a perna, mandou ele pra fazer a oferenda mesmo, pra flauta mesmo, veado mesma coisa. (ARONI, 2021, p. 78).

Quando primeiro Wazare mandou filho dele pra matar o veado, com embaya na frente, quando viu ele correu, aí ele voltou: Papai, eu vi ele correu, tira o embaya, vai sem embaya nele. Daí tirou o embaya, foram sem o embaya nele, devagar, chegou até no veado, atirou no veado, acertou, gritou, gritou igual grito de gente, ahhh, ahhhh, gritou. Aí ele voltou: Papai, eu matei o veado, mas ele grita igual a gente mesmo [...]. (ARONI, 2021, p. 79).

Algo considerável a se destacar quanto a estes especialistas é a intrínseca relação estabelecida entre estes e os termos relativos ao campo semântico da fauna, os quais são utilizados diariamente quer no suprimento das necessidades individuais, quer nas necessidades coletivas das comunidades *Haliti*, como na realização das festas tradicionais anteriormente mencionadas no decorrer desta subseção. Esta intrínseca vinculação contribui eficazmente para a inclusão destes exímios mestres do *oloti* na construção deste estudo.

### 3.3.2 *Zeratiyatane* (Cantor)

Considerado um especialista de extrema relevância na cultura Paresi, os *Zeratiyatane* (cantores) são descritos como exímios mestres rituais conhecedores dos *zerati* (cantos) e *idyaete* (rezas) evocados durante as práticas rituais relativas às festas tradicionais. Este grupo de especialistas é composto majoritariamente por homens de diferentes idades, considerados notáveis conhecedores da cultura tradicional, dos *zerati* (cantos), dos locais e narrativas sagradas, interlocutores com os ancestrais, com os seres espirituais e responsáveis pela transmissão desse saber às novas gerações.

Consoante ao nosso colaborador, sinalizado no quadro 01 como C1, estes atuam em todas as ocasiões em que seu canto e música são importantes e solicitados, a exemplo das festas *oloniti kalorese*<sup>31</sup>, traduzida pelo termo composto ‘festa tradicional’. Em termos literais, esta categoria está associada a “chicha grande”, em que o termo *oloniti* remete tanto ao ritual de passagem relativo à atribuição do nome espiritual à criança recém-nascida (*maiare*) como forma de garantir-lhes saúde e proteção e o momento final que marca o período de reclusão da menina-moça e seu retorno ao convívio social de sua família e comunidade, quanto a chicha, bebida tradicional produzida a partir da mandioca brava e da mastigação da massa e saliva das mulheres a fim de acelerar seu processo de fermentação.

Comumente, os cantos ocorrem no interior das *Hati* (casas tradicionais), a exemplo dos cantos associados ao *zolane* (uma dança circular masculina e feminina) (cf. Apêndice III). Outro conjunto de cantos ocorre no pátio das aldeias, a exemplo dos associados às diferentes flautas *iyamaka* (dançada apenas por homens enfileirados). Para além destes, há um conjunto de *zerati* (cantos) e *fehanati* (benzenções) que não podem ser cantados e/ou gravados fora do contexto dos rituais sagrados. Caso esta regra seja desrespeitada, o indivíduo poderá atrair fatalidades para si, como acidentes, queda de raios, ou picadas de animais peçonhentos como as cobras e escorpiões (ARONI, 2015, p. 36).

Conforme Aroni (2021), os cantos comumente ocorrem da seguinte forma: há sempre um “puxador” responsável por iniciar o canto, que é respondido estrofe por estrofe pelos demais cantores, enfileirados na corrente de dança circular presente no interior das casas ou no centro dos terreiros. Concernente ao seu conteúdo semântico, estes comumente abordam aspectos relativos à visão de mundo Haliti, com atenção ao modo como

[...] enxergam e agem sobre o mundo, o território e meio-ambiente que habitam [...]. (ARONI, 2021, p. 57), [...] as histórias dos antepassados que já morreram, espíritos que habitam patamares distintos<sup>32</sup> e mantêm os hábitos Paresi, principalmente a realização de festas com o consumo de chicha. (ARONI, 2011, p. 51).

---

<sup>31</sup> Festa da chicha (bebida fermentada feita a partir da mandioca, milho, batata ou frutas, cujos nomes podem variar: cauim, caxiri, caissuma ou chicha, sendo este último o nome utilizado pelos Paresi) (ARONI, 2015, p. 4).

<sup>32</sup> Na cosmologia Haliti, estes patamares distintos estão associados as aldeias celestes, descritos como um lugar semelhante as aldeias terrestres habitadas pelos Haliti, com extrema abundância, beleza e contentamento, habitada por espíritos dos antepassados, conforme evidenciado em Aroni (2021, p. 51-52): “[...] é um lugarzinho lindo, as flores bonita, rios cheios de peixe, tem caça, chicha, cada lugar tem uma festa que não acaba, sempre na festa, você entrou naquele lugar e você esquece, não volta mais; com alegria, te recebem la, cumprimentando, passeando... não volta mais; lá o pessoal é espírito”.

Para além disso, os cantos evocam narrativas de origem, a exemplo da narrativa de *Kokotero*, relativa ao surgimento da mandioca, alimento indispensável ao povo Paresi, utilizado na preparação das festas tradicionais e na preparação de alimentos, tais como a chicha, beiju e farinha, e as narrativas relativas ao surgimento dos animais de caça<sup>33</sup>, que constituem, de semelhante modo, a base da alimentação utilizada no dia a dia e durante as festas tradicionais. Um exemplo deste é o canto associado ao *Txinikalore* ou *txinikiyalore* (onça grande), conforme observado no quadro abaixo:

Quadro 03: Recorte do canto *Txinikalore*

<i>Aliyakokane abe, aliyakokane abe, kawetekone abe, aliyakokane abe, kawetekone abe.</i>	Onde é vó, onde é vó, o terreiro dela, onde é vó, o terreiro dela.
<i>Hatiyo <b>txinikiyalore</b>, hatiyo <b>txinikiyalore</b>, Aliyakokane abe, Aliyakokane abe, kawetekone abe.</i>	Daquela <b>onça grande</b> , daquela onça grande, onde é vó, onde é vó, o terreiro dela.
<i>Aliyakokane abe, Aliyakokane abe, kawetekone abe, wakatolikwaretiya, wahatiyokoenaehene.</i>	Onde é vó, onde é vó, o terreiro dela, nós podemos nos vingar da morte de nosso avô.
<i>Tiyokoenaehene, wakatolikwaretiya, Aliyakokane abe, kawetekone abe, <b>txinikiyalore</b> abe.</i>	Vamos nos vingar da morte de nosso avô, onde é vó, o terreiro dela, daquela <b>onça grande</b> .
<i>E notxietenae, ohidiyonatse notxi, idikiyati no notxi hatiyokoenaene, hatiyo kanoliatiya.</i>	Meus netos, a onça fêmea, podem achar no tempo do [...]
<i>hatiyozowakiya no kamaeka no meketse, há [...].</i>	fogo, naquele tempo, no meio da seca, o seu avô foi devorado [...].

Fonte: (ARONI, 2021, p. 176).

O canto apresentado acima é extremamente apreciado pelos Paresi, haja vista que está associada aos quatro irmãos curadores habitantes das aldeias celestes: *Wakomoné*, *Wazulié*,

<sup>33</sup> Relação intrínseca com os caçadores.

*Kerakwamã* e *Wazolokoyhiraré*, dotados de poderes relativos à cura, ativados pela realização de *fetatyati* (oferendas). Resumidamente, o canto aborda a morte dos pais dos quatro irmãos ocasionada pela onça grande e pelo gavião, e como estes, decidem então vingar a morte dos pais por meio dos ensinamentos transmitidos pela avó. Um dado relevante a esta discussão é a intrínseca relação estabelecida entre os cantos sagrados e as narrativas orais. Consoante a Aroni (2011), estes são apontados como formas musicais das narrativas orais conhecidas pela comunidade Paresi, porém, com uma linguagem diferenciada, sendo, em grande parte, os termos cantados, pertencentes ao que o autor denomina "língua antiga"<sup>34</sup>, cujo conhecimento é majoritariamente restrito e privilegiado aos mais velhos e mais sábios. Esta "linguagem antiga", é segundo o autor "[...] metaforizada e ritmada nos cantos rituais [...] (ARONI, 2011, p. 79), tornando-as um elemento de mistério e poder, cuja compreensão total é restrita aos mais sábios". Ainda segundo o autor, os próprios cantores falam, que ao se aprender uma narrativa, se aprende junto a ela o canto, sendo estes repassados de geração em geração.

Consoante ao nosso colaborador C1 e Aroni (2011), o aprendizado acerca do repertório dos cantos sagrados ocorre voluntariamente, sendo comumente repassado pelos mestres dos saberes cosmológicos a todos os indivíduos que manifestam interesse em seu aprendizado e no desenvolvimento desta especialidade. Atualmente, conforme constatado em campo durante nossa participação em uma festa tradicional na comunidade Santa Vitalina (SV), em que tivemos oportunidade de dialogar com um grupo de cantores, fomos informados que há um número limitado de mestres rituais conhecedores dos cantos relacionados às práticas ritualísticas e socioculturais do povo Paresi, os quais, mostram-se cada vez mais preocupados frente as grandes mudanças relativas à manutenção dos seus costumes. Percebemos, a partir destes diálogos, além da preocupação, o empenho que tem dedicado a transmissão destes conhecimentos as gerações mais jovens através da oralidade, como forma de preservação da sua língua, cultura e afirmação da sua identidade, tendo em vista que na atualidade, esta função encontra-se atrelada substancialmente aos falantes mais velhos e pajés das comunidades Paresi.

Com base nas informações expostas nesta subseção, compreende-se que a existência dos *Zeratiyatane* e a função desempenhada por estes nas comunidades Paresi exercem, como

---

<sup>34</sup> Conforme Aroni (2011, p. 37), "Os Haliti utilizam o termo "palavras científicas" para designar àquelas cujo conhecimento é especializado e restrito aos anciãos. Explicam que os termos, parcialmente em desuso, fazem parte da linguagem como aprendida e conhecida pelos anciãos, que hoje é atualizada na transmissão das artes verbais. Os mais jovens, talvez por desconhecer grande parte dos termos e nomenclaturas contidos na linguagem das artes verbais e rituais, se referem à estas como linguagem dos antigos. De fato, trata-se de um repertório somente conhecido por um número seletivo de pessoas, cuja exegese depende de longo período de aprendizado e vivência ritual, restringindo-se assim aos mestres da etnia".

destacado em Aroni (2011, p. 44) “[...] um papel de suporte para a memória [...]”, haja vista que os cânticos sagrados entoados atualmente são formas que remetem aos seus antepassados e a sua gênese. Ademais, a arte verbal produzida por estes especialistas evoca constantemente elementos de extrema relevância para o desenvolvimento deste estudo, a exemplo do canto associado ao *Txinikalore* (cf. quadro 03) e de termos adicionais relativos à fauna, bem como para a compreensão dos aspectos cosmológicos indispensáveis ao entendimento, manutenção e valorização da língua e cultura *Haliti* em seus múltiplos aspectos.

### 3.3.3 *Zakainakatyare* (Contador de narrativas orais)

Os *Zakainakatyare* ou contadores de narrativas orais são descritos como exímios conhecedores dos aspectos cosmológicos relativos à língua e cultura Paresi. Nesta sociedade, as narrativas ocupam um lugar de destaque, constituindo “[...] a base para o conhecimento e percepção sobre o mundo [...]” (ARONI, 2011, p. 76). Este grupo de especialistas é composto majoritariamente por homens, pertencentes à geração mais velha, possuidores de amplos conhecimentos cosmológicos relativos a diversas temáticas.

Em relatos obtidos a partir de entrevistas com nossos colaboradores C1 e C2, verificamos que nem todos os indivíduos podem contar as narrativas, sendo esta prática restrita a grupos específicos, os quais gozam de amplo prestígio dentro de suas comunidades, sinalizando dessa forma, um alto índice de poder e conhecimento, a exemplo do pajé e cacique, considerados os mais sábios e especialistas no domínio da arte de falar e do narrar, haja vista que estes sabem os ensinamentos contidos por detrás de cada narrativa relativas ao modo de ser, estar e permanecer no mundo dos *Haliti* (ARONI, 2011, p. 80).

Quanto à prática do narrar, é necessário ressaltar que há sempre um narrador (figura principal) e um público ouvinte, composto em sua maioria por homens, mulheres, jovens e crianças de diferentes idades. Ouvem-se as narrativas impreterivelmente à noite ou pela madrugada (segundo os costumes originários), no interior das *Hati* (casas tradicionais).

No decorrer da nossa primeira viagem de campo realizada à comunidade Santa Vitalina (SV), localizada na TI Rio Formoso, tivemos oportunidade de participar de um momento relativo à exposição de narrativas orais, contadas pelo colaborador C1, conforme observado no registro a seguir:

Figura 14: Registro da contação de uma narrativa oral na comunidade Santa Vitalina



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022).

Concernente ao seu conteúdo semântico, as narrativas, bem como as formas verbais transmitidas por estes especialistas contêm em si um amplo conhecimento acerca de diferentes temáticas, priorizando especialmente a origem das coisas do mundo, da natureza, do surgimento dos animais, vegetais, pessoas, espíritos e artefatos. Outros fragmentos destas narrativas contemplam temáticas relativas a ciúmes entre os irmãos, netos que mataram a avó, construção da casa tradicional, atos de vingança, entre outros, os quais são transmitidos oralmente no cotidiano e na realização das festas tradicionais através da contação e narração (categorias consideradas distintas pelo povo Paresi). A fim de exemplificar este comentário, apresentamos a seguir um recorte da narrativa de origem oriunda da história de vingança de *Xinikalore*, cuja temática é utilizada para explicar a origem da mancha de sangue no peito de *Wakomoné*, concebido como um dos principais espíritos-curadores do povo Haliti.

Quadro 04: Recorte narrativa *Xinikalore*

<p>[...]  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>  <i>Nehenaho hatiyo nehena hatiyo, katozani kato</i>  <i>Kerakwamã, katozani katozani Wazolie.</i>  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>  <i>Nowaeyaha hatiyo no hatiyo, maetsakore maetsakore</i>  <i>hiyaeya, timala timala hitikiyola.</i>  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>  <i>Maetsakore maetsakore hiyaeya, timala timala</i>  <i>hitikiyola, maetsatiya maetsatiya hotitene, hatiyotaha</i>  <i>hatiyota Kerakwamã, Wazolie Wazoli Wazoliye.</i></p> <p><i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>  <i>Hetati hetati zowakiya, txinikiyalo zaetsakazowakiyere, timala timala hitikiyola.</i></p> <p>[...]  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>  <i>Mayetsakore, mayetsakore jiaeya, wiikyioke, wikyioke</i>  <i>hetyikola, timiyala, timiyala hetyikola, Wakomoné,</i>  <i>Wakomoné, Wakomoné hetyikola.</i>  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>  <i>Hetatyi, hetatyi zowakere, oloyhatyo, oloytxinikalôre,</i>  <i>Zaitsaka, zaitsaka zowakere, tyihimala, tyihimala</i>  <i>hetyikola.</i>  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i></p> <p>[,,]</p>	<p>[...]  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>          Assim foi, meu irmão Kerakwamã, meu irmão          Wazolie.  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>          Eu o vi, você não viu o peito dele, está cheio de sangue.  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>          Você não viu o peito, é cheio de sangue, eles são          Kerakwamã e Wazolie.</p> <p><i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>          Desde o princípio, que eles mataram as onças grandes, ficaram com esse sangue no peito.</p> <p>[...]  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>          Vocês não estão vendo, vocês não estão vendo, o peito do nosso tio cheio de sangue, o peito cheio de sangue de Wakomoné, o peito de Wakomoné.  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>          Desde a época do surgimento, daquela onça grande, desde que foi causada sua morte, o peito dele está cheio de sangue.  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i></p> <p>[...]</p>
--	--

Fonte: Aroni (2021, p. 137-197).

A narrativa exposta acima é derivada da história de vingança contra o *Xinikalore*, ou a onça grande (jaguar), cuja temática recai sobre a origem da “mancha vermelha” no peito de *Wakomoné*, semelhante a mancha encontrada no peito de uma espécie de pica pau vermelho.

Esta característica física do pássaro está associada à sua origem, quando os irmãos *Wakomoné*, *Kerakwamã* e *Wazolie*, após serem engolidos por *Xinikalore*, cortam sua costela, fogem e ficam com os peitos manchados de sangue do animal. Outro exemplo pode ser observado no fragmento que narra a origem das características físicas do gavião, animal considerado sagrado na cultura Paresi, haja vista que suas penas são empregadas na confecção das *korewayese* ‘flechas de curar’.

Quadro 05: Recorte da narrativa das origens das características físicas do gavião

<p>[...]  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>  <i>Watomaniya tauna, watomaniya tauna,</i>  <i>jininaehe</i>  <i>zanane, katore zoimiyanae, katore</i>  <i>zoimiyanae.</i>  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>  <i>Onemaniya tauna, onemaniya tauna,</i>  <i>kohatsenae</i>  <i>zanane, katore zoimiyanae, katore</i>  <i>zoimiyanae.</i>  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>  <i>Totere no e tauna, kokoeniyae zanane,</i>  <i>katore</i>  <i>zoimiyanae, katore zoimiyanae.</i>  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>          [...]</p>	<p>[...]  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>          O galho da esquerda, o galho da esquerda,          é o          jenipapo das onças, meus irmãozinhos,          meus          irmãozinhos.  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>          O galho ao lado do rio, o galho ao lado do          rio, é o          jenipapo dos peixes, meus irmãozinhos,          meus          irmãozinhos.  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>          O galho do meio, o galho do meio, é o          jenipapo dos          gaviões, meus irmãozinhos, meus          irmãozinhos.  <i>Há-a-há-há... a-há-a-há-há... a-há...</i>          [...]</p>
--	--

Fonte: Aroni, (2021, p. 128).

O recorte da narrativa exposto acima apresenta a história de vingança dos gaviões, que decidem se vingar das cobras devido ao assassinato de uma pessoa. Como represália, os gaviões coletam diferentes galhos de jenipapo para se pintarem. Os galhos da esquerda pertenciam as

onças, os da direita aos peixes e os localizados no meio pertenciam aos gaviões. Realizada as coletas, começam a pintura. Como resultado, alguns ficam “bem pintados” e outros “mal pintados”. Aqueles que ficaram “mal pintados” são os que até hoje se alimentam das cobras, haja vista que ficaram insatisfeitos com suas pinturas, travando assim uma guerra eterna com estes répteis como forma de punição.

Como comentado anteriormente, as narrativas difundidas pelos *Zakainakatyare* versam sobre diferentes e variadas temáticas. Algo interessante a se destacar nas narrativas transmitidas por esses especialistas é a presença abundante de termos relativos ao campo semântico sobre o qual este estudo tem se proposto a investigar, o que valida a relevância da investigação acerca do campo semântico da fauna, bem como a participação destes mestres dos saberes cosmológicos na elaboração deste estudo.

#### 3.3.4 *Waidyatare* (Pajé)

Estabelecido como um conceito amplo, a definição de pajé varia de etnia para etnia. Este é comumente descrito como o indivíduo que nasce com a capacidade natural de realizar cura (prática que deve ser desenvolvida no decorrer da vida) por meio da dedicação pessoal e respeito a uma série de restrições comportamentais. Na sociedade Paresi, a concepção de pajé está atrelada a uma figura de extrema relevância, sendo descrito como o indivíduo “[...] cujo espírito detém a capacidade de curar e se comunicar com outros espíritos” (ARONI, 2011, p. 64). Este grupo de mestres dos saberes cosmológicos é composto em grande parte, por homens de diferentes idades (comumente, indivíduos mais velhos), contudo, esta especialidade não é restrita a estes, havendo, ainda que em número reduzido, mulheres que exercem esta função.

Conforme informações obtidas a partir de relatos fornecidos por C1 (colaborador deste estudo que exerce as funções de cantor, contador de narrativas orais e pajé em sua comunidade), na comunidade Haliti, o *Waidyatare* é retratado como o indivíduo que nasce com o dom natural de realizar cura, porém, este deve ser desenvolvido constantemente no decorrer da vida. Para além disso, nosso colaborador nos relatou que o indivíduo possuidor deste dom deve ser escolhido para desempenhar tal função por um espírito ancestral por meio de um sonho (mais detalhes sobre isso não foram fornecidos). O indivíduo que recebe o sonho deve observar e respeitar uma série de restrições, além de praticar continuamente os ensinamentos que lhe são

transmitidos pelos *utyahaliti* (espíritos dos antepassados que auxiliam os pajés na cura dos doentes), caso contrário perderá o dom recebido.

Ainda segundo C1, o *Waidyatare* é um exímio conhecedor acerca dos diferentes aspectos culturais e sociocosmológicos do seu povo; possuidor de um amplo conhecimento acerca das plantas medicinais (folhas e raízes) e partes de animais comumente empregados na cura de enfermidades naturais e espirituais. Além disso, é responsável por intermediar a relação com os *utyahaliti* (espíritos dos antepassados) por meio de sonhos, *fehanatya* (pronunciamento de palavras com elevado índice de poder), cantos considerados sagrados, oferendas e *fehanati* (benzimentos, conhecidos por um número reduzido de pajés e anciãos<sup>35</sup>. Estes são empregados “[...] conforme sua finalidade específica, já que são realizados na presença das pessoas e direcionado a elas [...]” (ARONI, 2021, p, 47).

Conhecido por um número reduzido de pajés e membros mais idosos do povo Paresi, os *fehanati* (benzimentos) são amplamente utilizados nos seguintes casos: [...] para furúnculo, pra cortar febre, benzer chuva, benzer dor de dente, benzimento pra criança nova, pra mãe e o pai poderem sair fora [do resguardo], benzer pra menina moça pra poder tomar banho [...]. (AZOMEZOHERO, 2017), possuindo grande poder e eficácia de modo a influenciar no processo de cura de doenças e outros males espirituais dos doentes. Conforme Aroni (2021), é uma prática comum os pajés exigirem certo pagamento relativo à realização dos *fehanati*. Desta forma, a realização deste está atrelada a uma prática contextual, não podendo assim, ser realizado fora do seu contexto.

Comumente, as doenças são atreladas às questões espirituais, ocorrendo por meio de agouros e feitiços realizados tanto por outros seres humanos, quanto por habitantes do cosmo, a exemplo dos *tihanare* (*feiticeiros*), responsáveis pela morte<sup>36</sup>. O conceito de morte está associado na cosmologia Haliti com a *tsekohaliti* “mobilidade do espírito/alma” (ARONI, 2011, p. 56), que surge em um lugar espiritual, concebido nesta cultura como a aldeia celestial, um lugar semelhante as aldeias terrestres habitadas pelos Haliti, marcada pela abundância de

---

<sup>35</sup> Cabe destacar que apesar dos termos utilizados na descrição dos conhecimentos relativos ao *Waidyatare* (Pajé) serem considerados cristãos, estes são cotidianamente empregados pelo povo Paresi. A vista disso, quando possível, destacaremos os termos relativos a cada conhecimento em língua materna e apresentaremos sua equivalência em português entre parênteses.

<sup>36</sup> “A origem da morte aparece como resultado de um episódio da cosmogonia Paresi, o que indica que a imortalidade já foi uma condição dos seres humanos. Conforme JUS (cacique da comunidade Rio Formoso e exímio conhecedor dos aspectos tradicionais do povo Paresi), quando um Paresi morre, a alma vai para o lugar das almas. No caminho, precisa atravessar uma pinguela de sucuri e de uma cobra-preta, fazendo de corrimão. Paresi diz que o arco-íris pequeno-do-Sol-poente (*zákuti*) é o sinal daquela pinguela. (...)” (PEREIRA, 1986:306). Se foi um pecador durante a vida, o espírito não consegue passar, cai na água e é comido por *yákane*. (Justino/2011).

alimentos, festas, cantos e danças intermináveis, bem como pela imortalidade. Quando doentes, os Paresi recorrem ao pajé, que os trata por meio da utilização de banhos e remédios de plantas medicinais (prática usual) e muitas vezes de instrumentos, como o *walase* (chocalho exclusivo do pajé). Em caso de persistência ou agravamento de uma enfermidade, os indivíduos são encaminhados ao atendimento na rede pública de saúde. Apesar disto, nosso colaborador destaca que há casos em que somente o pajé pode atuar, a exemplo das doenças espirituais, quando por exemplo, uma criança apresenta insônia e choro durante a noite causadas por pesadelo. Por esta ser considerada uma doença de cunho espiritual, os pais da criança devem levá-la exclusivamente ao pajé a fim de que este lhe dê um banho a base de folhas específicas.

O processo de cura consiste em atrair para a comunidade, os *utyahaliti*, concebidos na cosmologia Haliti como espíritos curadores, responsáveis por “transportar” o espírito dos indivíduos enfermos, mobilizando-as de um lugar para outro. Para além disso, podem atuar como veículos anunciadores das doenças e auxiliares da cura, haja vista que quando um indivíduo adoece, diz-se que tanto sua alma, quanto seu corpo vagam perdidos, sendo estes os responsáveis por seu transporte. A cura ocorre a partir da incorporação destes em algumas espécies específicas de pássaros, nomeados respectivamente como: *xiritoá*, *waymare* e *tawiwise*, que por meio do pajé, realizarão os procedimentos necessários à recuperação do indivíduo.

O *tawiwise* (pássaro) quando desce no terreiro, não pode mexer com ele; ele tá trazendo alma do espírito que tá doente; ele traz doente que tá passando necessidade pro pajé curar, meu pai que é pajé que conta isso; se ele tá no terreiro não pode matar ele, porque ele é gente; é mesma coisa que *xiritoá*, é pequenininho (C1, 2023)

Estes procedimentos (de cura) ocorrem com base na evocação de *zerati* (cantos), *idyaete* (rezas) e preparações de banhos específicos. Conforme Aroni (2011, p. 55), há nas *hati* (casas tradicionais), um artefato que representa esta relação intrínseca e a presença destes auxiliares, a chamada [...] *korewaye* (= boa flecha), que ao contrário de *kore* (flecha de caça) não possui uma ponta. Esta encontra-se localizada junto ao esteio central das *hati*.

Conforme evidenciado no decorrer desta subseção, os *Waidyatare* são responsáveis, por estabelecerem comunicação com os *utyahaliti* por meio da utilização de diferentes artes verbais, dentre elas: *idyaete* (rezas), *fetatyati* (oferendas), *manati* (discursos cerimoniais), *fetalati* (associadas aos discursos realizados em grandes festas), entre outros. Os discursos evocados

por estes especialistas remetem a um extenso repertório de nomes associados aos artefatos culturais sagrados, aos seres habitantes do cosmo, aos antepassados, entre outros. Um aspecto interessante na composição destes discursos é a presença significativa de termos relativos ao campo semântico da fauna, conforme elucidado nos recortes da *idyaete* (rezas) expostas a seguir:

Quadro 06: *Idyate* relativa aos guardiões das flautas *Iyamaka*

<p>[...]  <i>E aotseta kaitسانيhitya himini waykyatyo halo,</i>  <i>himini waykyate hare, <b>owi kolonamare, owi</b></i>  <i>iyazenamare, kaitسانيhena ayalatyalo halo,</i>  <i>ayalatyare hare, niyahare maheta...</i>  <i>Kaitسانيhena...</i>  <i>E aotseta ozaka kaihonore, imerokwa, jana,</i>  <i>wazoloa anya kozaka kaitسانيhena himini waykyate,</i>  <i>hare maheta...</i>  <i>Nea ho...</i>  <i>E aotseta kaitسانيhitya himini waykyatyo halo, himini</i>  <i>waykyate hare, watehero nea <b>Kamalokwalo,</b></i>  <i>kaihonore kaitسانيhena, ozaka...</i>  <i>Himini waykyatyo halo, <b>manaha</b> kalore, hozaka</i>  <i>kaitسانيhena, <b>zakolokwa</b> kaitسانيhena jimini</i>  <i>waykyatyo halo, jiminy waykyate hare, ayalatyolo</i>  <i>halo, ayalatyare hare nyahare...</i>  <i>Abebenae...</i>  <i>Atyotyona...</i>  <i>Nea ho...</i>  <i>E aotseta kozaka kaitسانيhena ozaka jimini</i>  <i>waykyatyo halo, katsewetse winikikitse, nea ozaka</i>  <i>kaitسانيhena jimini waykyatyo halo, maheta wehero</i>  <i>nea ozaka kaitسانيhena...</i>  <i>Jikyautyakene zowakya...</i>  <i>Abebenae...</i>  <i>Atyotyona...</i>  <i>Nea ho...</i></p>	<p>[...]  Então teve outros filhos chamados cobra cascavel,  cobra bico de jaca, para serem guardiões, aqueles que  fazem chicha e deixa estragar, essas cobras podem se  vingar dessas pessoas...  Teve filhos...  E assim teve outros filhos, como os marimbondos  cacunda de ouro, marimbondo apiacá e outros  marimbondos, todos esses para serem guardiões...  Assim foi...  E então teve mais filhos, como a cobra boipeva,  marimbondo cacunda de ouro, para serem guardiões...  Ele teve mais filhos, lacraia, aranha, escorpião, para  serem guardiões, aqueles que fazem chicha e deixam  estragar, esses animais e insetos irão se vingar...  Minhas avós...  Meus avôs...  Assim foi...  Assim ele teve todos esses filhos para serem  guardiões, foi assim para não acontecer nada para as  famílias...  Assim foi desde o surgimento...  Minhas avós...  Meus avôs...  Assim foi...</p>
---	---

Fonte: Aroni (2021, p. 110).

O recorte da *idyate* exposta acima faz referência a diferentes espécies de animais que possuem uma carga elevada de veneno, cuja agência é disciplinadora (ARONI, 2021, p. 109),

como *owi kolonamare* (cobra bico de jaca), *kamalokwalo* (boi peva), *manaha* (lacraria), *zakolokwa* (escorpião), entre outros, considerados na cosmologia Haliti, guardiões da flauta sagrada denominada *iyamaka*, um artefato cultural de extrema relevância para o povo e cultura Paresi. Estes atuam de maneira disciplinadora quando, ao realizarem festas tradicionais, os Haliti não respeitam as regras relativas à realização destas, a exemplo do resguardo (abstenção sexual) entre homens e mulheres (independentemente do estado civil destes), desrespeito a dieta (abstenção de determinados tipos de alimentos) ou ausência de cuidado adequado com as flautas sagradas *iyamaka*.

Ao discorrer acerca da etnologia dos artefatos, mitos<sup>37</sup> e músicas entre os Paresi, Aroni (2011) destaca que por ser responsável pelo estabelecimento da comunicação com os *utyahaliti* (espíritos ancestrais que atuam por meio de animais), oferecimento de oferendas, ser amplo conhecedor das narrativas, rituais e cantos tradicionais em que constantemente verificamos a ocorrência dos termos investigados por este estudo, o *Waidyatare* é considerado um exímio especialista e detentor de saberes. Diante disso, a participação destes mestres dos saberes cosmológicos nesta pesquisa justifica-se devido sua intrínseca relação com os termos por nós investigados, conferindo-lhes um índice de extrema sabedoria e poder.

### 3.3.5 *Zoimiazawenakitsasehalo* (Parteira)

Dessemelhante aos demais especialistas expostos nas seções anteriores deste estudo, as *Zoimiazawenakitsasehalo* são representadas na sociedade Paresi por mulheres que atuam de modo exclusivo nos processos relativos à gravidez, incluindo cuidados relativos ao pré e pós-parto. Contudo, o cerne de sua função concentra-se efetivamente em auxiliar a gestante a parir através do parto natural. Conforme C8 e C9, colaboradoras deste estudo que exerceram por longos períodos esta função na comunidade Rio Formoso, diferentemente de outras especialidades como a exercida pelo *Waidyatare* (Pajé), a formação destas especialistas não se dá através do recebimento de sonhos, antes, é adquirida através do convívio com outras mulheres mais velhas que exercem/exerceram esta função. Em relato obtido em campo, C8 conta ter se tornado parteira após acompanhar durante longos períodos a realização de diversos partos realizados por sua mãe e avó (conhecimento ancestral passado de geração em geração).

---

<sup>37</sup> Termo empregado no estudo desenvolvido em Aroni (2021) como referência às narrativas orais do povo Haliti.

Este mesmo processo de aprendizagem pode ser identificado em outras línguas e culturas, a exemplo da sociedade Mundurukú, descrita em Costa (2017)<sup>38</sup>.

Comumente, estão incluídos no processo de parto na cultura Paresi a utilização de vários recursos, como a utilização de raizeiros e ervas medicinais empregados desde o descobrimento da gravidez, a realização de *fehanati* específicas, como a *fehanati* da sucuri, efetuada pelas parteiras, pajés ou demais indivíduos detentores deste conhecimento, realizada no processo de aceleração do parto quando a criança demora a nascer e por fim, a utilização de algumas partes constituintes de determinados animais, como a pelagem, ovos, entre outros.

Atualmente, devido aos avanços da medicina ocidental moderna, a figura destas especialistas tem passado por um processo de desvalorização nas comunidades em que atuamos, haja vista que um número expressivo de parturientes tem optado a recorrer aos cuidados oriundos da cidade. Apesar disto, cabe ressaltar que as funções desempenhadas por estas especialistas, bem como a presença destas nas comunidades Haliti constitui uma riqueza extremamente relevante, haja vista que estas encerram em si conhecimentos e práticas socioculturais transmitidos de geração em geração, os quais devem ser resguardados e valorizados.

A inserção destas especialistas neste estudo justifica-se devido ao amplo conhecimento que estas detêm quanto as práticas mencionadas no decorrer desta subseção, bem como a utilização de elementos relativos ao campo semântico da fauna ao longo dos procedimentos empregados no processo pré e pós gestacional das parturientes nas comunidades Paresi.

### 3.3.4 *Zaotyakitsatidyoye* (Professores)

O último grupo de especialistas do nosso estudo é formado por três *Zaotyakitsatidyoye* (professores indígenas) que atuam na educação escolar indígena em suas comunidades. Este grupo é formado majoritariamente por homens de diferentes idades, bilíngues em língua materna e português, com ensino superior completo e pós-graduação obtidos a partir da licenciatura intercultural indígena da Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT) e do Programa de Pós-Graduação em linguagem oferecidos pela mesma instituição.

---

<sup>38</sup> Para mais detalhes cf. Costa (2013; 2017).

Os colaboradores deste estudo, identificados no quadro 01 como C3 e C4 atuam na Escola Municipal Indígena Formoso, situada na comunidade indígena Rio Formoso, enquanto o colaborador C5 atua na Escola Cabeceira do Sacre, localizada na comunidade indígena Kolidiki. Estes trabalham arduamente no ensino bilíngue, visando integrar os conhecimentos da língua materna com o dos não indígenas para turmas multisseriadas, contemplando as séries iniciais (fundamental I e II), ensino médio e educação de jovens e adultos (EJA), nos turnos matutino e vespertino. Comumente, cada professor é responsável por duas turmas multisseriadas, sendo uma relativa às séries iniciais do ensino fundamental e outra do ensino médio, nas escolas situadas no interior das próprias comunidades. As aulas acontecem de segunda a sexta, nos turnos matutino e vespertino, das 07 às 11 e das 14 às 18 horas, conforme o calendário acadêmico organizado pela Secretaria Municipal de Ensino da cidade de Tangará da Serra – (SEMEC).

Conforme nossos colaboradores, cada professor é responsável pelo ensino de todas as disciplinas que compõem o currículo básico dos ensinos fundamental e médio, como por exemplo: Língua/ Literatura Portuguesa; Educação Física; Artes; Língua estrangeira – Inglês; Língua Indígena; Matemática; Ciências; História e Geografia, o que por vezes gera uma sobrecarga nestes profissionais. Frequentemente, as disciplinas são ministradas em português, com exceção da disciplina relativa à língua e cultura indígena, sendo utilizada a língua materna apenas em determinados contextos quando o aluno não consegue compreender a explicação fornecida pelo professor. As aulas são comumente ministradas com o “auxílio” dos materiais didáticos em português (principalmente livros didáticos) fornecidos pela secretaria de educação do município, o que por diversas vezes, conforme nossos colaboradores, acaba por dificultar o ensino, haja vista que estes materiais não contemplam a realidade linguística e sociocultural da língua e pelos poucos materiais produzidos pelos professores em língua materna. Apesar das dificuldades acarretadas pela ausência significativa de material didático adequado às necessidades da comunidade, estes profissionais têm desempenhado um papel significativo frente ao ensino e valorização da língua e cultura Haliti em suas comunidades.

A participação deste grupo de especialistas no desenvolvimento deste estudo é de extrema relevância, haja vista que estes acumulam um vasto conhecimento relativo aos aspectos linguísticos e socioculturais da língua Haliti, bem como dos termos investigados por nós no desenvolvimento deste estudo, empregados de maneira regular no ensino da língua materna nas comunidades mencionadas, conforme elucidado na imagem a seguir:

Figura 15: Cartaz desenvolvido para o ensino dos termos relativos à fauna



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

A imagem disposta acima ilustra um material confeccionado pelo colaborador C3 para o ensino da disciplina Língua Indígena. Neste dia, foram elaborados recursos com vistas ao ensino dos termos relativos ao campo semântico da fauna, objeto de investigação deste estudo. Neste sentido, observamos a relação intrínseca estabelecida entre estes grupos de especialistas e os termos da fauna por nós investigados, justificando desta forma a participação destes no desenvolvimento deste estudo.

### 3.4 Procedimentos

Esta seção dedica-se à exposição dos principais procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento desta pesquisa e nas pesquisas qualitativas. Assim, iniciamos esta seção com a exposição dos seguintes tópicos: Apresentação da temática a comunidade Haliti (cf. seq. 3.4.1); Entrevistas (cf. seq. 3.4.2); Aplicação de questionários (cf. seq. 3.4.3); Registros audiovisuais (cf. seq. 3.4.4) e Observações (cf. seq. 3.4.).

### 3.4.1 Apresentação da temática a comunidade Haliti

A proposta inicial de construção do glossário etnoterminológico da fauna Paresi começou a ser delineada à alguns anos, quando ainda como bolsista de Iniciação Científica manifestei interesse na produção de obras terminológicas que vinham sendo produzidas para outras línguas, a exemplo das línguas Apurinã e Parkatêjê, haja vista a ausência de estudos relativos a esta temática na língua em estudo, a qual, conforme apontado no primeiro capítulo desta discussão apresenta um número considerável de estudos descritivos profícuos sobre os aspectos morfossintáticos e fonético-fonológicos. Aliado a isto, surgiu em alguns membros das comunidades em que atuamos, formados em sua maioria por professores, o desejo de que confeccionássemos materiais didáticos que auxiliassem em certa medida o ensino da língua materna nas escolas indígenas inseridas nas comunidades. Após isso, demos início ao planejamento das ações relativas ao desenvolvimento deste estudo e durante os meses de julho e agosto de 2022, realizamos a primeira viagem de campo a comunidade Rio Formoso. Na ocasião, tivemos oportunidade de nos reunir com lideranças locais, representados por caciques, pajés e professores das comunidades Paresi e conversamos acerca da importância da elaboração deste estudo não apenas para a produção de materiais didáticos a serem empregados nas escolas das comunidades, mas como forma de registro, valorização e propagação dos saberes socioculturais e cosmológicos frente a sociedade nacional. A aprovação destas lideranças e dos colaboradores envolvidos na realização deste estudo contou com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (cf. Anexo I), documento em que apresentamos uma breve explicação acerca da realização do estudo ora desenvolvido, bem como os benefícios e prejuízos advindos da participação destes nesta pesquisa. Isto posto, nos dedicaremos a partir da próxima subseção aos métodos empregados no desenvolvido desta discussão.

### 3.4.2 Entrevistas etnográficas

Concebida como um dos métodos mais amplamente utilizados em estudos qualitativos, a entrevista é estabelecida como elemento fundamental [...] quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos mais ou menos bem delimitados em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados (DUARTE, 2004, p. 215).

Este recurso metodológico foi amplamente utilizado no decorrer do nosso período em campo com os colaboradores deste estudo. Para isto, nos apropriamos da entrevista etnográfica, definida como [...] uma série de conversas cordiais nas quais o pesquisador lentamente introduz novos elementos para auxiliar informantes a responderem como informantes [...]. (SPRADLEY, 1979, p. 58-59, *apud* FLICK, 2009, p.159). Devido seu caráter informal, empregamos inicialmente entrevistas orais abertas e semiabertas, visando o conforto dos nossos colaboradores. A entrevista aberta é amplamente utilizada para o detalhamento de questões relativas a determinado tema (segundo a visão do entrevistado), em que o entrevistador/investigador introduz o tema a ser debatido/investigado e o entrevistado tem liberdade para discorrer acerca do tema debatido.

Nesta perspectiva, **Boni e Quaresma (2005)** ressaltam que a “[...] interferência do entrevistador deve ser a mínima possível, este deve assumir uma postura de ouvinte e apenas em caso de extrema necessidade, ou para evitar o término precoce da entrevista, pode interromper a fala do informante”.

Nas primeiras interações com nossos colaboradores, apresentamos os itens comumente observados em estudos relativos ao campo semântico investigado por este estudo, os quais podem ser observados no quadro a seguir:

#### Quadro 07: Informações sobre o campo semântico da fauna

- a)** Como é o animal? Ele é bravo e agressivo? Quais suas características físicas (cor, pelagem, tamanho)?
- b)** Onde ele (a) é encontrado?
- c)** Ela tem alguma importância cultural? Se sim, você poderia me ajudar a compreender melhor qual?
- d)** Ele aparece/ faz parte de alguma narrativa tradicional? Se sim, qual? Você poderia me falar um pouco sobre essa narrativa e qual o papel desse animal na narrativa?
- e)** Pode ser comido? Se sim/ não, você poderia me explicar melhor por que ele pode/ não pode ser comido?

Fonte: Produzido pela autora (2023).

As informações contidas no quadro acima auxiliaram o processo de busca de dados. Desta forma, apresentamos estas informações aos nossos consultores e explicamos que estas comporão o produto final, fruto deste estudo - o glossário etnoterminológico da fauna. Para além disso, utilizamos no decorrer do processo de busca de dados, entrevistas semiestruturadas (composta por perguntas abertas e fechadas) que permitem ao consultado a possibilidade de discorrer acerca do tópico proposto para discussão. Conforme Boni e Quaresma (2015), neste tipo de entrevista,

O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. (BONI e QUARESMA, 2005, p. 75).

Apesar da aparente semelhança entre os tipos de entrevistas empregadas neste estudo (aberta e semiestruturada), ambas apresentam diferenças sutis. Enquanto a entrevista aberta é orientada por um tema, a semiestruturada é orientada por um conjunto de questões previamente definidas.

Realizada esta exposição, avançamos para o próximo método empregado no processo de obtenção de dados: o registro audiovisual.

### 3.4.3 Registro audiovisual

No processo de registro das entrevistas realizadas com os colaboradores deste estudo foram empregados três recursos essenciais: um gravador digital (*Zoom H4n*); um microfone de cabeça (*Shure wh20*) e uma câmera digital portátil, disponibilizados pelo projeto realizado com a língua Enawene Nawe (sob a direção da Profa. Dra. Ana Paula Brandão), financiado pelo *Endangered Languages Documentation Programme* (ELDP) e pelo Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG).

Sempre que possível, registramos os processos de interação com os colaboradores com os equipamentos citados. Cabe mencionar que os registros audiovisuais obtidos a partir desta pesquisa foram realizados de acordo com a anuência de cada colaborador. Antes de iniciarmos os registros, redigimos um termo de consentimento que visava a permissão para utilização dos dados necessários à realização deste estudo e em pesquisas posteriores, visando acima de tudo o respeito e ética no tratamento com nossos colaboradores e com os dados por eles fornecidos. Para tanto, utilizamos inicialmente o termo de consentimento livre esclarecido, o qual apresenta informações relativas aos objetivos deste estudo; direitos dos participantes e autorizações de registro audiovisual.

### 3.4.4 Observação participante

A observação é um dos mecanismos mais utilizados pelo ser humano a fim de compreender outros indivíduos, elementos e acontecimentos ao seu redor. Observar é, antes de tudo, utilizar os sentidos a fim de extrair aspectos da realidade que nos rodeia. Para além disso, a observação constitui um dos elementos mais fundamentais da pesquisa qualitativa e etnográfica, tendo em vista que [...] está presente desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, ou seja, ela desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa (QUEIROZ *et al.*, 2007, p. 277). Assim, utilizamos no decorrer deste estudo, primordialmente a observação do tipo participante, em que [...] o observador se insere, do modo o mais natural possível, no grupo que quer estudar, ficando

lá por períodos longos, participando de seu dia a dia e aproveitando para observá-lo (FRANÇA *et al.*, 2016, p.56). A adoção deste tipo de observação foi de extrema relevância para a realização deste estudo, pois possibilitou-nos acima de tudo a interação e vivência com nossos colaboradores (principalmente os mais sábios<sup>39</sup>), o que nos permitiu a participação em suas práticas cotidianas e culturais, a exemplo dos preparativos relacionados à atribuição de nome as crianças Paresi, realizada na Comunidade Santa Vitalina, durante nossa primeira viagem de campo. Esta festa em particular possui extrema relevância para o povo Paresi, haja vista que a atribuição de nome a um indivíduo está intimamente relacionada ao “espírito da pessoa” e “serve para dar vida” (COSTA, 1985, p. 188).

Comumente, os nomes são atribuídos pelo pajé, no encerramento da festa tradicional, ao amanhecer, no centro do terreiro. Atualmente, porém, observa-se um cenário dessemelhante, em que, os anciãos ou mestres da cultura do povo Paresi podem desempenhar a condição de nominadores. Consoante nossos colaboradores, o processo de nomeação está atrelado a dois aspectos essenciais: o grau de sabedoria do nominador (responsável por designar o nome) e o aspecto onírico (capacidade de “sonhar” o nome). É por meio do sonho que ele (pajé) recebe dos espíritos o nome a ser atribuído a criança. Aroni (2021) ressalta que caso não seja dada a devida atenção a esta prática, ou qualquer indivíduo desempenhe a função de nominador, a criança poderá apresentar problemas de saúde, não ficar forte e até mesmo adquirir características ruins, como ser briguento ou raivoso, haja vista que o nome, na cultura Haliti está atrelado a [...] atribuição do espírito da pessoa, assim como seu pertencimento a uma rede de parentesco e a uma aldeia espiritual, localizada no céu e compreendida como seu destino pós-morte [...], conforme sinalizado a seguir;

No final da festa, quando vai batizar as crianças, chama o nome dele, de qual região que eles são, de qual [região] que vai dar nome pra eles [...] porque Zomoyhete [terreiro celeste], se ele der nome, é esse mesmo, Zomoyhete é terreiro do espírito, é daí que o guri vai receber nome [...] se caso fica doente, se ele não aceita o nome dele, então vai trocar o nome, de outro terreiro, assim que é a parte da festa. (ZOMOIZOKAE, 2017).

Cada nome tem seu paraíso no céu, por isso que só pajé pode dar nome [...] se qualquer pessoa dá esse nome, aquela pessoa que recebeu o nome vai ficar doente, não vai ficar forte, só pajé que sabe esses terreiros, que fala em muitos cantos, só pajé que conhece os terreiros bons [...] tem terreiro bom e terreiro ruim, as aldeias, como aldeia boa, aldeia ruim, igualzinho. (EAZOKEMAE, 2017).

---

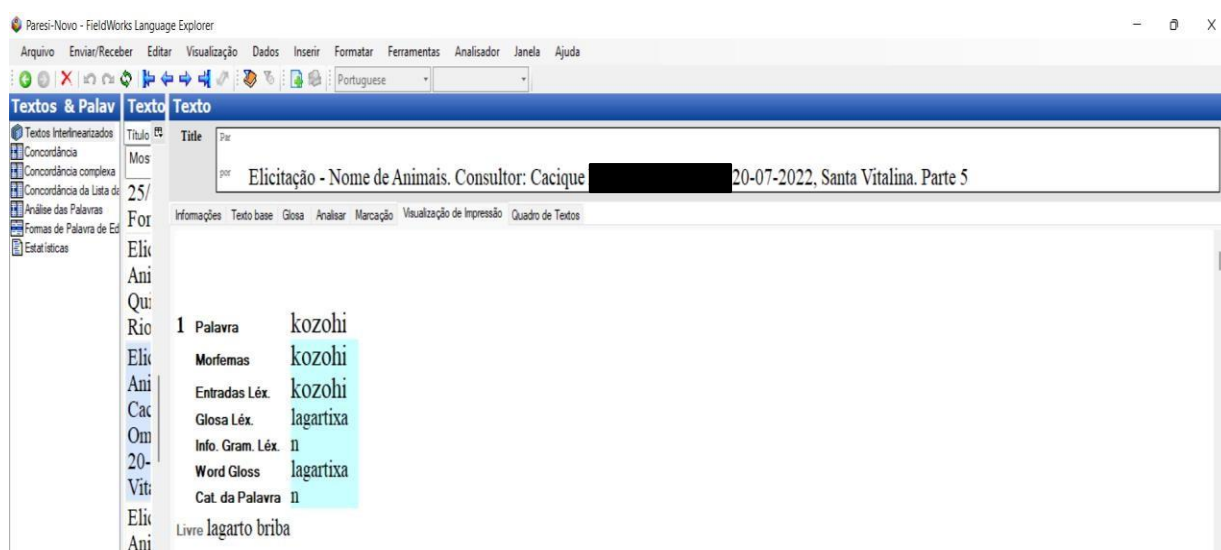
<sup>39</sup> Cabe frisar que esta categoria é atribuída pelo povo Paresi aos indivíduos que gozam de certos conhecimentos e que são especialistas em determinadas atividades, a exemplo dos especialistas em cura, caça, pesca, artesanatos, contação de narrativas tradicionais, músicas tradicionais, entre outros.

As constantes observações e interações realizadas durante nosso período em campo, permitiu-nos conhecer e entender os discursos empregados nestes momentos específicos da comunidade Haliti. Mais informações relativas ao nosso período em campo serão fornecidas no decorrer das próximas seções deste estudo (cf. seções 3.6.1 e 3.6.2).

### 3.5 O banco de dados *Flex*

Os dados oriundos do processo de elicitação utilizados para a composição da obra proposta por este estudo foram organizados e tratados no *software* computacional *FLEX* (*Fieldworks Language Explorer*). Este software consiste em uma ferramenta que visa auxiliar no gerenciamento de dados linguísticos e socioculturais, fornecendo ao pesquisador a possibilidade de suporte a tarefas que vão desde o armazenamento e análise de dados lexicais até a produção de produtos terminológicos, como o proposto por este estudo. Optou-se pela utilização deste suporte, pois, conforme mencionado anteriormente, este permite a inserção e armazenamento de informações de dados lexicais empregados na utilização de obras terminológicas. Ademais, esta ferramenta permite a inserção de campos específicos, a exemplo do nome em língua indígena, nome científico, notas antropológicas, informações socioculturais, entre outros, conforme a imagem exemplificada abaixo:

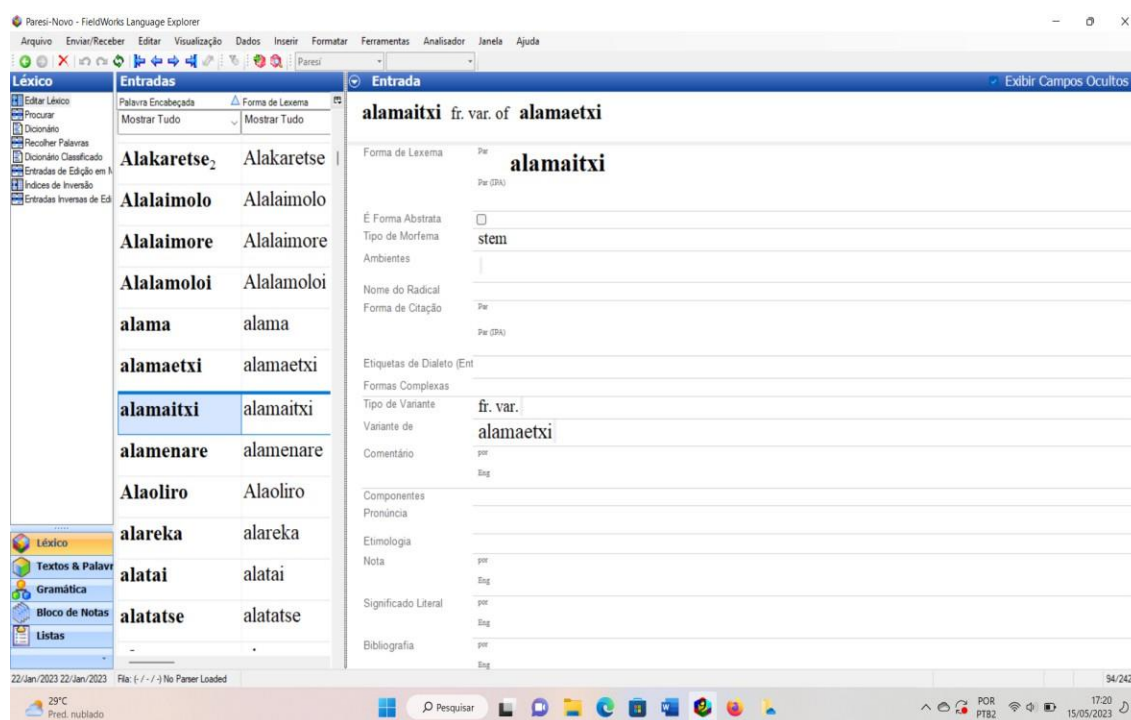
Figura 16: Entradas relativas ao campo semântico da fauna no banco de dados disponível no *FLEX*



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022).

A imagem apresentada acima exibe a tela inicial da nossa base de dados. Nela, é possível verificar a exibição de uma entrada relativa ao campo semântico da fauna, com foco no termo *kozohi*, utilizado para fazer referência a lagartixa. Para além disso, verificamos a existência de outras informações relativas à palavra em língua materna, morfema, entrada lexical, glosa, informação gramatical e categoria gramatical a que o termo analisado pertence. Ademais, utilizamos os dados presentes no banco de dados da língua (disponível igualmente no *FLEX*), composto por 2406 itens lexicais e 58 narrativas relacionadas às narrativas orais, histórias de vida, benzenções, conversas e descrições de atividades tradicionais ou de lugares, organizado no decorrer dos anos pela Prof.ª Dra. Ana Paula Brandão, a qual tem se dedicado a anos ao estudo de diferentes aspectos linguísticos da língua em análise.

Figura 17: Tela inicial do *software* computacional *Fieldworks Language Explorer* (FLE<sub>x</sub>)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022).

A figura acima exhibe a tela inicial do banco de dados organizado pela Profa. Dra. Ana Paula Brandão, bem como por alunos que têm contribuído com sua constante alimentação ao longo dos anos. Nele, verificamos a ocorrência de vários itens lexicais, dentre eles o termo *alamaitxi*, referente a uma espécie de borboleta conhecida pelos Haliti como borboleta da noite. Ademais, verificamos campos relativos a diversas informações, tais como: variantes de pronúncias referentes à existência de outras variantes; etimologia do termo; notas relativas aos aspectos socioculturais/linguísticos e/ou antropológicos, dentre outras informações.

Optamos pela utilização deste suporte nesta pesquisa, pois, conforme mencionado anteriormente, este permite a inserção e armazenamento de múltiplas informações relativas a variados aspectos dos etnotermos por nós investigados. Ademais, esta ferramenta permite a inserção de campos específicos, a exemplo do nome em língua indígena, nome científico, notas antropológicas, informações socioculturais, entre outros, conforme demonstrado anteriormente, o que permite a elaboração de obras terminológicas mais robustas e completas, atendendo assim

não apenas às necessidades do pesquisador, mas às da comunidade para qual este produto será destinado.

### 3.6 Geração dos termos

Conforme exposto na seção 3.2 deste capítulo, os dados que possibilitaram a realização deste estudo foram gerados em duas viagens de campo. Cada etapa relativa ao processo de geração ocorreu de forma sistematizada, visando sempre se adequar e atender aos interesses e disponibilidade dos colaboradores envolvidos na realização deste estudo. Devido as restrições impostas pela pandemia do Covid-19 e por condições adversas, realizamos apenas duas viagens de campo. A primeira ocorreu entre os meses de julho e agosto de 2022, nas comunidades indígenas Rio Formoso, Santa Vitalina e Cachoeirinha (ambas localizadas na TI Rio Formoso); enquanto a segunda ocorreu entre os meses de fevereiro e março de 2023, nas comunidades indígenas Rio Formoso, 3M (ambas localizadas na TI Rio Formoso) e Kolidiki (situada na TI Paresi). Mais detalhes sobre a realização destas serão fornecidos no decorrer das próximas seções deste estudo (cf. seq. 3.6.1 e 3.6.2).

A geração de dados para elaboração deste estudo pautou-se nas práticas usualmente empregadas em trabalhos de descrição e análise linguística de línguas naturais (cf. KIBRIK, 1977; VAUX e COOPER, 1999) e na Sociolinguística/Socioterminologia e incluem resumidamente os seguintes pontos: elicitación de dados com colaboradores; transcrição dos dados obtidos; coleta de novos dados; análise e processamento dos dados obtidos; entre outros.

#### 3.6.1 Primeira Viagem de campo

Inicialmente, foram compilados os dados dispostos em trabalhos de descrição relacionados à língua Paresi, dentre os quais destacamos: Kezomae (2006), Silva (2009), Brandão (2014) e Lima-Sosinho (2018). Os dados dispostos nestes estudos incluem itens lexicais relacionados à fauna, flora, culinária Paresi, elementos da natureza e alguns verbos (cf. seq. 1.5.1 e 1.5.2). Após isto, selecionamos os dados relacionados à fauna, e constituímos a partir disso um questionário com 186 itens lexicais (cf. seção 3.4.3), os quais foram utilizados no decorrer da primeira viagem de campo às comunidades Paresi, realizada entre os meses de

julho e agosto de 2022. Esta primeira viagem teve duração de aproximadamente um mês e apresentou como objetivo central os seguintes pontos: estabelecer um contato inicial com a comunidade Paresi; expor os objetivos iniciais deste estudo e a importância deste face à documentação e manutenção dos saberes especializados; entrevistar os especialistas Paresi e por fim, gerar dados que serão empregados no produto advindo deste estudo.

Além dos dados oriundos dos estudos anteriores à língua, foram obtidos através da viagem de campo novos dados por meio do processo de elicitação. As sessões de elicitação foram documentadas em formato audiovisual, com o auxílio de equipamentos apropriados, comumente utilizados em trabalhos de documentação de línguas naturais, e contabilizam aproximadamente 10 horas de gravação. Para além disso, utilizamos no decorrer do questionário fotografias correspondentes aos animais comumente conhecidos pelo povo Paresi. A adoção desta técnica permitiu aos colaboradores desta pesquisa identificarem e nomearem (em Paresi e português) os animais que constavam no questionário utilizado, além de fornecerem termos distintos que não faziam parte do nosso banco de dados. Apresentamos nas páginas seguintes uma amostra do questionário aplicado em campo junto aos nossos colaboradores para geração dos termos relativos ao campo semântico da fauna:

Figura 18: Amostra do questionário aplicado junto aos colaboradores Paresi

## QUESTIONÁRIO DE ELICITAÇÃO

**Data:**

**Consultor:**

**Colaborador:**

**Comunidade:**

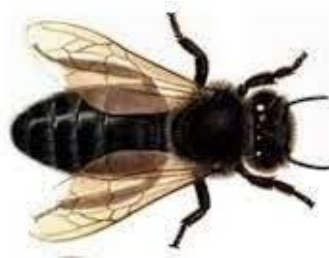
**Tópico: Elicitação sobre o campo semântico fauna em Paresi**

### 1. Abelha (*Honoli*)



- a) Qual o nome para abelha em Paresi?
- b) Quais são as características físicas do animal (tamanho, cor, pelagem, etc)?
- c) Onde ele (a) é encontrado?
- d) Ela tem alguma importância cultural? Se sim, me ajuda a entender melhor?
- e) Ele aparece/ faz parte de alguma narrativa tradicional? Se sim, qual? Me ajuda a compreender melhor a importância dessa narrativa?
- f) Pode ser comido? Se sim/não, me ajuda a entender melhor o porquê?
- g) Alguma parte do animal pode ser utilizada na fabricação de medicamentos, parto ou em outros contextos específicos? Se sim, me ajuda a entender melhor como?

## 2. Abelha europa (Oroba)



- a) Qual o nome para abelha europa em Paresi?
- b) Quais são as características físicas do animal (tamanho, cor, pelagem, etc)?
- c) Onde ele (a) é encontrado?
- d) Ela tem alguma importância cultural? Se sim, me ajuda a entender melhor?
- e) Ele aparece/ faz parte de alguma narrativa tradicional? Se sim, qual? Me ajuda a compreender melhor a importância dessa narrativa?
- f) Pode ser comido? Se sim/não, me ajuda a entender melhor o porquê?
- g) Alguma parte do animal pode ser utilizada na fabricação de medicamentos, parto ou em outros contextos específicos? Se sim, me ajuda a entender melhor como?

## 3. Abelha jatai (*Koheza*)



- a) Qual o nome para abelha jataib em Paresi?
- b) Quais são as características físicas do animal (tamanho, cor, pelagem, etc)?
- c) Onde ele (a) é encontrado?

A imagem exibida acima apresenta um recorte do questionário aplicado no decorrer da primeira viagem de campo junto aos nossos colaboradores para geração dos termos relativos ao campo semântico da fauna, composto por 221 itens lexicais, a fim de obtermos informações relativas ao nome do animal na língua materna, suas características físicas, *habitat*, informações antropológicas, socioculturais, emprego na realização de medicamentos e em outros contextos específicos, entre outras informações. Este encontra-se organizado em ordem alfabética e apresenta as seguintes informações: nome do animal em português seguido do nome em língua materna obtido a partir do levantamento bibliográfico de estudos anteriores (cf. seq. 1.5.1 e 1.5.2); indagações relativas às características físicas do animal (tamanho, cor, pelagem, etc) e seu *habitat*; a importância cultural que porventura este possa apresentar para a comunidade *Haliti*; a presença em alguma narrativa oral; e por fim, indagações relativas ao consumo deste como alimento e como produto utilizado na preparação de medicamentos ou em outros contextos específicos. Apesar de abrangentes, estas informações são extremamente relevantes para a construção da obra etnoterminológica proposta por este estudo.

### 3.6.2 Segunda viagem de campo

A segunda viagem de campo foi realizada entre os meses de fevereiro e março de 2023 e teve duração de aproximadamente um mês. Esta segunda viagem teve como objetivo essencial o cumprimento dos seguintes pontos: expor o andamento da nossa pesquisa aos colaboradores envolvidos na realização deste estudo bem como aos demais membros das comunidades em que atuamos; reafirmar nosso compromisso com a comunidade, nos comprometendo após a finalização deste estudo, angariar esforços a fim de que possamos dispor de versões impressas do glossário ora proposto, a fim de que este possa ser utilizado como material didático complementar no ensino de língua materna nas comunidades; revisar os dados coletados durante a primeira viagem de campo junto aos colaboradores que nos auxiliaram incansavelmente ao longo da elaboração deste estudo, e por fim, estabelecer contato com mais especialistas de saberes distintos das comunidades Paresi, a fim de que em estudos posteriores possamos dar continuidade à discussão e investigação aqui propostas.

### 3.7 Métodos para uma obra terminológica

Conforme Almeida (2006), optar pela Teoria Comunicativa da Terminologia, implica a utilização de escolhas metodológicas efetivas no decorrer de todas as fases relativas à produção de uma obra terminológica (glossário, dicionário, entre outros). Desta forma, um produto terminológico embasado nos pressupostos estabelecidos pela TC deve evidenciar

[...] à organização de um corpus, a elaboração de um mapa conceitual, o planejamento do protocolo de preenchimento das fichas terminológicas, a redação das definições, a organização do verbete (microestrutura) e a configuração da macroestrutura. (ALMEIDA, 2006, p. 87).

A seguir, discorreremos brevemente acerca das atividades estabelecidas pela TCT no processo de composição de um produto terminológico.

#### 3.7.1 Organização e criação de um *corpus*

A partir da organização e criação de um corpus, o pesquisador pode observar e descrever a língua em seus diferentes e variados aspectos, além de defini-lo conforme o tipo e objetivos da pesquisa a ser desenvolvida. Pode-se ainda fornecer explicações acerca da produtividade das palavras, expressões e formas gramaticais, além do descobrimento de novos fatos na língua não percebidos por meio da intuição. Para a organização de um corpus, faz-se necessário inicialmente, partir da “[...] seleção dos textos pertinentes e relevantes para a pesquisa, bem como dos gêneros aos quais eles pertencem [...]”. (ALMEIDA, 2006, p. 88). Para além disso, outros aspectos devem ser considerados, tais como:

[...] a compilação e a manipulação dos textos, a nomeação dos arquivos e a geração de cabeçalhos, a proteção da identidade dos autores e pedidos de direitos de uso dos textos (para os corpora que ficarão disponíveis na Web, por exemplo), os padrões de anotação (para os corpora anotados), os métodos de extração de termos (estatístico, lingüístico ou híbrido) e as formas de disponibilização do corpus, quando for o caso [...]. (ALMEIDA, 2006, p. 88-89).

À vista disso, a base de textos da língua Paresi é formada por 58 narrativas relacionadas a diversos gêneros textuais, dentre eles destacam-se: narrativas orais relativas à histórias de vida, benzenções, conversas do cotidiano e descrições de atividades tradicionais ou de lugares.

Posterior a esta etapa, avançamos para a extração dos itens candidatos a termos e a elaboração de um mapa conceitual. É necessário frisar, contudo, que para que um item lexical alce o *status* de termo, este deve ser validado por um especialista.

### 3.7.2 Inclusão dos termos em um mapa conceitual

Consoante a Almeida (2006), o mapa conceitual deve ser organizado simultaneamente com a extração dos termos, visando

[...] 1) possibilitar uma abordagem mais sistemática de um campo de especialidade; 2) circunscrever a pesquisa, (...); 3) delimitar o conjunto terminológico; 4) determinar a pertinência dos termos, (...), 5) prever os grupos de termos pertencentes ao domínio (...); 6) definir as unidades terminológicas de maneira sistemática e, finalmente; 7) controlar a rede de remissivas (TERMCAT, 1990; ALMEIDA, 2000).

Após a obtenção dos termos considerados relevantes, passa-se então ao preenchimento das fichas terminológicas.

### 3.7.3 Composição das fichas terminológicas

Consoante a Krieger e Finatto (2004), a ficha terminológica constitui o elemento mais significativo de uma obra terminológica e fundamental no desenvolvimento de dicionários e glossários como o proposto por este estudo. Neste sentido, a ficha terminológica pode então ser definida como o registro completo de informações relativas a dado termo (Krieger e Finatto, 2004, p.136). Nela são apresentadas informações essenciais, tais como

[...] a fonte textual de coleta de um termo, segmentos de texto onde esse termo ocorre, seus contextos de uso, informações sobre variantes denominativas, sinônimos, construções recorrentes que o acompanham. A ficha também reúne informações operacionais ao trabalho, tais como nome do responsável pela coleta, datas de registro e revisão etc. (KRIEGER E FINATTO, 2004, p. 136).

Ainda segundo as autoras, cada obra (de acordo com suas especificidades) exigirá um tipo distinto de ficha terminológica. Desta forma, não há um modelo único de ficha empregado

na realização de todos os diferentes trabalhos existentes, cabendo ao terminólogo a escolha de quais campos irão compor o protocolo de preenchimento. O fundamental é que “[...] a ficha, seja um registro bem planejado com todas as informações coletadas e que essas informações sejam tanto facilmente recuperáveis quanto perfeitamente entendidas por todos os membros da equipe”. (KRIEGER E FINATTO, 2004, p.136). Diante disto, a ficha terminológica adotada para a construção do glossário proposto por este estudo apresentou a seguinte estrutura:

Quadro 08: Modelo inicial da ficha terminológica adotada para a construção do glossário da fauna em Paresi

**Termo entrada: (Designação do animal em Paresi1)**

**Categoria Gramatical em Paresi:**

**Nome em português:**

**Classificação:**

**Descrição do animal em português:**

**Notas antropológicas e informações socioculturais:**

**Remissiva;**

**Imagem do animal:**

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As estruturas apresentadas na ficha terminológica exposta no quadro acima fazem referência às seguintes categorias:

**a) Termo entrada:** campo referente às entradas e entradas especiais que compõem o glossário proposto por estudo;

**b) Categoria Gramatical em Paresi:** nesta categoria estão incluídos todos os termos e etnotermos que compõem o campo semântico da fauna em Paresi, formados em sua maioria por nomes simples (não derivados e derivados) e nomes compostos (não derivados e derivados);

**c) Nome em português:** correspondências da língua portuguesa para o Paresi referentes as entradas e sub- entradas do glossário;

**d) Descrição do animal em português:** indica os aspectos relativos ao subcampo semântico a qual os termos ou etnotermos apresentados nas estradas são classificados;

**e) Notas antropológicas e informações socioculturais:** neste campo, serão incluídas informações relativas ao contexto de ocorrência dos termos e etnotermos presentes nas entradas e entradas especiais deste produto. Estas serão incluídas em todos os casos que julgarmos necessárias tais explicações;

**f) Remissiva:** sistema de relação estabelecida entre os termos e etnotermos verificados no decorrer da obra;

**g) Imagem do animal:** imagem utilizada para ilustrar os nomes provenientes das entradas e entradas menores que compõem o glossário;

#### 3.7.4 Redação da definição

Consoante a Almeida (2006), a redação da definição envolve um número significativo de tarefas que demandam do terminólogo conhecimento relativo às teorias terminológicas, teorias da língua a ser registrada e teorias complementares com foco no aspecto textual, a exemplo da linguística textual e análise do discurso, tendo em vista que a redação da definição está relacionada intrinsecamente ao texto. Deste modo, deve-se selecionar os termos e assim observar os traços mais relevantes, para então descrever a definição de um termo.

Antes de prosseguirmos, é importante ressaltar que para além dos postulados metodológicos decorrentes da TCT enfatizados em Almeida (2006), empregamos nesta pesquisa uma abordagem multimetodológica (apresentadas em COSTA, 2013; 2017) nas questões etnoterminológicas. Para isto, empregamos neste estudo pressupostos estabelecidos pela Socioterminologia, TST e Enoterminologia, haja vista que cada uma destas contribui em certa medida para o estudo dos etnotermos apresentados no desenvolvimento desta obra. Tal como prevê estas abordagens, a estruturação teórica-metodológica empregada no desenvolvimento deste estudo decorre de discursos reais produzidos no seio de uma

comunidade, priorizando, para além dos aspectos linguísticos, os aspectos socioculturais, o contexto de ocorrência dos termos, entre outros elementos, coletados a partir do emprego de diferentes recursos, conforme exposto nas seções anteriores deste estudo (cf. seq. 3.4).

### 3.8 Microestrutura

Conforme Almeida (2006), cada verbete apresenta informações sistemáticas (obrigatórias) e não-sistemáticas (não – obrigatórias) em sua composição. A partir dos pressupostos estabelecidos pela autora, apresentamos no quadro a seguir estas informações:

Quadro 09: Informações sistemáticas (obrigatórias) e não-sistemáticas (não – obrigatórias) relativas à composição do verbete

<b>INFORMAÇÕES SISTEMÁTICAS</b>	<b>INFORMAÇÕES NÃO SISTEMÁTICAS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrada</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informações enciclopédicas</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Classe morfológica, gênero ou transitividade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sinônimos</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Termo equivalente na segunda língua</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Indicações de forma de uso de um termo (em casos de variação dialetal)</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definição (em casos de polissemia)</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contexto</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Remissivas</li> </ul>	

Fonte: Adaptado de Almeida (2006, pp. 92-93).

### 3.9 Macroestrutura

Almeida (2006) destaca que a apresentação de uma obra terminológica de especialidade pode seguir a orientação do modelo fornecido pelo TERMCAT (1990), o qual oferece uma diretriz consolidada para elaboração de produtos terminológicos como o proposto por este

estudo. Neste modelo, é possível encontrarmos uma sequência de elementos que antecedem a exposição dos verbetes, conforme exposto no quadro a seguir:

Quadro 10: Sequência de elementos apresentados na Termcat (1990) para elaboração de produtos terminológicos

<b>SEQUÊNCIA DE ELEMENTOS APRESENTADOS NA TERMCAT (1990) PARA ELABORAÇÃO DE PRODUTOS TERMINOLÓGICOS</b>	
1. Introdução 1.1 Campo de trabalho 1.2 Características 1.3 Metodologia de elaboração 1.4 Conteúdo dos verbetes forma 1.5 Forma de consulta	
2. Mapa conceitual	
3. Apresentação dos verbetes:	
4. Índice alfabético dos termos	
5. Índice alfabético de equivalências: Índice alfabético de equivalência	
6. Bibliografia	

Fonte: Termcat (1990).

### 3.10 Resumo do capítulo

Este capítulo buscou expor detalhadamente os percursos metodológicos adotados no desenvolvimento deste estudo desde sua gênese a sua fase final. Descritos estes procedimentos, nos debruçaremos a partir do capítulo seguinte a discorrer acerca da classe de palavra identificada na formação dos termos e etnotermos que compõem o campo semântico da fauna

Parsi. Para além disso, exibimos os principais aspectos organizacionais e estruturais envolvidos na organização do glossário ora proposto por esta discussão.

## CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS TERMOS E ETNOTERMOS RELATIVOS À FAUNA

### Introdução

As unidades lexicais de uma língua são distribuídas em duas categorias principais: classes de palavras abertas, descritas como potencialmente produtivas, a exemplo de nomes, verbos, entre outros, e classes fechadas, apontadas como menos produtivas, a exemplo de artigos, preposições, conjunções, pronomes e interjeições. Brandão (2014) identifica em Paresi, a existência de nove categorias lexicais fechadas: pronomes; demonstrativos; indefinidos; quantificadores; posposições; adjetivos; advérbios; interjeições e ideofones e duas categorias lexicais abertas: verbos e nomes. Usualmente, as categorias lexicais abertas da língua Paresi são compostas por um número significativo de raízes e apresentam um número expressivo de processos morfológicos produtivos. Há ainda um crescimento exponencial relativo aos itens lexicais que compõem estas categorias, originado, essencialmente pela ocorrência de empréstimos linguísticos, neologismos, entre outros, dessemelhante as categorias fechadas, as quais apresentam um índice de produtividade inferior.

Diante disso, este capítulo dedica-se a análise e descrição dos etnotermos identificados no campo semântico da fauna em Paresi, compostos exclusivamente por nomes. Assim, iniciamos esta exposição expondo informações relativas à classe de nomes com base em estudos anteriores desenvolvidos em Brandão (2010; 2014); Costa (2018); Pereira (2018) e Souza (2018) (cf. seção 4.1.1) e suas subdivisões: nomes simples e nomes compostos (cf. seções 4.1.1.1 e 4.1.1.2) e em seguida, apresentamos informações relativas aos *etnotermos* encontrados no processo de geração de dados obtidos a partir da realização deste estudo (cf. seção 4.2). Como padrão adotado nos capítulos anteriores desta dissertação, finalizamos esta exposição apresentando um breve resumo dos aspectos apresentados nesta discussão (cf. seção 4.4).

### 4.1 Considerações iniciais

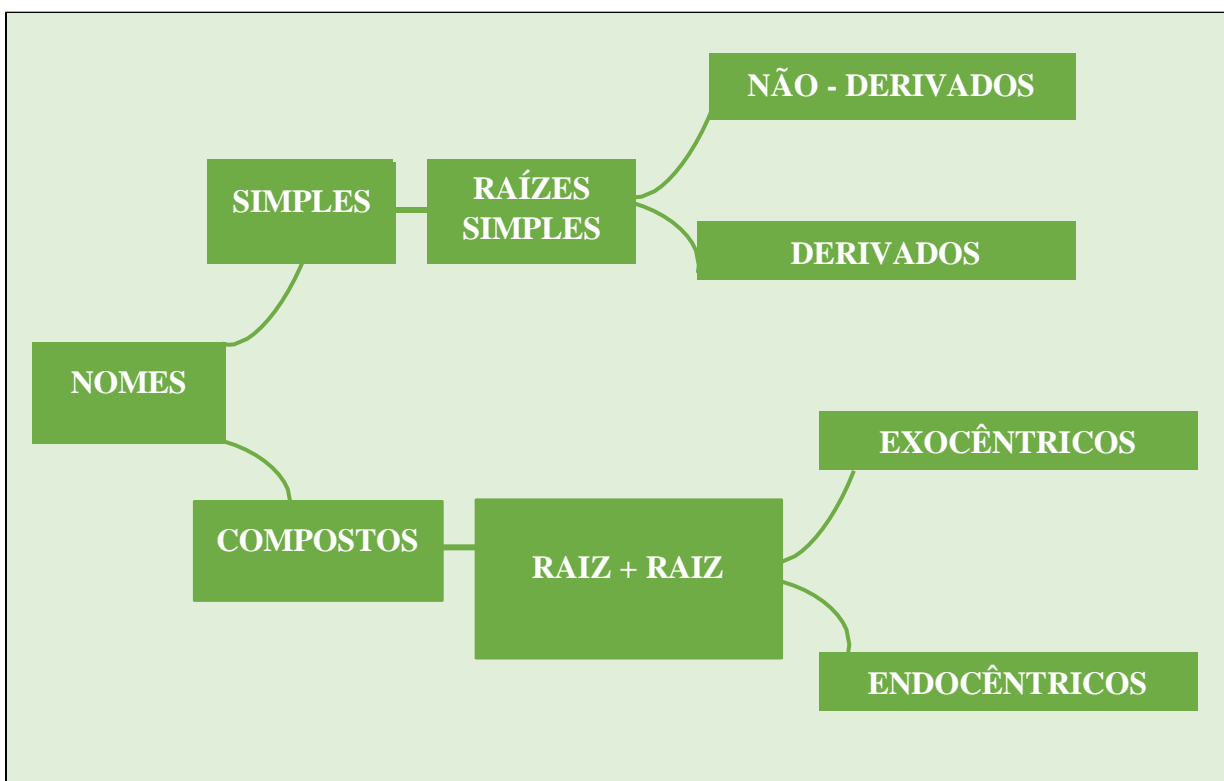
Esta seção dedica-se a uma breve exposição acerca da classe de palavra identificada na formação dos termos e *etnotermos* que compõem a proposta inicial de glossário elaborada por este estudo. Cabe ressaltar que o intuito desta apresentação é fornecer uma base para a

compreensão inicial desta classe de palavra na língua em foco a partir dos estudos anteriores desenvolvidos sobre a classe de nomes aqui apresentada.

#### 4.1.1 Nomes

A classe nominal pode ser definida como formas de palavras que, morfologicamente podem ter afixos indicando número, caso, posse e pessoa. Conforme Brandão (2014), em Paresi, esta categoria pode ser definida como formas que apresentam morfologicamente afixos de posse, sendo esta dos tipos alienavelmente possuível (a maioria dos nomes), inalienavelmente possuível (partes do corpo) e inerentemente possuída (termos de parentesco); número (realizada pelo uso do sufixo *-nae*) e pessoa (marcada pelo uso de proclíticos pessoais). Outra característica relevante a esta classe diz respeito a sua subdivisão, exibida em Brandão (2014) como nomes simples (formados apenas por raízes simples) e nomes compostos (formados por mais de uma raiz). Esta subdivisão pode ser sintetizada na imagem a seguir:

Quadro 11: Subclasse dos nomes em Paresi



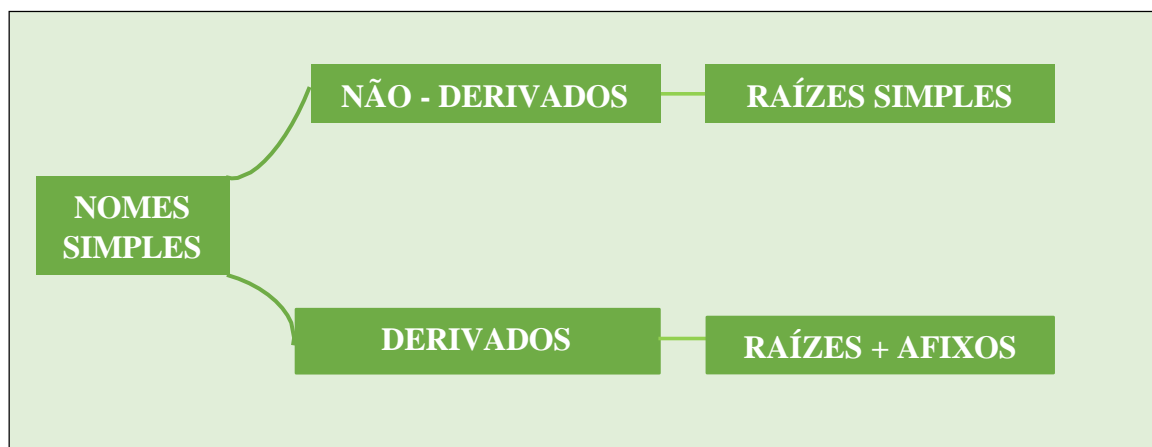
Fonte: Produzido pela autora (2023).

Realizada esta breve exposição, prosseguiremos a partir da subseção posterior a explanação acerca das principais diferenças evidenciadas entre estas duas subdivisões que constituem os nomes em Paresi.

#### 4. 1.1.1 Nomes simples

Conforme estudo anterior desenvolvido em Brandão (2014), os nomes simples podem ser descritos como itens compostos por uma raiz nominal, a qual pode ou não receber afixos agregados em sua estrutura. Estes podem ser subdivididos em nomes simples não derivados e derivados, conforme demonstrado no quadro a seguir:

Quadro 12: Subdivisão dos nomes simples em Paresi



Fonte: Produzido pela autora (2023).

O processo de geração dos dados obtidos em campo permitiu-nos constatar que, dos 247 termos que compõem o glossário Paresi, 163 estão incluídos nesta categoria. Os dados expostos no quadro a seguir ilustram um recorte destas ocorrências:

Quadro 13: Recorte dos nomes simples gerados em campo

CAMPO SEMÂNTICO	NOME EM PORTUGUES	NOME EM PARESI
FAUNA	1. Acauã	<i>Makowa</i>
	2. Águia	<i>Aliwa</i>
	3. Andorinha pequena	<i>Zoloitse</i>
	4. Anu	<i>Nawi</i>
	5. Anu preto grande	<i>Kololokare</i>
	6. Anuzinho	<i>Zokihoki</i>
	7. Arara	<i>Kalo</i>
	8. Ema	<i>Awo</i>
	9. Beija-flor	<i>Himeretse</i>
	10. Gato	<i>Txinitse</i>
	11. Nambu	<i>Nambu</i>
	12. Canário	<i>Kotehalatse</i>

Fonte: Produzido pela autora (2023)

Os dados dispostos no quadro acima fazem referência específica aos nomes simples verificados no campo semântico da fauna, compostos por raízes simples que podem (cf. Quadro 13, ocorrências de 10 a 12) ou não apresentar sufixos agregados em sua estrutura (cf. Quadro 13, ocorrências de 1 a 9). Posto isso, nos debruçaremos a partir das próximas subseções desta

discussão a exibição acerca da subdivisão verificada nesta categoria descrita em estudos anteriores realizados em Brandão (2014) e Pereira (2017).

#### 4. 1.1.1.1 Nomes simples não-derivados e derivados

Conforme mencionado, em Paresi, os nomes simples podem ser subdivididos em duas subcategorias: nomes simples não derivados e nomes simples derivados. Os nomes simples não-derivados fazem referência a itens formados a partir de uma raiz nominal sem afixos, conforme verificado nos exemplos subsequentes:

(1) *txini* ‘onça’

(2) *kokoi* ‘gavião’

(3) *zowa* ‘aranha’

(Fonte: *FLEX*)

Por sua vez, os nomes simples derivados são formados a partir de uma raiz nominal mais afixos atrelados a sua estrutura. Comumente, estes nomes podem ser derivados a partir de classificadores ou do sufixo derivacional *-kala*, contudo, nos dados da fauna gerados em campo, observamos na formação destes nomes apenas a ocorrência de classificadores (cf. Quadro 14), conforme evidenciado nos exemplos dispostos a seguir:

(4) *txinitse*

txini tse

onça *CLF. pequeno*

‘gato’

(5) *mawiyetse*

mawiye tse

macuco CLF. pequeno

‘nambu’

(Fonte: *FLEX*)

Os nomes dispostos acima constituem casos relacionados aos nomes simples formados a partir de afixos atrelados a uma raiz nominal. Estes são formados a partir das raízes verbais *txini* ‘onça’ e *mawiye* ‘macuco’ + o sufixo derivacional *-tse*, descrito em Brandão (2014) como classificador.

Com base nos estudos tipológicos relativos à classificação nominal (AIKHENVALD, 2000; GRINEVALD; SEIFART, 2004), Brandão (2014) afirma que em Paresi, os classificadores são concebidos como morfemas que exercem funções derivacionais, anafóricas e uma função de concordância marginal (BRANDÃO, 2016, p. 277; BRANDÃO, 2014). Para além disso, esta categoria expressa semanticamente uma relação de propriedade-entidade (BRANDÃO, 2016) relacionada às propriedades gerais das entidades, como: formato, consistência ou dimensão. O quadro a seguir ilustra a ocorrência dos classificadores descritos em Brandão (2014; 2016):

Quadro 14: Classificadores em Paresi descritos em Brandão (2014)

CLASSIFICADORES EM PARESI	GLOSA
<i>Tse</i>	pequeno, cabeceira de cachoeira
<i>Hi</i>	comprido, delgado, flexível (parece cipó)
<i>li ~ri</i>	redondo
<i>He</i>	pó
<i>Natse</i>	comprido horizontalmente, cilíndrico, 3d
<i>Katse</i>	delgado, rígido, comprido verticalmente (parece vara)
<i>Za</i>	líquido; fala
<i>Hoko</i>	circular, 3d
<i>Taotse</i>	pedaço
<i>Koa</i>	superfície plana
<i>Ako</i>	dentro de um buraco, 3d

Fonte: Brandão (2014, p. 185).

Dos 247 termos presentes no glossário proposto por este estudo, 11 ocorrem com os classificadores descritos em Brandão (2014; 2016). À vista disso, demonstraremos a ocorrência destes casos com mais detalhes ao longo das subseções posteriores.

#### 4. 1.1.1.2 Ocorrências de nomes simples derivados com o *CLF. -tse*

Em Brandão (2014; 2016), o *CLF. -tse* ‘pequeno’ é empregado no processo de derivação de nomes relacionados a animais e objetos pequenos em estatura. A propriedade semântica mais relevante neste caso é o tamanho e não as dimensões. A seguir, apresentamos exemplos típicos que ilustram esta categoria:

(6) *kotehalatse*

kotehala tse

ave CLF. pequeno

‘canário’

(7) *txinitse*

txini tse

onça CLF. pequeno

‘gato’

Dos 247 termos expostos ao longo do glossário etnoterminológico desenvolvido por este estudo, constatamos a ocorrência deste classificador em 5 termos relativos aos subcampos semânticos aves (3); insetos (1) e mamíferos (1). O quadro abaixo atesta estas ocorrências:

Quadro 15: Ocorrências de nomes simples derivados com o CLF. *-tse*

SUBCAMPO SEMANTICO	CATEGORIA DE ANÁLISE	NOME EM PORTUGUÊS	NOME EM PARESI	GLOSA
AVES	<i>CLF. -tse</i>	1. Canário	<i>Kotehalatse</i>	kotehalatse kotehala tse ave CLF. pequeno 'canário'
		2. Nambu	<i>Mawiyetse</i>	mawiyetse mawiye tse macuco CLF. pequeno 'nambu'
		3. Socozinho	<i>Onoretse</i>	onoretse onore tse socó CLF 'socozinho'
INSETOS	<i>CLF. -tse</i>	1. Carapanã pequeno	<i>Nitsaretse</i>	nitsaretse nitsa re tse picar ? CLF. pequeno 'carapanã pequeno'
MAMÍFEROS	<i>CLF. -tse</i>	1. Gato	<i>Txinitse</i>	txinitse txini tse onça CLF. pequeno 'gato'

Fonte: Produzido pela autora (2023).

#### 4.1.1.1.3 Ocorrências dos nomes simples derivados com o *CLF. -li ~ -ri*

Em Brandão (2014; 2016) constatamos que o *CLF. -li* 'redondo' está associado a entidades que apresentam o formato arredondado. Este pode ocorrer com nomes relativos a

partes do corpo humano ou objetos que apresentam formato semelhante a uma fruta. A partir dos dados gerados em campo, foi possível constatar a ocorrência deste classificador no subcampo semântico aves, conforme demonstrado no quadro a seguir:

Quadro 16: Ocorrências dos nomes simples derivados com o *CLF. -li ~ -ri*

SUBCAMPO SEMANTICO	CATEGORIA DE ANÁLISE	NOME EM PORTUGUÊS	NOME EM PARESI
<b>AVES</b>	<b><i>CLF. -li</i></b>	<b>1. Carcará</b>	tala <b>li</b> tala <b>li</b> proteger CLF. li carcará'

Fonte: Produzido pela autora (2023).

#### 4.1.1.1.4 Ocorrências dos nomes simples derivados com o *CLF -hi*

O classificador *-hi* '*CLF. comprido/delgado*' é descrito em Brandão (2014; 2016) como aquele que se relaciona a entidades semelhantes ao formato de cipó. Com base nos dados gerados em campos, verificamos a ocorrência deste classificador no termo *kozohi* 'lagartixa', conforme verificado no quadro a seguir:

Quadro 17: Ocorrências dos nomes simples derivados com o *CLF -hi*

SUBCAMPO SEMANTICO	CATEGORIA DE ANÁLISE	NOME EM PORTUGUÊS	NOME EM PARESI
RÉPTEIS	<i>CLF -hi</i>	1. Lagartixa	kozohi <sup>40</sup> koso hi transar <i>CLF</i> . comprido 'lagartixa'

Fonte: Produzido pela autora (2023).

#### 4.1.1.1.5 Ocorrências dos nomes simples derivados com o *CLF -natse*

Investigações apontam que o *CLF -natse* originou-se provavelmente do termo *natse* 'pilão' (BRANDÃO, 2014). Este classificador é comumente utilizado no processo de derivação de nomes cujos referentes são coisas e/ou objetos que apresentam uma dimensão cilíndrica, são horizontalmente longos ou possuem um formato tridimensional, conforme um pilão. Dessemelhante ao classificador *-tse* (exposto na subseção 4. 1.1.1.2), *-natse* muitas vezes denota um significado aumentativo. Conforme Brandão (2014), este ocorre com nomes de animais em compostos, fazendo referência ao sexo do animal, como em *txini ohironatse* 'uma onça fêmea' (BRANDÃO, 2014, p, 189). Em nossa geração de dados, foi possível constatar a ocorrência deste classificador em três termos provenientes do domínio semântico relativo à classe dos mamíferos, conforme observado no quadro disposto a seguir:

<sup>40</sup> Relação da lagartixa com órgão sexual. *Kozoty* / *Kozone* 'órgão sexual feminino'.

Quadro 18: Ocorrências com o classificador *-natse*.

SUBCAMPO SEMANTICO	CATEGORIA DE ANÁLISE	NOME EM PORTUGUÊS	NOME EM PARESI	GLOSA
MAMÍFEROS	<i>CLF -natse</i>	1. Irara	<i>Makanatse</i>	makan <b>natse</b> maka <b>natse</b> de tardezinha <i>CLF</i> . 'irara'
		2. Tatu bola	<i>Yonomenatse</i>	yonome <b>natse</b> yono me <b>natse</b> nome ? <i>CLF</i> . 'tatu bola'
		3. Veado mateiro	<i>Ohidyomatse</i>	ohidy <b>natse</b> ohidyo <b>natse</b> mulher <i>-CLF</i> . 'veado mateiro'

Fonte: Produzido pela autora (2023).

#### 4.1.1.1.6 Ocorrências dos nomes simples derivados com o *CLF -koa*

Dessemelhante aos demais classificadores abordados nas subseções anteriores deste estudo, o *CLF. -koa* é empregado para se referir a coisas/objetos e partes do corpo que apresentam o formato ou superfície plana, como em: *kahekoa* 'palma' e *abalikoa* 'peneira' (tipo de peneira plana) e lugares abertos, como: *matsekoa* 'chão (espaço aberto)'. Entre os classificadores mencionados ao longo desta discussão, *-koa* se mostrou menos produtivo nos

dados gerados em campo, apresentando apenas uma ocorrência no termo *zakolokoa* ‘escorpião’, conforme verificado no quadro a seguir:

Quadro 19: Ocorrência com o classificador *-koa*

SUBCAMPO SEMANTICO	CATEGORIA DE ANÁLISE	NOME EM PORTUGUÊS	NOME EM PARESI	GLOSA
OUTROS	<i>CLF -koa</i>	1. Escorpião	<i>Zakolokoa</i>	<i>zakolokoa</i> zakolo <b>koa</b> abraçar <i>CLF</i> . plano ‘escorpião’

Fonte: Produzido pela autora (2023).

#### 4.1.1.1.7 Nomes simples originados a partir de empréstimos e neologismos

Entre os nomes simples verificados a partir da geração de dados obtidos em campo, constatamos ocorrências de nomes simples originados a partir de empréstimos e neologismos. Estes processos foram escritos detalhadamente nos estudos desenvolvidos em Costa (2018) e Souza (2018).

Acerca dos neologismos em Paresi, Costa (2018) ressalta que estes podem ser concebidos como o processo de criação neológica que une elementos morfológicos e sintáticos. Conforme a autora, estes podem ser formados na língua a partir dos seguintes processos: **composição**, formada por N+N, como em *zotsemili* ‘lente de contato’ (*zotse* ‘olho’ e *mili* ‘pele’); **derivação com classificadores**, como em *txinitse* ‘onça pequena’ (*txini* ‘onça’ e *-tse* ‘classificador para pequeno’); **derivação com o nominalizador instrumental -kala**, a exemplo de *iraekala* ‘telefone’ (*irae* ‘falar’ e *-kala* ‘nominalizador de instrumento’); e **construção sintagmática**, como *raiti zawayekehalakala* ‘dicionário’ (*iraiti* ‘fala’ e *zawayekehalakala* ‘ser.bom/satisfazer’).

A partir dos dados obtidos em campo, verificamos a ocorrência deste processo nos termos relativos a cachorro, como em: *kehenatse* / *halanatsé* / *haliti xikwakwanatsé*.

Dentre os classificadores que participam da criação de neologismos, destaca-se o classificador *-natse*, empregado na designação de entidades que apresentam formato cilíndrico ou em nomes de animais quadrúpedes, e/ou horizontalmente longos. Conforme Rowan (2010), *-natse* é utilizado como elemento representativo de uma classe de animais, como veado, lobo, entre outros. Desta forma, depreendemos que a processo de criação neológica presente no termo *kehenatse* advém do grau de semelhança relativo entre estes animais e um cachorro. Além disso, cabe ressaltar que o termo em destaque apresenta como termo concorrente o item lexical *katxolo*, termo oriundo do português cachorro, o que revela que os Paresi não só aceitam os termos oriundos de outras línguas, como igualmente utilizam o processo neológico para traduzir estes termos e assim, incorporá-los na língua. Este mesmo processo pode ser verificado em outros termos, conforme o exemplo arrolado a seguir:

(8) *talakwanatsé* ‘gato’

(Fonte: FLEX)

Além dos nomes originados a partir de neologismos, observamos no corpus obtidos em campo ocorrências de nomes simples a partir de empréstimos. Este processo é descrito em Paresi por Souza (2018) como fenômeno ocasionado pelo contato (direto ou indireto) entre línguas e culturas distintas, sendo altamente produtivo na categoria nominal por meio de adaptações ao sistema fonológico e morfológico da língua. Ademais, este processo pode ser verificado em distintos campos semânticos, como: alimentos; vestuário; objetos ou utensílios; nomes próprios; termos de parentesco; meios de transportes; costumes e fauna. Com base nos dados gerados em campo, constatamos inicialmente a ocorrência de 9 termos relativos a este processo, em nomes de animais que foram inseridos ao longo dos anos na cultura Paresi e que passaram a ser criados por estes como animais domésticos ou como fonte de alimentação. O quadro a seguir elucida estas ocorrências:

Quadro 20: Ocorrência de empréstimos em Paresi

CATEGORIA DE ANÁLISE	NOME EM PORTUGUÊS	NOME EM PARESI
EMPRÉSTIMOS	1. Acauã	<i>Makowa</i>
	2. Arara azul	<i>Halawa</i>
	3. Boi	<i>Bowi</i>
	4. Cabrito	<i>Kabala</i>
	5. Cachorro	<i>Katxolo</i>
	6. Cavalo	<i>Kawalo</i>
	7. Jacaré	<i>Iyacare</i>
	8. Tucunaré	<i>Konare</i>
	9. Urubu	<i>Oloho</i>

Fonte: Produzido pela autora (2023).

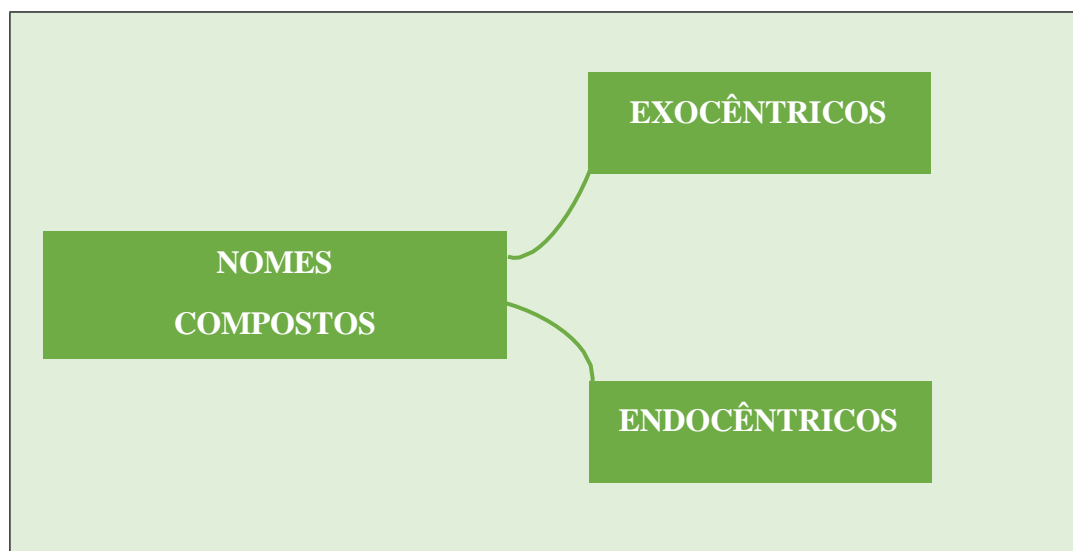
Expostos estes pontos, nos debruçaremos a partir das subseções posteriores a exposição acerca dos nomes compostos (cf. 4. 1.1.2) e suas subdivisões (cf. seções 4.1.1.2.1 e 4.1.1.2.2) descritos em Brandão (2014) e Pereira (2017).

#### 4. 1.1.2 Nomes compostos

Pautando-se em critérios semânticos-morfológicos, Brandão (2014) descreve esta categoria como correspondente a nomes formados por mais de uma raiz, ocorrendo de modo mais ou menos produtivo. Dessemelhante aos nomes simples, estes podem ser subdivididos na

língua em estudo em compostos exocêntricos (cf. seção 4.1.1.2.1). e compostos endocêntricos (cf. seção 4.1.1.2.2) (PEREIRA, 2017), conforme elucidado a seguir:

Quadro 21: Subdivisão dos nomes compostos em Paresi



Fonte: produzido pela autora (2023).

Os exemplos a seguir ilustram ocorrências representativas destes casos:

(9) Kamaiyekahi

Kamaiye kahi

Kamaiye mão

‘peixe traíra’ (Lit.: mão de *Kamaiye*<sup>41</sup>)

(10) Zowa kiere

Zowa kiere

aranha ser preto

‘aranha caranguejeira’

O exemplo em (9) evidencia um composto exocêntrico, em que o termo *Kamaiye* corresponde a um personagem de extrema relevância das narrativas orais Paresi e o termo *kahi*

---

<sup>41</sup> Personagem de extrema relevância nas narrativas orais produzidas pelo povo Paresi.

faz referência a mão. Em sentido literal, este composto faz referência a mão de *Kamaiye*. Por sua vez, o composto apresentado em (10), evidencia um composto endocêntrico formado pelos termos *zowa* ‘aranha’ e *kiere* ‘preto’, cujo significado faz referência a aranha caranguejeira.

Os dados gerados em campo permitiram-nos evidenciar que dos 247 termos que compõem o glossário produzido por este estudo, 36 são compostos na língua. O quadro a seguir evidencia um recorte<sup>42</sup> destas ocorrências:

Quadro 22: Exemplo das ocorrências de nomes compostos em Paresi

CATEGORIA DE ANÁLISE	NOME EM PORTUGUÊS	NOME EM PARESI
	<b>1. Caninana</b>	<i>Zolota wini / kotehala wini</i> <i>zolota wini</i> <sup>43</sup> bacaba referência a cobra ‘caninana’
	<b>2. Cobra cipó</b>	<i>Awo natxihi</i> <i>Awo natxihi</i> <i>ema intestino; tripa de ema</i> ‘cobra cipó’  <i>A cobra apresenta esse nome por ter semelhança com o formato da tripa de ema.</i>
	<b>3. Cobra coral falsa</b>	<i>Kalanawini metalahare</i> kalana wini metalahare

<sup>42</sup> As ocorrências completas podem ser verificadas no apêndice IV desta dissertação.

<sup>43</sup> Wini ‘faz referência a cobra, mas não tem um significado só’. Pode ter sido derivado do owi.

<b>NOMES COMPOSTOS</b>		<p>buritirana referência as cobras falso 'cobra coral falsa'</p> <p>Semelhança das cores da cobra com as cores do buritirana.</p>
	<b>4. Cobra verde</b>	<p><i>Kolokotewini</i> <i>kolokote wini</i> <i>papagaio</i> referência as cobras 'cobra verde'</p> <p>Apresenta esse nome por apresentar semelhança com a cor do papagaio.</p>
	<b>5. Traíra</b>	<p><i>Kamaiye kahi</i> Kamaiye mão 'traíra' Sent. Lit: mão de Kamaiye</p>
	<b>6. Gaviãozinho</b>	<p><i>Txihali kokoini</i> txihali kokoini besouro gavião 'gaviãozinho'</p> <p>Gavião que come besouro</p>
	<b>7. Anta</b>	<p>kotyoi makalore kotyoi makalorte anta termo que aparece em narrativas 'anta'</p> <p>one wayekatsahare</p>

		água dono da água 'anta'
	<b>8. Passarinho de verão</b>	tihyalo halatse friagem passarinho 'passarinho de verão'
	<b>9. Bem te vi</b>	<i>One hoholatse</i> one hoholatse água pequeno vento 'bem te vi'  hoholati 'vento' fica na beira da água
	<b>10. Gavião real ou do penacho</b>	<i>Kamaiye kokoiya</i> kamae kokoiy sol <i>gavião</i> 'gavião do sol'  A pena é utilizada na flecha sagrada

Fonte: produzido pela autora (2023).

Realizada esta breve exposição, nos deteremos a partir das subseções posteriores a apresentação relativa à subdivisão dos compostos em Paresi evidenciados em estudos anteriores descritos em Brandão (2014) e Pereira (2017).

#### 4.1.1.2.1 Compostos exocêntricos

Conforme Pereira (2017), nos compostos exocêntricos, não é possível identificar a relação “é um” ou “é um tipo de” entre os elementos expressos nas palavras compostas. O significado atrelado a este tipo de composto pode ser apreendido por fatores relativos aos

aspectos culturais e pragmáticos da língua. Em Paresi, esses compostos são empregados comumente na designação de nomes para animais, conforme elucidado a seguir:

(11) *awo natxihi*

awo n- atxi -hi

ema LK estômago CLF: longo

‘cobra cipó’ (Lit.: Intestino de ema’)

(12) *kamaiye kahi*

kamaiye kahi

kamaiye mão

‘peixe traíra’ (Lit.: mão de Kamaiye)

(Fonte: FLEX).

Semanticamente, a relação estabelecida entre estes compostos não apresenta transparência, exceto em (11), em que o composto em destaque se refere metaforicamente a semelhança observada entre o estômago da ema e a forma da cobra. Esta relação pode ser ainda observada nos compostos exocêntricos expostos no quadro a seguir:

Quadro 23: Compostos exocêntricos em Paresi

CATEGORIA DE ANÁLISE	NOME EM PORTUGUÊS	NOME EM PARESI	GLOSA
	<b>1. Traíra</b>	<i>kamaiye kahi</i>	kamaiye kahi kamaiye mão 'traíra'  Sent. Lit: mão de Kamaiye
	<b>2. Gaviãozinho</b>	<i>txihali kokoini</i>	txihali kokoini besouro gavião 'gaviãozinho'  Gavião que come besouro
	<b>3. Gavião real ou do penacho</b>	<i>kamaiye kokoiya</i>	kamae kokoiya sol gavião 'gavião do sol'  A pena é utilizada na flecha sagrada
	<b>4. Passarinho-de-verão</b>	<i>tihalo halatse</i>	tihyalo halatse friagem passarinho 'passarinho de verão'
	<b>5. Saracura</b>	<i>salako zarityore</i>	salako zarityore canto de pássaro saracura 'saracura'
	<b>6. Bem te vi</b>	<i>one hoholatse</i>	one hoholatse água pequeno vento 'bem te vi'  hoholati 'vento' fica na beira da água
	<b>7. Cabrito</b>	<i>kamalo totoidyo</i>	kamalo totohidyo cinza chifre com couro 'cabrito'
	<b>8. Lagarto</b>	<i>one zohoza</i>	one zoho za água lagarto CLF-líquido 'lagarto'

			Ele entra na água
<b>9. Ema</b>	<i>amere makalore</i> <i>awo makalore</i>		awo makalore ema termo que aparece em narrativas 'ema'  <i>Obs: Acontece somente nas festas tradicionais, em que a chicha é oferecida para Enore.</i>
<b>16. Cervo</b>	<i>enohare nolohe</i>		<i>enohare nolohe</i> <i>Deus chicha, líquido</i> 'cervo' 'bebida para Deus'
<b>17. Caninana (cobra)</b>	<i>kotehala wini</i> <i>zotawini</i>		<i>zolota wini</i> <sup>44</sup> bacaba referência à cobra 'caninana'
<b>18. Cobra cipó verde</b>	<i>kamaewinya</i>		<i>Kamae winya</i> <i>Sol ?</i>

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

A partir dos exemplos exibidos no quadro acima, podemos constatar que salvo por questões culturais, não é possível estabelecermos relações entre os elementos que compõem os compostos. Consoante a Basílio (2002, p. 42), este tipo de composto pode ser designado como nomeação metafórica, haja vista que “[...] a descrição de um objeto, ao invés de caracterizá-lo por critérios objetivos, estabelece para este uma descrição em termos de propriedades transferidas em termos associativos [...]”. Em outras palavras, a interpretação destes compostos só poderá ser realizada mediante o conhecimento prévio acerca do sentido da metáfora. Em Paresi, isto pode ser evidenciado através do termo *enohare nolohe* ‘cervo’, composto pelos termos *enohare* ‘Deus’ e *nolohe* ‘chicha’, compreendido em um sentido literal como bebida para Deus. Inicialmente, não é possível identificarmos a relação estabelecida entre as partes

<sup>44</sup> *Wini* ‘faz referência a cobra, mas não tem um significado só’. Pode ter sido derivado do *owi*.

deste composto, entretanto, ao nos aprofundarmos nos conhecimentos relativos aos aspectos socioculturais e cosmológicos do povo *Haliti*, verificamos o lugar de destaque que a chicha (bebida fermentada feita a base de mandioca e outros alimentos) ocupa nesta sociedade, principalmente no que diz respeito à realização das festas tradicionais, em que este elemento é ofertado aos *maiyaotyatse* ‘espíritos consumidores de chicha’, entre eles *Enore*, concebido como a divindade de maior relevância na cultura Haliti. Outro exemplo pode ser observado no etnotermo *awo makalore*, composto pelos termos *awo* ‘ema’ e *makalore* ‘termo que aparece em narrativas orais’. Em um sentido literal, a junção destes elementos origina o termo *ema*, animal amplamente utilizado como fonte de alimentação durante a realização das festas tradicionais da comunidade Haliti.

#### 4.1.1.2.2 Compostos endocêntricos

Os compostos endocêntricos são definidos a partir da nomeação descritiva dos seres. Conforme Basílio (2002), nesta nomeação, a entidade passa a ser designada com base nas suas características mais notáveis. Brandão (2014) aponta que em Paresi, estes nomes fazem referência a partes de plantas, conforme ilustrado no quadro a seguir:

Quadro 24: Plantas e partes do corpo em Paresi

<b>NOMES VINCULADOS</b>	<b>GLOSA</b>
<b>Mena</b>	'talo de, caule'
<b>Tyahare</b>	'raiz de'
<b>Walahi</b>	'veia de'
<b>Hana</b>	'folha de'
<b>Tane</b>	'pena de'
<b>Kino</b>	'registro'
<b>Tyatya</b>	'latido de'
<b>Iye</b>	'flor de'
<b>Mili</b>	'pele de'
<b>Ri</b>	'fruto de'
<b>Tse</b>	'semente de', 'tubérculo de'
<b>Hi</b>	'fibra de'

Fonte: Traduzido de Brandão (2014, p. 182).

Ainda segundo Brandão (2014), alguns termos de classificação exibidos na tabela acima passaram pelo processo de extensão semântica, originando assim morfemas classificadores com propriedades semânticas e morfossintáticas distintas, a exemplo da forma *-ri*, inicialmente relacionado a 'fruto de', e atualmente vinculado a objetos/entidades que apresentam formato redondo. Conforme Brandão (2014), a maioria dos nomes compostos produzidos com os nomes exibidos no quadro 24 pertencem ao campo semântico da flora. Como esta discussão foge do escopo desta investigação, esta será investigada em estudos futuros relativos à língua e cultura Haliti. Entre os dados gerados em campo, foi possível constatar a ocorrência de dez compostos endocêntricos, conforme elucidado na tabela abaixo:

Quadro 25: Ocorrências de compostos endocêntricos

CATEGORIA DE ANÁLISE	NOME EM PORTUGUÊS	NOME EM PARESI	GLOSA
COMPOSTOS ENDOCÊNTRICOS	1. <b>Aranha caranguejeira</b>	<p><i>zowa kiere</i></p> <p><i>zowa hotero</i></p>	<p>zowa kiere aranha preto ‘aranha caranguejeira’</p> <p><b>zowa hotere</b> <b>aranha preto</b> ‘<b>aranha</b> caranguejeira’</p>
	2. <b>Ema macho</b>	<i>awo enali</i>	awo ena li ema homem <i>CLF.</i> redondo ‘ema macho’
	3. <b>Ema fêmea</b>	<i>awo ohidyoli</i>	awo ohidyo li ema mulher <i>CLF.</i> redondo ‘ema fêmea’
	4. <b>Galinha</b>	<i>Takoydya ohidyoli</i>	takuydya ohidyo li frango mulher, fêmea <i>CLF.</i> redondo ‘galinha’
	5. <b>Lagarto</b>	<i>one zohoza</i>	one zoho za água lagarto <i>CLF.</i> líquido ‘lagarto’

	<b>6. Onça parda</b>	<i>Txini zotere</i>	txini zotere onça vermelho 'onça parda'
	<b>7. Onça pintada</b>	<i>txini kazaidyare</i>	txini kazaidyare onça pintura da onça 'onça pintada'
	<b>8. Peixe agulha</b>	<i>kohatse mazozore</i>	kohatse mazozore peixe narina com formato pontiagudo 'peixe agulha'
	<b>9. Tipo de abelha</b>	<i>mahahono</i>	maha hono Mel inseto de mel 'abelha'
	<b>10. Veado mateiro</b>	<i>zotyare kwakere</i>	<i>Zotyare kwakere</i> <i>Veado que vive na mata/fica na mata</i> 'veado mateiro'

Fonte: Arquivo pessoal da autora (2023).

Dessemelhante aos compostos exocêntricos exibidos na subseção anterior (cf. 4.1.1.2.1), estes se mostraram pouco produtivos nos dados gerados em campo. À vista desta exposição,

podemos concluir que os compostos exocêntricos estão atrelados à nomeação metafórica, estes apresentaram nos dados utilizados neste estudo um grau de produtividade elevado quando comparados aos endocêntricos relacionados à nomeação descritiva. Como o aprofundamento desta discussão foge do escopo desta dissertação, sugerimos a consulta aos estudos desenvolvidos em Brandão (2014) e Pereira (2017). Antes de prosseguirmos em direção a próxima seção, cabe mencionar que um número significativo dos compostos aqui apresentados é constituído por 45 *etnotermos* empregados em contextos específicos da língua e cultura Paresi. Estes serão descritos detalhadamente nas próximas subseções deste capítulo (cf. seção 4. 3).

Realizadas estas considerações, exibiremos a partir da próxima seção uma exposição relativa aos etnotermos observados no campo semântico investigado por este estudo.

#### 4.2 Etnotermos

Conforme mencionado nos capítulos iniciais desta discussão, um dos objetivos centrais deste estudo é a catalogação e descrição dos *etnotermos* presentes no campo semântico da fauna da língua Paresi. Estes são descritos conforme Costa e Gomes (2013) como itens lexicais amplamente utilizados no discurso produzido por especialistas de distintas comunidades tradicionais, sobretudo aquelas que detêm conhecimentos tradicionais e são estigmatizados frente às sociedades ocidentais modernas. A partir disso, compreendemos os *etnotermos* como “[...] uma unidade linguística que tem valor semântico completo” . (COSTA, 2017, p. 68), podendo este realizar-se como uma palavra, locução, termo composto ou sentença. Neste sentido, o *etnotermo* é verificado em discursos com alto grau de especialidade, representativo dos conhecimentos específicos de especialistas das mais diversificadas áreas.

Em Paresi, estes itens lexicais são amplamente produtivos e produzidos nos discursos que emergem das vozes dos *otyahaliti*, considerados exímios detentores dos conhecimentos socioculturais e cosmológicos. Como apontado no capítulo 3 deste estudo, este grupo de especialistas é representado na sociedade Haliti pelas figuras do *Iyawitseko* (caçador); *Zeratiyatane* (cantor); *Zakainakatyare* (contador de narrativas orais); *Waidyatare* (pajé) (cf. seção 3.3.4); *Zoimiazawenakitsasehalo* (parteira) e *Zaotyakitsatidyoye* (professores). Entre os 247 Etnotermos utilizados na composição do glossário etnoterminológico da fauna proposto por este estudo, 44 são considerados *etnotermos especiais* ou variantes do discurso de

especialidade empregado em contextos específicos da língua e cultura Paresi. O quadro subsequente exhibe as ocorrências observadas a partir dos dados gerados em campo:

Quadro 26: *Etnotermos* verificados no campo semântico da fauna em Paresi

NOME EM PORTUGUES	ETNOTERMO EM PARESI
<b>1. Andorinha</b>	<i>katala kanorese</i>  Katala kano re tse Listra braço ? CLF. peq, 'andorinha'
<b>2. Anambé-de-asa-branca</b>	<i>Wezai</i>
<b>3. Bem-te-vi</b>	<i>Onehoholatse</i>  One hohola tse Água passarinho CLF. peq 'passarinho da água' Voa por cima da água
<b>4. Besouro</b>	<i>Wazorolidi</i>
<b>5. Borboleta</b>	<i>tololo toli<sup>45</sup></i> <i>Timalaiokwa</i>
<b>6. Ema</b>	<i>Ameremakalore / Awomakalore/ zozoware</i>  Amere makalore Jabuti tardezinha/noite 'ema'  Semelhança da cabeça e corpo da ema com o formato da cabeça do jabuti.
<b>7. Saracura</b>	<i>salako zarityore</i>  Salako zarityore (canto de pássaro) Saracura (nome popular)

<sup>45</sup> Borboleta coruja

<b>8. Tucaninho</b>	<i>Dekyaronatse</i>
<b>9. Aranha</b>	<i>Makozore</i>
<b>10. Aranha vermelhinho d'água</b>	<i>Zotyahikanore</i> zotya hi kano re vermelho CLF. redondo braço ? aranha de patas vermelhas 'aranha vermelhinho d'água'
<b>11. Anta</b>	<i>Warekotahaiyore</i> <i>Onewayekatsahare</i>
<b>12. Cabrito</b>	<i>Kamalototoidyo</i>
<b>13. Capivara</b>	<i>Alamenare / mahikotare</i>
<b>14. Cervo</b>	<i>Enohare nolohe</i>
<b>15. Cutia</b>	<i>Hinyamatsore</i>
<b>16. Canário do campo</b>	<i>Mazamazaihyore</i> <i>Maza maza ihyore</i> <i>Mole ? rabo dele</i> 'canário do campo'
<b>17. Galinha</b>	<i>Kamatihehoko</i> <i>Kamati he hoko</i> <i>Morto ? CLF circular</i> 'galinha'
<b>18. Gato</b>	<i>Talakwanatse</i> <i>Talakwa natse</i> <i>Espaço/brejo CLF. comprido</i> 'gato' <i>O gato vive nesse espaço</i>
<b>19. Irara</b>	<i>Makanatse /Tyahoty</i> Maka natse anoitecer CLF. comprido / socador

	<p>'irara'</p> <p>Formato da irara é semelhante ao do cachorro</p>
<b>20. Lobinho</b>	<p><i>Koytimihore/ Wazolo totazola</i></p> <p>Wazolo totozola Lobinho buraco reto 'lobinho'</p> <p>O animal faz a casa embaixo da terra</p>
<b>21. Onça</b>	<p><i>Kahalatsekatihore</i></p> <p>kahala tse                      katihore listrado CLF. pequeno o rosto dele 'onça'</p>
<b>22. Onça pintada</b>	<i>Kaholakwatihore</i>
<b>23. Tatu bola</b>	<i>Lyonomenare</i>
<b>24. Tatu canastra</b>	<p><i>Waikyoatxihalini</i></p> <p>waikyo                      txihalini chão / algo baixo besouro 'tatu canastra'</p> <p>besouro do chão</p> <p>Lembra o besouro</p>
<b>25. Tatu peba</b>	<p><i>Olawalidyo</i></p> <p>Olawa li                      dyo Tucum CLF.redondo ? 'tatu peba'</p>
<b>26. Tartaruga</b>	<i>Amere</i>
<b>27. Veado</b>	<i>kaiyenamalo/ kamolototore</i>
<b>28. Cascudo</b>	<i>Txiaotya</i>
<b>29. Caninana (cobra)</b>	<i>Kotehalawini</i>

<b>30. Cascavel</b>	<i>Yazenamare</i>
<b>31. Cobra</b>	<i>Kamalokwalo</i>
<b>32. Cobra cipó</b>	<i>Awonatxihi</i>  <i>Awo natxihi</i> <i>Ema tripa</i> <i>'cobra cipó'</i>
<b>33. Cobra cipó verde</b>	<i>Kamaewinya</i>  <i>Kamae winya</i> <i>Gavião movimento</i> <i>'cobra cipó verde'</i>
<b>34. Coriango</b>	<i>Tyokatsekwalo</i>  tyoka            tse            kwalo curto/sentou CLF.peq    formato achatado 'coriango'  Quando ele senta no chão fica com formato achatado e por causa do canto dele: tyokatsekwalo.
<b>35. Jacaré</b>	<i>Kanomenare /</i> <i>Iyonomere</i>  kano mena            re braço tronco, caule ? 'jacaré'
<b>36. Jararaca</b>	<i>Katimalalo</i>
<b>37. Lagartixa</b>	<i>Kamaewalane</i>  kamae wala    ne  sol    cabaça ?  'lagartixa'  Cabaça utilizada para chamar a alma
<b>38. Lagarto</b>	<i>Onezohoza</i>  <i>One zoho za</i> <i>Água lagarti CLF. líquido</i> <i>'lagarto'</i>

<b>39. Sucuri</b>	<i>Anakitxihore</i>
<b>40. Surucucu</b>	<i>Kolonamare</i>
<b>41. Macaco</b>	<i>Taliweroka</i>
<b>42. Macuco</b>	<i>malolizaidali</i> <i>Saidali</i>  malo li                      zaidali filha CLF.redondo    mancha 'macaco'
<b>43. Minhoca</b>	<i>Aytyohemoko</i>
<b>44. Nambu</b>	<i>Zakwalo</i>

Fonte: Produzido pela autora (2023).

Como apontado ao longo desta discussão, os etnotermos em Paresi podem ser atestados como itens lexicais que emergem das vozes dos *otyahaliti* 'sábios'. Estes itens são amplamente produtivos em contextos comunicativos específicos das comunidades Haliti, a exemplo das narrativas orais, *fehanati* (benzenções), *idyaete* (rezas), entre outros. Os dados gerados em campo permitiram-nos constatar que dos 44 etnotermos que compõem a proposta inicial de glossário produzido por este estudo, 38 são amplamente empregados em contextos diversos como a realização de oferendas, benzenções, narrativas tradicionais, entre outros; 3 são empregados no discurso produzido no decorrer da caça; 5 ocorrem durante a realização **das *fehanati* e *idyaete***<sup>46</sup> e 5 ocorrem nas narrativas orais e cantos tradicionais. Estas ocorrências podem ser visualizadas nos quadros exibidos a seguir:

---

<sup>46</sup> Benzenções e rezas

Quadro 27: Ocorrências de etnotermos produzidos em contextos variados

NOME EM PORTUGUÊS	ETNOTERMO EM PARESI	GLOSA	CONTEXTO DE OCORRÊNCIA
1. Andorinha	<i>Katala kanorese</i>	Katala kano re tse Listra braço ? CLf. peq, 'andorinha'	Contextos variados
13. Bem-te-vi	<i>Onehoholatse</i>	One hohokatse Água passarinho Voa por cima da água 'passarinho da água'	Contextos variados
14. Besouro	<i>Wazorolidi</i>		Contextos variados
15. Borboleta	<i>Tololo toliidi</i> <i>Timalaiokwa</i>		Contextos variados
5. Saracura	<i>Salako zarityore</i>	Salako zarityore (canto de pássaro) Saracura (nome popular)	Contextos variados
6. Tucaninho	<i>Dekyaronatse</i>		Contextos variados
7. Cabrito	<i>Kamalototoidyo</i>		Contextos variados

<p><b>8. Aranha vermelhinho d'água</b></p>	<p><i>Zotyahikanore</i></p>	<p>zoty hi kano re vermelho CLF.braço ? aranha de patas vermelhas 'aranha vermelhinho d'água'</p>	<p>Contextos variados</p>
<p><b>16. Cutia</b></p>	<p><i>Hinyamatsore</i></p>		<p>Contextos variados</p>
<p><b>17. Canário do campo</b></p>	<p><i>Mazamazaihyore</i></p>	<p><i>Maza maza ihyore</i> <i>mole ? rabo dele</i> 'canário do campo'</p>	<p>Contextos variados</p>
<p><b>18. Galinha</b></p>	<p><i>Kamatihehoko</i></p>	<p><i>Kamati he hoko</i> <i>Morto ? CLF</i> 'galinha'</p>	<p>Contextos variados</p>
<p><b>12. Grilo</b></p>	<p><i>Hitxi kolinyaware</i></p>	<p><i>Hitxi kolinyaware</i> Grilo ? 'grilo'</p>	<p>Contextos variados</p>
<p><b>19. Irara</b></p>	<p><i>Makanatse / Tyahoty</i></p>	<p>Maka natse anoitecer CLF. / socador 'irara'</p> <p>Formato da irara é semelhante ao do cachorro</p>	<p>Contextos variados</p>

<b>20. Jaratata (gambá)</b>	<i>Anahorewatalali</i>	<i>Anahore wa talali</i> ? ? gavião 'jaratata'	Contextos variados
<b>14. Lobinho</b>	<i>Koytimihore</i> <i>Wazolo totazola</i>	Wazolo totozola Lobinho buraco reto 'lobinho'  O animal faz a casa embaixo da terra	Contextos variados
<b>15. Onça</b>	<i>Kahalatsekatihore</i>	kahala tse katihore lustrado CLF o rosto dele 'onça'	Contextos variados
<b>16. Onça pintada</b>	<i>Kaholakwatihore</i>		Contextos variados
<b>17. Tatu bola</b>	<i>Iyonomenare</i>		Contextos variados
<b>18. Tatu canastra</b>	<i>Waikyoatxihalini</i>	waikyo txihalini chão / algo baixo besouro 'tatu canastra'  besouro do chão  Lembra o besouro	Contextos variados

<b>19. Tatu peba</b>	<i>Olawalidyo</i>	Olawa li dyo Tucum clf ? 'tatu peba'	Contextos variados
<b>20. Tartaruga</b>	<i>Amere</i>		Contextos variados
<b>21. Veado</b>	<i>Kaiyenamalo/kamolototore</i>		Contextos variados
<b>22. Cascudo</b>	<i>Txiaotya</i>		Contextos variados
<b>23. Caninana (cobra)</b>	<i>Kotehalawini</i>	<i>Kotehala wini</i>	Contextos variados
<b>24. Cascavel</b>	<i>Yazenamare</i>		Contextos variados
<b>25. Cobra</b>	<i>Kamalokwalo</i>		Contextos variados
<b>26. Cobra cipó</b>	<i>Awonatxihi</i>	<i>Awo natxihi</i> Ema tripa 'cobra cipó'	Contextos variados
<b>27. Cobra cipó verde</b>	<i>Kamaewinya</i>	<i>Kamae winya</i> Gavião movimento 'cobra cipó verde'	Contextos variados
<b>28. Coriango</b>	<i>Tyokatsekwalo</i>	tyoka tse kwalo curto/sentou CLF formato achatado	Contextos variados

		<p>‘coriango’</p> <p>Quando ele senta no chão fica com formato achatado e por causa do canto dele: tyokatsekwalo.</p>	
<b>29. Jacaré</b>	<i>Kanomenare /Iyonomere</i>	<p>kano mena re</p> <p>braço tronco, caule ?</p> <p>‘jacaré’</p>	Contextos variados
<b>30. Jararaca</b>	<i>Katimalalo</i>		Contextos variados
<b>31. João bobo</b>	<i>Tiholidi</i>		Contextos variados
<b>32. Lagartixa</b>	<i>Kamaewalane</i>	<p>kamae wala ne</p> <p>sol cabaça ?</p> <p>‘lagartixa’</p> <p>Cabaça utilizada para chamar a alma</p>	Contextos variados
<b>33. Lagarto</b>	<i>Onezohoza</i>	<p><i>One zoho za</i></p> <p><i>Água lagarti CLF</i></p> <p>‘lagarto’</p>	Contextos variados
<b>34. Lobinho</b>	<i>Koytimihore</i>		Contextos variados

<b>35. Macaco</b>	<i>Taliweroka</i>		Contextos variados
<b>36. Macuco</b>	<i>Malolizaidali</i> <i>Saidali</i>	malo li zaidali filha CLF mancha 'macaco'	Contextos variados
<b>37. Minhoca</b>	<i>Aytyohemoko</i>		Contextos variados
<b>38. Nambu</b>	<i>Zakwalo</i>		Contextos variados

Fonte: Produzido pela autora (2023)

Quadro 28: Ocorrências de etnotermos produzidos pelos caçadores

NOME EM PORTUGUÊS	ETNOTERMO EM PARESI	GLOSA	CONTEXTO DE OCORRÊNCIA
<b>1. Anambé-de-asa branca</b>	<i>Wezai</i>		Termo conhecido apenas por caçadores
<b>2, Aranha</b>	<i>Makozore</i>		Termo conhecido apenas por caçadores
<b>3. Gato</b>	<i>Talakwanatse</i>	<i>Talakwa natse</i> Espaço/brejo CLF. 'gato'	Termo conhecido apenas por caçadores

Fonte: Produzido pela autora (2023).

Quadro 29: Ocorrências de etnotermos verificados nas *fehanati* e *idyate*

NOME EM PORTUGUÊS	ETNOTERMO EM PARESI	GLOSA	CONTEXTO DE OCORRÊNCIA
<b>1. Anta</b>	<i>Warekotahaiyore</i> <i>Onewayekatsahare</i>	One waye katsa hare Água ? caça ? 'anta'	<i>Fehanati e idyate</i>
<b>2. Capivara</b>	<i>Alamenare / Mahikotare</i> <sup>47</sup>		<i>Fehanati</i>
<b>3. Cervo</b>	<i>Enohare nolohe</i> <sup>48</sup>		<i>Fehanati</i>
<b>4. Surucucu</b>	<i>Kolonamare</i>	<i>Kolo namare</i> Queixo ? 'surucucu'	<i>Fehanati</i>
<b>5. Sucuri</b>	<i>Anakitxihore</i>		<i>Fehanati</i>

Fonte: Produzido pela autora (2023).

<sup>47</sup> Termo utilizado para benzer pelos mais velhos, para ele (o animal) não fazer mal para a criança. Quando ganha criança, faz reza para não causar mal a criança.

<sup>48</sup> Termo utilizado para benzer no decorrer das festas tradicionais

Quadro 30: Ocorrências de etnotermos verificados nas narrativas e canções tradicionais

NOME EM PORTUGUÊS	ETNOTERMO EM PARESI	GLOSA	CONTEXTO DE OCORRÊNCIA
<b>1. Ema</b>	<i>Ameremakalore/ Awomakalore/ Zozoware</i>	Amere makalore Jabuti tardezinha/noite 'ema'  Semelhança da cabeça e corpo da ema com o formato da cabeça do jabuti.	Narrativas
<b>2. Anta</b>	<i>Warekotahaiyore  Onewayekatsahare</i>	One waye katsa hare Água ? caça ? 'anta'	Narrativas
<b>3. Cervo</b>	<i>Enohare nolohe</i>		Narrativas
<b>J</b>			
<b>4. Janangueza</b>	<i>Zolaka</i>		Narrativas
<b>5. Lobo</b>	<i>Makaihare</i>		Narrativas

Fonte: Produzido pela autora (2023).

Um aspecto relevante quanto aos *etnotermos* apresentados acima pode ser observado no processo de formação destes. Dessemelhante aos demais termos que compõem o glossário Paresi, estes são constituídos por estruturas morfológicas mais complexas, formados em sua maioria por nomes compostos e classificadores atrelados a sua estrutura. Esta observação corrobora a ideia central defendida neste estudo: toda e qualquer língua apresenta um vasto e rico sistema técnico-científico empregado em áreas distintas, sejam estes relativos à saúde,

caça, cestaria ou fauna. Diante disso, os conhecimentos produzidos não somente pelos especialistas da língua e cultura Paresi, como das demais línguas encontradas ao redor do mundo devem ser valorizados, preservados e protegidos.

#### 4.3 Algumas generalizações

Com base na exposição realizada nas seções anteriores deste estudo, nos debruçaremos a partir desta subseção à exposição de algumas generalizações obtidas a partir da discussão até aqui apresentada.

Como observado, os termos analisados neste estudo são compostos exclusivamente por itens da categoria nominal, subdivididos em nomes simples (simples e derivados) e nomes compostos (endocêntricos e exocêntricos), os quais apresentam em sua estrutura a presença de afixos descritos em Brandão (2014) como classificadores. A vista disso, podemos apontar algumas generalizações iniciais com base nos dados expostos no decorrer das subseções anteriores deste estudo. Para isto, exibimos inicialmente no quadro a seguir os principais classificadores encontrados nos dados gerados em campo, bem como o subcampo semântico em que estes apresentaram maior índice de produtividade.

Quadro 31: Classificadores encontrados nos termos e etnotermos gerados em campo

<b>CLASSIFICADORES</b>	<b>SUBCAMPO SEMÂNTICO</b>	<b>NÚMERO DE OCORRÊNCIAS</b>
<i>-tse</i>	Aves, insetos e mamíferos	5
<i>-li</i>	Aves	1
<i>-hi</i>	Répteis	1
<i>-natse</i>	Mamíferos	3
<i>-koa</i>	Artrópode	1

Fonte: Produzido pela autora (2023).

A partir do quadro acima, podemos depreender algumas generalizações, como: o *CLF. -tse* apresenta um alto índice de produtividade nos termos relativos aos seguintes domínios semânticos: aves, insetos e mamíferos. Contudo, cabe ressaltar que este não se encontra relacionado a um campo semântico específico, antes, está associado a ideia de diminutivo, como nos termos *zowa* ‘aranha’ e *zowatse* ‘aranha pequena’. Semelhantemente, o *CLF. -li*, empregado na designação de entidades que apresentam o formato circular se mostrou mais produtivo no subcampo semântico das aves, referindo-se especialmente a animais que apresentam um maior porte. A distinção entre estes se dá da seguinte forma: enquanto *-tse* pode ser utilizado como um dispostivo derivacional para designar o diminutivo, referindo-se a entidades pequenas e cabeceiras, *-li* refere-se ao tamanho e dimensão característicos de determinada entidade ou objeto. Oposto a estes, o *CLF. -hi* revelou um índice de produtividade maior em termos relativos a espécies de répteis como o *kozohi* ‘lagartixa’. Apesar disso, vale salientar que este classificador comumente encontra-se relacionado a distintas espécies de cobras, conforme verificado no banco de dados da língua organizado no programa *FLEX*. Um exemplo disso pode ser observado nos termos *awonatxih* ‘cobra cipó’ e *makahi wini* ‘cobra da noite’

Por sua vez, o *CLF. -natse* exibiu produtividade mais elevada nos termos relativos ao subcampo mamíferos, como em *makanatse* ‘irara’ e *yonomenatse* ‘tatu bola’. Esta informação pode ser verificada similarmente em estudos anteriores da língua desenvolvidos em Rowan (2001) e Costa (2018). Por fim, o *CLF. -koa*, empregado comumente na designação de entidades que apresentam superfície plana, ocorreu de modo pouco produtivo apenas com o termo *zakolokoa*, relativo a escorpião.

Em síntese, podemos observar a partir desta exposição que os classificadores empregados em Paresi demonstram ser utilizados de modo mais ou menos produtivo com determinadas espécies, o que corrobora a hipótese inicial deste estudo de que os nomes relativos a fauna empregados no dia a dia da comunidade e os utilizados em contextos específicos desta fazem referência a animais distintos. Diante destas generalizações, cabe frisar que o intuito deste estudo não é fornecer uma descrição acurada acerca dos classificadores na língua em foco (estes foram descritos proficuamente nos estudos desenvolvidos em Brandão, 2014; 2016), antes, pretendemos apresentar ao leitor os principais aspectos envolvidos na construção dos termos e *etnotermos* evidenciados na elaboração do glossário proposto por esta discussão.

#### 4.4 Resumo do capítulo

Este capítulo buscou evidenciar de maneira pormenorizada os principais aspectos relativos à classe de palavra envolvida nos termos e etnotermos que compõem a proposta inicial de glossário apresentada por este estudo. Observamos que estes são compostos exclusivamente por nomes, descritos em Brandão (2014) como formas de palavras que apresentam afixos de posse, número e pessoa, subdivididos em nomes simples (derivados e não-derivados) e nomes compostos (endocêntricos e exocêntricos). Para além disso, discorremos acerca dos etnotermos que emergem do discurso de especialidade produzido pelos *otyahaliti*, considerados nas comunidades Haliti detentores dos conhecimentos socioculturais e cosmológicos do seu povo. Ao final, realizamos algumas generalizações obtidas a partir da vasta discussão apresentada ao longo deste capítulo. Isso posto, nos debruçaremos a partir do capítulo posterior a exposição relativa aos principais aspectos envolvidos na produção e composição inicial do glossário etnoterminológico da língua Paresi.

## **CAPÍTULO V - PROPOSTA INICIAL DE UM GLOSSÁRIO ETNOTERMINOLÓGICO DA FAUNA EM PARESI (ARUÁK)**

### Introdução

Este capítulo é destinado à exposição acerca dos processos relativos à produção e composição inicial do glossário etnoterminológico da fauna Paresi (Aruák). À vista disso, descreveremos aspectos relativos à organização e estruturação do glossário ora proposto (cf. seq. 5.2), com foco na macro e microestrutura, em termos de quais critérios foram empregados na seleção das entradas e entradas menores que comporão o produto originado a partir deste estudo (cf. seções 5.2.1 a 5.3.3). Ademais, forneceremos detalhes relativos ao tratamento dado aos nomes simples (não derivados e derivados), bem como o tratamento destinado aos nomes compostos (endocêntricos e exocêntricos) e etnotermos presentes no glossário ora proposto por esta pesquisa (cf. seções 5.4 a 5.4.3). Para além disso, discorreremos acerca do sistema de remissas e demais aspectos relativos à construção do glossário Paresi. Como padrão adotado ao longo desta dissertação, finalizamos este capítulo fornecendo um breve resumo acerca dos aspectos apresentados no decorrer desta discussão.

### 5.1 Observações iniciais acerca do glossário etnoterminológico da língua Paresi

Conforme assinalado nos capítulos iniciais desta dissertação, o produto resultante deste estudo compreende uma proposta inicial de glossário etnoterminológico bilíngue composto por termos e etnotermos oriundos do campo semântico da fauna.

O glossário é definido como um repertório de termos relativos a uma área técnica-científica, organizado em ordem alfabética, podendo ou não apresentar um sistema de remissivas acompanhados de informações relativas aos aspectos gramaticais, definições e contextos de ocorrência (FAULSTICH, 1995, p. 6). Semelhante aos dicionários, os glossários ocupam um lugar de destaque e relevância na sociedade, em especial nas sociedades que apresentam tradição oral, como o povo Paresi, haja vista que estas obras registram, descrevem e documentam os aspectos relativos à riqueza linguística e sociocultural de uma comunidade local. À vista disso, pretendemos com a elaboração desta obra contribuir não apenas para a

propagação do conhecimento dos aspectos linguísticos e extralinguísticos da língua em estudo, como igualmente promover a valorização dos saberes socioculturais e cosmológicos oriundos da língua e povo Paresi diante da sociedade nacional.

Cabe ressaltar que a produção desta obra foi realizada conjuntamente com a participação ativa dos colaboradores das comunidades Paresi, visando sobretudo transferir aos falantes, o protagonismo na construção dos saberes relacionados a sua língua, cultura e identidade. Vale ainda registrar que esta obra foi produzida a partir de distintas perspectivas, como a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST), Terminologia Cultural (TC), Socioterminologia e Etnoterminologia, haja vista que estas consideram a língua não como um objeto abstrato, mas como uma correlação dos aspectos linguísticos, históricos e socioculturais. Desta forma, o glossário ora proposto visa correlacionar os aspectos linguísticos dos termos e etnotermos da fauna atrelado aos fatores extralinguísticos relativos ao contexto em que estes são produzidos.

No glossário Paresi, foram incluídos termos e etnotermos relativos ao campo semântico da fauna haja a vista a importância sociocultural que este campo em específico assume na língua e cultura Paresi. Como observado no capítulo anterior desta dissertação (cf. cap. IV), estes termos e etnotermos são formados majoritariamente por nomes simples, compostos, empréstimos e neologismos. Questões relativas à privacidade dos colaboradores envolvidos neste estudo, bem como de aspectos ligados a cosmologia, saúde e hábitos alimentares foram em certa medida incluídos a critério e consentimento dos colaboradores.

Realizada estas breves considerações acerca da produção do glossário Paresi, passaremos a partir da seção subsequente a exposição dos aspectos organizacionais empregados no desenvolvimento desta obra.

## 5.2 Aspectos organizacionais do glossário

Em relação à estrutura organizacional do glossário Paresi, são considerados os seguintes aspectos: macroestrutura (relativa às informações gerais e características externas da obra) e microestrutura (relativa às informações que seguem a entrada). Estas serão abordadas detalhadamente no decorrer das próximas subseções desta exposição.

### 5.2.1 A macroestrutura

O glossário Paresi é composto por 247 entradas (termos) e 44 entradas menores (etnotermos) que emergem das vozes dos *otyahaliti*, considerados exímios detentores dos conhecimentos relativos à língua e cultura Paresi. As entradas e entradas menores estão parcialmente ilustradas e sequenciadas em ordem alfabética conforme o alfabeto Paresi. A adoção desta organização na produção da obra pautou-se na tentativa de tornar o manuseio desta mais acessível para o público-alvo a qual este produto está direcionado: os consulentes das comunidades Paresi, entre eles: professores e alunos, além de membros das comunidades acadêmica-científicas: linguistas, antropólogos e pesquisadores de áreas afins. Conforme mencionado nos capítulos iniciais deste estudo, a ortografia adotada nesta obra corresponde à proposta elaborada em Brandão (2014), haja vista que esta representa de forma mais adequada os dados apresentados ao longo desta discussão.

#### 5.2.1.1 Sistema gráfico

Em relação à ordem alfabética empregada na produção da obra, optamos por utilizar a ordem comum s línguas com a escrita latina. Esta é comumente utilizada na produção de dicionários e glossários desenvolvidos para as línguas indígenas no Brasil. Outro fator motivador desta opção consiste no fato de os Paresi estarem habituados a ordem do português, empregada constantemente em materiais didáticos utilizados nas escolas inseridas nas comunidades. O quadro elucidado a seguir demonstra a correspondência grafema-fonema adotado na elaboração do produto ora proposto:

Quadro 32: Ortografia Paresi

Grafema em Brandão (2014)	Fonema
<b>	/b/
<t>	/t/
<ty>	/tj/
<r>	<r>
<k>	<k>
<m>	/m/
<n>	/n/
--	--
<z>	/θ/
<f>	/f/
<x>	/ʃ/
<h>	/h/
<w> em início de palavra e <o> em final de sílaba	/w/
<y> em início de palavra e <i> em final de sílaba	/j/
<l>	/l/
<ly>	/lj/
<tx>	/tʃ/
<ts>	/ts/
<i>	/i/
<e>	/e/
<o>	/o/
<a>	/a/

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

### 5.3 A microestrutura

Concebida como o elemento mais relevante de uma obra, a microestrutura é delimitada por informações ordenadas que seguem as entradas, e em relação ao glossário Paresi, as entradas menores. No glossário proposto por este estudo, a microestrutura é seguida pelas seguintes informações: entradas/entradas menores; categoria gramatical; equivalência do termo Paresi em português; definição; nota indicativa de variação linguística (quando está se fizer necessária); notas antropológicas e informações socioculturais (quando estas se fizerem necessárias); contexto de ocorrência; ilustração e campo semântico. A sequenciação destas pode ser observada no quadro a seguir:

Quadro 33: Ordem dos elementos relativos aos verbetes Paresi

<b>I. Entrada;</b>
<b>II. Indicação gramatical;</b>
<b>III. Equivalência do termo Paresi em português;</b>
<b>IV. Nota indicativa de variação linguística (quando está se fizer necessária);</b>
<b>V. Notas antropológicas e informações socioculturais (quando está se fizer necessária);</b>
<b>VI. Domínio semântico</b>
<b>VII. Contexto de ocorrência;</b>
<b>VIII. Ilustração;</b>
<b>IX. Remissiva;</b>

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

#### 5.3.1 Estrutura do verbete

O verbete constitui o campo em que estão reunidas as informações relativas às entradas. Desta forma, os verbetes do glossário Paresi estão organizados da seguinte forma:

Quadro 34: Estrutura dos verbetes<sup>49</sup>

**ENTRADA** / ENTRADA MENOR + **INDICAÇÃO GRAMATICAL** +  
**EQUIVALENCIA** + **DEFINIÇÃO** + VARIANTE + NOTAS ANTROPOLÓGICAS  
+ **DOMÍNIO SEMÂNTICO** + REMISSIVA + ILUSTRAÇÃO

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No quadro a seguir, ilustramos como estas informações estão organizadas no verbete do glossário Paresi:

Quadro 35: Verbetes do glossário Paresi

**awo** (**ameremakalore**) *n* Ave nativa da américa do sul; não voadora. *hatyo kanakaidyahitaha nitsahitaha ezahe oliti, ezahe zotyare zamani, ezahe awo zamani ezahe*. Comiam de tudo, como por exemplo ema, veado, tudo que é caça Rhea americana (sem. domains: 1.6.1.2 - Bird, 1.6 - Animal.)



**awo** *ema*

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Os termos presentes no verbete apresentado na figura acima estão relacionados às seguintes categorias: **awo** (corresponde a entrada do verbete), **ameremakalore** (variante específica), **n** (classe gramatical a que o termo pertence, no caso desta entrada, a categoria

<sup>49</sup> Os elementos destacados em vermelho correspondem aos itens constantes no verbete. Os demais elementos são condicionados a ocorrerem quando isto se fizer necessário.

gramatical nome). Após isso, verificamos o contexto de ocorrência do termo em uma narrativa, seguida da sua tradução em português, nome científico, referido como *Rhea americana*, domínio semântico, neste caso, o termo em destaque pertence à classe das aves, seguida da imagem do referido animal.

### 5.3.2 Convenções adotadas na microestrutura

A fim de diferenciar as informações contidas no verbete, foram empregadas na organização do glossário as seguintes convenções:

**a) Negrito:** empregado na entrada do termo em Paresi, que está em ordem alfabética; variantes e subcampo semântico;

**b) Itálico:** empregado na informação gramatical e variante (*Var.*);

**c) Fontes:** Arial (utilizada na entrada e entradas menores) e Times New Roman (utilizada na equivalência e definição);

**d) Letras:** maiúsculas serão utilizadas no início da definição das entradas e sub – entradas;

**e) Cores:** Letras em azul serão atribuídas aos termos e variantes em Paresi; letras em roxo serão empregadas nas informações relativas ao campo semântico e letras vermelhas serão atribuídas as remissas;

**f) Parênteses:** serão utilizados na atribuição de empréstimos (*emprest.*) e neologismos (*neo.*)

### 5.3.3 Abreviaturas

A abreviatura consiste em um mecanismo da língua escrita empregado na representação de formas reduzidas de palavras ou expressões morfológicas comumente adotado em obras lexicográficas e terminográficas como dicionários e glossários. Geralmente, observa-se nestes produtos o uso das abreviaturas para indicar a informação gramatical de determinada palavra (ex. *n.* para nome); uma característica morfológica (ex. *f.* para feminino) ou para a rotulação do uso de uma palavra (ex. *neo.* para neologismo). Diante disso, adotamos no glossário Paresi as seguintes abreviaturas observadas no quadro a seguir:

Quadro 36: Abreviaturas adotadas no glossário Paresi

ABREVIATURA	TRADUÇÃO
<i>Sem. domains</i>	Domínio semântico
<i>n.</i>	Nome
<i>Comp. of</i>	Composto de
<i>fr.var</i>	Variante livre

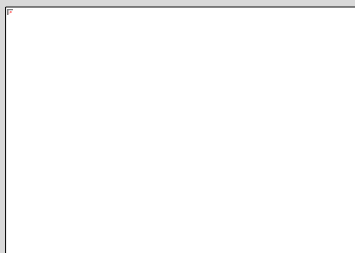
Fonte: Produzido pela autora (2023).

#### 5.4 Tratamento dos nomes simples (não derivados e derivados) exibidos no glossário

Os nomes simples não derivados e derivados apresentados ao longo das seções anteriores deste estudo serão tratados na proposta inicial de glossário Paresi como entradas principais, sequenciadas em ordem alfabética. Estes serão marcados no glossário em fonte Arial e negrito, conforme observado no quadro a seguir:

Quadro 37: Tratamento dos nomes simples no glossário Paresi no *software Flex*

**Watyaha** *n.* 1) Espécie de ave voadora que apresenta coloração cinza, preto ou branca. (sem. domain: 1.6.1.2 – Bird. 1.6 – Animal.).



Fonte: Produzido pela autora (2023).

Quadro 38: Tratamento dos nomes simples derivados no glossário Paresi no *software*

*Flex*

**Txinitse** *n* 1) Felino de quatro patas criado como animal doméstico pelos seres humanos. sem. domain: 1.6.1.1 Mammal –. 1.6 – Animal.).



Fonte: Produzido pela autora (2023).

#### 5.4.1 Tratamento dos nomes simples originados de empréstimos e neologismos

Os empréstimos em Paresi ocorrem de maneira mais acentuada na categoria nominal, sendo proeminente nos campos semânticos relativos à alimentação, vestuário, objetos, fauna, entre outros (COSTA, 2018). Os empréstimos observados na língua em estudo são em sua maioria, originários da língua portuguesa e de outras línguas indígenas com as quais os Paresi mantiveram/mantêm contato e encontram-se adaptados às características fonético-fonológicas da língua. Em vista disso, os nomes simples originados a partir desta categoria serão tratados no glossário Paresi como entradas principais, marcadas pela forma reduzida relativa à sua origem, entre parênteses e itálico, inseridas após a informação gramatical. O quadro disposto a seguir exhibe este tratamento:

Quadro 39: Tratamento dos empréstimos no glossário Paresi no *software Flex*

**Katxolo** (fr,var. **kehenatse**) **n. I** Mamífero de quatro patas criado como animal doméstico pelos seres humanos. sem. domain: 1.6.1.1 Mammal –. 1.6 – Animal.).



Fonte: Produzido pela autora (2023).

Quanto aos neologismos, a inclusão desta categoria em obras similares a esta é uma prática comumente adotada entre os lexicógrafos e terminógrafos. A incorporação destes nestas obras é de extrema relevância, haja vista que, conforme ponderam Alves e Nunes (2011) o neologismo está intimamente ligado ao “[...] desenvolvimento linguístico de uma sociedade”. (ALVES E NUNES, 2011, p. 399). Conforme evidenciado em Costa (2018), os neologismos em Paresi são descritos como o processo de criação neológica que une elementos morfológicos e sintáticos, introduzidos na língua a partir do contato com falantes da língua portuguesa e de famílias linguísticas distintas com as quais os Paresi mantem contato. À vista disso, os nomes simples formados a partir deste processo serão tratados no glossário Paresi como os demais termos, sendo sinalizados pelo uso do sufixo *neo.*, inserido após a informação gramatical, entre parênteses e itálico, conforme elucidado no quadro a seguir:

#### Quadro 40: Neologismo no glossário Paresi

**Talakwanatse** (gato) **fr. var. of txinitse (unspec. var. of) n. (neo)**. Felino de quatro patas criado como animal doméstico pelos seres humanos. sem. domain: 1.6.1.1 Mammal –. 1.6 – Animal.).



Fonte: produzido pela autora (2023).

#### 5.4.2 Tratamento empregado nos compostos exocêntricos e endocêntricos no glossário Paresi

Conforme evidenciado nas seções anteriores deste estudo, os nomes compostos em Paresi são subdivididos em compostos exocêntricos e endocêntricos. Estes serão tratados na proposta inicial de glossário elaborado por este estudo como entradas principais, sequenciados com inicial maiúscula, negrito e fonte Arial, seguidos da abreviatura *comp. of*, conforme verificado no quadro a seguir:

Quadro 41: Tratamento dos compostos exocêntricos no glossário Paresi

**Kamaiyekahi** (comp. of kamae, kahi) **n. traíra**. Espécie de peixe com escamas de formato cilíndrico. sem. domain: 1.6.1.5 – 1.6 – Animal.).



Fonte: produzido pela autora (2023).

Quadro 42: Tratamento dos compostos endocêntricos no glossário Paresi

**Awo enali** (comp. of awo, ena, -li, see under awo) **n. ema macho**. Ave corredora do gênero masculino semelhante ao avestruz. sem. domain: 1.6.1.2– 1.6 – Animal.).



Fonte: produzido pela autora (2023).

#### 5.4.3 Tratamento empregado nos *etnotermos* dispostos no glossário Paresi

Quanto ao tratamento destinado aos *etnotermos* verificados no corpus gerado em campo, estes serão tratados na proposta inicial de glossário produzido por esta discussão como entradas

menores, haja vista que ocorrem como variantes do discurso especializado. Estes são denominados e tratados desta forma devido a situação de uso que as comunidades Haliti fazem destes termos, em sua diversidade linguística, social e cultural (FAULSTICH, 2001, p. 20), haja vista que estas formas são empregadas em contextos discursivos específicos de diferentes níveis nas comunidades em que atuamos, a exemplo das festas tradicionais; narrativas orais; cantos tradicionais; entre outros. Ademais, estes serão sequenciados com inicial maiúscula, negrito e fonte Arial, seguidos da abreviatura *v.d.e* (correspondente a variante do discurso especializado). O quadro a seguir elucida este tratamento:

Quadro 43: Tratamento dos *etnotermos* no glossário Paresi

**Mahikotare** *n. v.d.e.* *Capivara*. Animal mamífero roedor com pelagem castanha e que vive ao redor de rios. Etnotermo empregado nas rezas e benzenções pelos mais velhos para o animal não fazer mal a criança. *Subcampo Sem.: Mamíferos. Rezas e benzenções.*  
( **Oli** = ~~capivara~~).

Fonte: Produzido pela autora (2023).

### 5.5 Sistema de remissa

O sistema de remissa consiste na relação estabelecida entre uma entrada e outra, em outras palavras, é um sistema de complementariedade estabelecido entre os itens lexicais presentes nas obras lexicográficas e terminográficas como a proposta por este estudo. Os instrumentos utilizados para indicar este sistema são diversos e variam de obra para obra. Frequentemente, especialistas empregam o verbo *ver*, abreviado na maioria dos casos como *v.* ou utilizam símbolos relativos a setas, entre outros elementos. No glossário Paresi, utilizaremos a forma relativa a uma seta, conforme apontado no quadro anterior (cf. quadro 36). Conforme Welker (2004), as remissões podem ocupar distintas posições dentro das obras, como por exemplo, o verbete, índice, entre outros. Contudo, comumente são inseridas dentro dos verbetes que remetem de um termo para outro.

No glossário Paresi, o sistema de remissas foi empregado para os termos relativos a variação e etnotermos relativos aos discursos de especialidade. As remissas são indicadas ao

final de cada termo, entre parênteses, sucedida por uma seta (→), conforme ilustrado no quadro a seguir:

Quadro 44: Sistema de remissa empregado no glossário Paresi

**Awo** n. ema. Ave nativa da américa do sul; não voadora. *Var.:* **amerekalore**. termo presente em um cântico tradicional. *Subcampo Sem.:* **Aves**. ( → **ameremakalore=ema**).

Fonte: Produzido pela autora (2023).

## 5.6 Definição

Comumente, a definição é concebida como o conjunto de informações relativas ao texto. No glossário Paresi, esta será registrada em língua portuguesa, a partir das características singulares apontadas pelos colaboradores deste estudo e definições oriundas de obras especializadas que se debruçam sobre a fauna.

## 5.7 Resumo do capítulo

Este capítulo buscou apresentar detalhadamente as principais informações relativas à produção e composição do glossário etnoterminológico da língua Paresi, em termos de sua macro e microestrutura. Iniciamos esta exposição apresentando algumas considerações relativas à importância da produção inicial desta obra para a língua e povo Paresi, principalmente no que concerne a documentação/registo, valorização e divulgação dos saberes socioculturais e sociocosmológicos as futuras gerações deste povo, a sociedade brasileira, membros das comunidades acadêmicas e áreas afins e finalizamos esta apresentação exibindo demais detalhes relativos à construção e composição desta obra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou como cerne a produção inicial de um glossário etnoterminológico composto por termos e etnotermos verificados no campo semântico da fauna da língua e cultura Paresi (Aruák). Ao longo desta descrição, verificamos que os termos e etnotermos presentes no decorrer desta obra são compostos exclusivamente por nomes subdivididos em nomes simples (não-derivados e derivados), originados em alguns casos a partir de fenômenos relativos a empréstimos e neologismos, como descrito em estudos anteriores produzidos respectivamente em Costa (2018) e Souza (2018), e nomes compostos (endocêntricos e exocêntricos), compostos majoritariamente por duas raízes nominais (não – derivados) e uma raiz nominal + sufixos atrelados a sua estrutura (derivados) conforme postulado em Brandão (2014). Ademais, foi possível constatar a ocorrência de 44 etnotermos, descritos em Costa e Gomes (2011) e Costa (2013; 2017) como itens lexicais amplamente utilizados no discurso produzido por especialistas de distintas comunidades tradicionais, sobretudo aquelas que detêm conhecimentos tradicionais e são estigmatizados frente as sociedades ocidentais modernas. Em nosso caso, observamos que estes etnotermos emergem produtivamente das vozes dos *otyahaliti*, apontados neste estudo como detentores dos conhecimentos socioculturais e socio cosmológicos da cultura, língua e povo Paresi.

Para este fim, realizamos uma ampla investigação acerca da literatura comumente empregada na construção de obras similares a esta, a fim de buscarmos subsídios teóricos que auxiliassem na fomentação da discussão proposta por este estudo. Iniciamos este processo compreendendo as origens dos estudos terminológicos acarretados pela Teoria Geral da Terminologia (TGT) desenvolvida a partir dos postulados de Eugen Wüster e a mudança de paradigma promovida pelo surgimento de correntes antagônicas as propostas terminológicas tradicionais, advindas da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT); Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST), Terminologia Cultural (TC); Socioterminologia e Etnoterminologia, as quais contribuem eficazmente para a valorização dos aspectos necessários a construção da obra proposta por este estudo. Paralelamente, buscamos compreender os principais mecanismos aplicados na organização e estruturação da macro e microestrutura de obras análogas a esta, visando, acima de tudo, tornar este produto acessível ao público-alvo a qual ele é destinado.

Os dados dispostos ao longo desta discussão foram tratados exclusivamente no *FieldWorks Language Explorer (FLEX)*, programa de base linguística comumente empregado

na elaboração de dicionários e glossários. Formado o corpus desta pesquisa, passamos então a reflexão de quais informações constariam na estrutura interna desta obra. Estas foram escolhidas a fim de tornar a consulta das entradas e entradas menores mais acessível aos consulentes do glossário ora proposto. Cabe ressaltar ainda que a produção do glossário oriundo desta discussão contou com a participação efetiva dos colaboradores deste estudo em todas as fases de elaboração, desde a confecção da imagem ilustrativa desta obra até as informações que estes julgaram necessárias ao entendimento dos termos e etnotermos aqui apresentados.

Apesar da elaboração de obras semelhantes a esta constituírem uma tarefa árdua e muitas vezes exaustiva, esperamos que a proposta inicial do glossário etnoterminológico da fauna Paresi exerça influência positiva na construção e elaboração de outros materiais destinados não somente a língua focalizada nesta discussão, mas as demais línguas indígenas encontradas em território nacional. Para além disso, destacamos que a produção deste glossário não se encerra com o “fim” desta discussão, antes vislumbramos em estudos futuros expandir as discussões iniciais aqui apresentadas na tentativa de contribuir para a valorização e difusão dos conhecimentos socioculturais, cosmológicos e etnoterminológicos encontrados no vasto tesouro linguístico presentes nas línguas indígenas brasileiras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIKHENVALD, Alexandra Y. **The Arawak language family**. In: DIXON and AIKHENVALD (eds.). **The Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, pp. 65-106.

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. A Teoria Comunicativa da Terminologia e a sua prática. ALFA: Revista de Linguística, v. 50, n. 2, 2006

\_\_\_\_\_. Arawak. In: STRAZNY, Philipp. **Encyclopedia of Linguistics**. New York: Fitzroy Deaborn, 2005, pp. 81-84.

ARONI, Bruno Oliveira. **A Casa da Jararaca: Artefatos, mitos e música entre os Paresi**. Dissertação de Mestrado. Universidade federal do rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Casa da Jararaca: artefatos, mitos e música entre os Paresi**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

BARBOSA, M A. **Terminologia e lexicologia: plurissignificação e tratamentotransdisciplinar das unidades lexicais nos discursos etno-literários**. Conjunto, v. 1, p. T1, 2005.

\_\_\_\_\_. **Para uma etno-terminologia: recortes epistemológicos**. Cienc. Cult. [online]. 2006.

\_\_\_\_\_. **Cultura popular amazônica em etno-terminologia**. Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC - Manaus, AM - julho/2009.

BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. Editora: Edusp. São Paulo, 2004

BRANDÃO, Ana Paula. **A reference grammar of Paresi-Haliti (Arawak)**. 457f. Tese de doutorado. University of Texas at Austin, 2014.

\_\_\_\_\_. **Descriptive words in Paresi-Haliti and in other Aruak languages**. In: Conference on Indigenous Languages of Latin America IV, 2009, Austin. Proceedings of the Conference on Indigenous Languages of Latin America IV.

\_\_\_\_\_.; FACUNDES, Sidney da Silva. **Estudos comparativos no léxico de línguas Aruák**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi 2. 2007, pp. 111–131.

BATISTA, Gabriela. **Gramaticalização em Apurinã: o caso da forma verbal *txa* em comparação preliminar com outras línguas Aruák**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Pará, 2018.

BONI, V. & QUARESMA S. V. **Aprendendo a entrevistar: COMO FAZER ENTREVISTAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS**. Em tese: revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC. vol. 2 nº 1 (3), pp. 68-80, janeiro-julho/2005.

BOULANGER, J.-C. "Une lecture socio-culturelle de la terminologie". *Cahiers de linguistique sociale*. (18). pp. 13-30. 1991

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminologia hoy: concepciones, tendencias y aplica aplicaciones**. Ciência da Informação, Brasília, v. 24, n. 3, set./dez.1995

\_\_\_\_\_. **La terminología: representación y comunicación**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra, 1999a.

\_\_\_\_\_. "Hacia una Teoría Comunicativa de la Terminologia Aspectos metodológicos". In: \_\_\_\_\_. **La Terminologia: representación y comunicación**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra, 1999b.

\_\_\_\_\_; CONDAMINES, Anne; IBEKWE-SANJUAN, Fidelia. **Terminology: international journal of theoretical and applied issues in specialized communication**, ISSN 0929-9971, Vol. 11, Nº. 1, 2005

COSTA, Nathalia M. P. **Estudo Etnoterminológico Preliminar do Sistema de Cura e Cuidados do Povo Mundurukú (Tupí)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Nacional de Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. **Etnoterminologia na língua Mundurukú (Tupí): sistema de cura e cuidado na voz de pajés, parteiras e puxadores de desmentiduras**. Tese de Doutorado. Universidade Nacional de Brasília, 2017.

COSTA, N. M. P.; GOMES, D. M. **(Etno)terminologia na (etno)medicina Mundurukú**. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín, p. 3412-3423. 2011.

COSTA, R. M. R. **Cultura e contato: um estudo da sociedade Paresi no contexto das relações interétnicas**. Dissertação de mestrado. PPGAS. Rio de Janeiro, Universidade do Rio de Janeiro, 1985

COSTA, Izaira de Nazaré de Oliveira. **Neologismo formal em Paresi-Haliti**. Trabalho de Conclusão de Curso. Belém do Pará, Universidade Federal do Pará, 2018.

DIKI-KIDIRI, M. **Un approche culturelle de la terminologie**. Rifal, N. 21. 2000

DRUDE, Sebastian. **Observações para servir para uma ortografia do Waimaré**. Unpublished manuscript. 1995.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, Ed. UFPR. 2004. p. 213-225

EAZOKEMAE, João Q. **Dicionário Paresi – Haliti**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual do Mato Grosso, 2006.

EDEMA, A. B. **Terminologie européenne et terminologie africaine: elements de comparaison**. Rifal, N. 21. 2000.

FAULSTICH, E. **Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista**. TradTerm, 7. 2001. pp. 11 - 40.

\_\_\_\_\_. **Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina**. In: Ciência da Informação, [S.I.: s.n.], v. 24, nº 3, 1995a.

\_\_\_\_\_. **Para gostar de ler um dicionário**. In: RAMOS, C. de M. de A; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S. (Org.). **Pelos caminhos da Dialectologia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas**. 1ª ed. São Luís, v. 1, p. 166-185. UFMA, 2010.

\_\_\_\_\_. **A socioterminologia na comunicação científica e técnica**. In: Ciência e Cultura. Vol. 58, nº.2, p. 27-31. São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Socioterminologia: termo e variação**. Universidade Federal de Brasília –UnB. Brasília-DF, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Para gostar de ler um dicionário.** In: RAMOS, C. de M. de A; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S. (Org.). **Pelos caminhos da Dialectologia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas.** 1ª ed. São Luís, v. 1, p. 166-185. UFMA, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Terminologia, Socioterminologia, Dialectologia: afinidades e necessidades interdisciplinares.** Anais do II CIDS. Belém-Pará, 2012.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANÇA, Aniela Improta; FERRARI, Lilian; MAIA, Marcus. **A linguística no século XXI: Convergências e divergências no estudo da linguagem.** São Paulo: Contexto, 2016.

FREITAS, Marília F. P. de. **A posse em apurinã: descrição de construções atributivas e predicativas em comparação com outras línguas Aruák.** Universidade Federal do Pará (Tese de Doutorado), 2017.

GAUDIN, F. **Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie.** Duculot. Bruxelas, 2003.

KEZOMAE, Angelo. **Dicionário de palavras em desuso e seus correspondentes atuais.** Trabalho de conclusão de curso. Universidade estadual do Mato Grosso, 2006.

KIBRIK; A.E. **The Methodology of Field Investigations in Linguistics.** The Hague: Mouton, 1977.

KRIEGER, M. G; FINATTO, M. J.B. **Introdução à terminologia: teoria e prática.** Contexto. São Paulo, 2003.

LARA, L. F. **Término Y cultura: hacia una teoria del término.** In: CABRÉ, M. T. **Terminologia y modelos culturales.** Barcelona: Universitat Pompeu Fabra / Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999, p. 39-60.

LIMA, L. **Revisitando aspectos da fonologia e ortografia Paresi.** Anais do I Congresso de Línguas Indígenas do Mato Grosso, 2017.

\_\_\_\_\_. **Variação lexical em Paresi-Haliti: levantamento sociolinguístico do duplo vocabulário.** Trabalho de conclusão de curso, 2018.

LIMA-PADOVANI, Bruna Fernanda. **Levantamento Sociolinguístico do Léxico da Língua Apurinã e sua contribuição para o conhecimento da cultura e história Apurinã (Aruák).** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém: 2016.

METRAUX, Alfred. **The Tribes of Mato Grosso and Eastern Bolivia The Paresi** In: Handbook of South American Indians. Steward, Julian H. United States government printing office. Washington, 1948

MESQUITA, Amanda. **Análise inicial das construções estativas e traço de controle em Paresi.** Anais do V Ciella, 2016.

\_\_\_\_\_. **Nova proposta de classificação das construções intransitivas em Paresi-Haliti (Aruák).** Anais do I Congresso de Línguas Indígenas do Mato Grosso, 2017.

\_\_\_\_\_. **Verbo ou adjetivo? Análise inicial das palavras descritivas em Paresi (Aruák).** Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Pará, 2018.

\_\_\_\_\_; LIMA-SOSINHO, I; BRANDÃO, A. **Revisitando os aspectos da variação lexical no vocabulário da fauna em Paresi-Haliti.** Revista Sociodialeto, 2022.

MOORE, Denny; GALÚCIO, Ana Vilacy; JÚNIOR, Nilson Gabas. **O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas.** In: Scientific American (Brasil): Amazônia (A floresta e o futuro). p. 36-43. n. 3. 2008.

PADOVANI, Bruna. **Estudo do léxico da língua Apurinã uma proposta de macro e microestrutura para o dicionário Apurinã.** Tese de doutorado. Universidade Federal do Pará, Belém: 2020.

PAYNE, David L. **Classification of Maipuran (Arawakan) Languages Based on Shared Lexical Retentions.** In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. Handbook of Amazonian Languages languages. [S.l.:s.n.]. 1991.

PAIS, C. T. & BARBOSA, M. A. **Da análise de aspectos semânticos e lexicais dos discursos etnoliterários à proposição de uma etnoterminologia.** Matruga, Rio de Janeiro, v. 16, p. 79-100, 2004

PEREIRA, E. **Formação de palavras: a composição na língua Paresi (Aruák).** Anais do I Congresso de Línguas Indígenas do Mato Grosso, 2017.

QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA, A. M. A.; VIEIRA, N. F. C. **Obsevação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde**. Revista de Enfermagem, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p. 276-283, abr./jun. 2007.

RAMIREZ, Henri. **Línguas Arawak da Amazônia Setentrional – Comparação e Descrição**. Editora da Universidade do Amazonas. Manaus, 2001.

REIS, Jaqueline. **Socioterminologia de plantas medicinais em Parkatêjê**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, 2017.

REIS, Thainá de Lima. **Estudo preliminar sobre gênero em Enawene Nawe**. Belém: PROPESP; manuscript. 2019.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas** São Paulo: Loyola.

ROWAN, Orland. **A Phonemic Statement of Paresi**. Cuiabá: SIL, 1961.

\_\_\_\_\_. **Idiati xawaiyehalakyakala: Dicionário Paresi-Português**. Cuiabá, SIL, 2001.

\_\_\_\_\_.; BURGEES, Eunice. **Gramática Parecis**. Cuiabá, SIL, 1969.

SILVA, Glauber. **Fonologia da língua Paresi-Haliti (Aruák)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_. **Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2013.

SOUZA, A. **A ordem dos constituintes e o discurso em Paresi-Haliti**. Anais do I Congresso de Línguas Indígenas do Mato Grosso, 2017.

SOUZA, Janne Helena Lobo. **Empréstimos linguísticos do português na língua Paresi-Haliti**. Trabalho de Conclusão de Curso. Belém do Pará, Universidade Federal do Pará, 2018.

SPRADLEY, J. **The ethnographic interview**. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1979.

TEMMERMAN, R. **Questioning the univocity ideal: The difference between socio-cognitive Terminology and traditional Terminology.** *Hermes Journal of Linguistics*, 18, 51-90. 1997 Disponível em: [http://hermes2.asb.dk/archive/FreeH/H18\\_04.pdf](http://hermes2.asb.dk/archive/FreeH/H18_04.pdf)

\_\_\_\_\_. **Towards New Ways of Terminology Description: The Sociocognitive Approach.** Amsterdam / Filadelfia: John Benjamins. 2000.

\_\_\_\_\_. **Teoria Sociocognitiva da Terminologia.** In: *Cadernos de tradução*, n.17, pp. 31-50. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

UNDERHILL, J. W. **Ethnolinguistics and cultural concepts: Truth, love, hate and war.** Cambridge University Press, 2012.

VAUX, Bert; COOPER, Justin. **Introduction to Linguistic Field Methods.** Lincom Europa, 1999.

ZAHEKORE, Zakaitoti. **Plano de gestão Haliti – Paresi Territorio indígena Haliti Paresi.** Planos de Gestão Territorial e Ambiental. Mato Grosso, 2019,

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y la lexicografía terminológica.** Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 1998.

## ANEXOS

### ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Data da aplicação do experimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Pesquisador(es): \_\_\_\_\_

Prezado(a) participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Variação diastrática, diageracional e o fenômeno do duplo vocabulário em Enawene Nawe e em Paresi (Aruák)”. A seguir, apresentamos algumas informações concernentes ao projeto de pesquisa:

1. *Objetivo principal*: Realizar uma descrição e comparação de alguns aspectos da variação linguística e extralinguística nas línguas Enawene Nawe e Paresi, com ênfase no fenômeno linguístico do duplo vocabulário.

.

2. *Justificativa*: Contribuir para o processo de documentação e descrição das línguas tomadas como objeto de investigação deste estudo.

3. *Procedimentos*: Sua participação neste estudo consistirá em: Responder questionários sobre o perfil sociolinguístico dos Enawene Nawe/Paresi e responder questionários de elicitación acerca dos termos da fauna e flora nas línguas investigadas. As sessões serão realizadas nas comunidades em que as línguas são faladas, no estado do Mato Grosso.

4. *Riscos*: O projeto visa à realização de gravações de termos relativos a fauna e flora em áudio e vídeo com os falantes das línguas Enawene Nawe e Paresi. Um possível risco que esta pesquisa poderá trazer é o constrangimento de algum participante com a presença do pesquisador e utilização de câmeras e gravadores digitais. Para protegê-los desses possíveis constrangimentos, a pesquisa contará com a participação de colaboradores indígenas da própria comunidade. Além disso, as gravações serão feitas preferencialmente no ambiente da comunidade para que os participantes se sintam mais confortáveis.

5. *Benefícios*: A participação é voluntária e não trará nenhum benefício direto ao participante. O principal objetivo dessa pesquisa é realizar uma descrição e comparação de alguns aspectos da variação linguística e extralinguística nas línguas Enawene Nawe e Paresi, com ênfase no fenômeno linguístico do duplo vocabulário. Nesse sentido, os principais benefícios obtidos a partir desta pesquisa serão evidenciados no processo de documentação, conservação, preservação, conhecimento e valorização das línguas documentadas.

6. *Direitos do participante*: São direitos do participante: (i) ser informado da pesquisa; (ii) desistir a qualquer momento de participar, sem qualquer prejuízo; (iii) ter sua privacidade respeitada; (iv) ter garantida a confidencialidade das informações pessoais; (v) decidir se sua identidade e/ ou outras informações que forneceu podem ser divulgadas; (vi) ser indenizado por dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei; e (vii) receber ressarcimento das despesas diretamente decorrentes da participação na pesquisa.

7. *Compensação*: Não haverá remuneração financeira, sendo sua participação voluntária.

8. *Confidencialidade*: Os resultados deste estudo serão publicados no acervo do museu *Emílio Goeld* e/ou em outros acervos que o pesquisador julgar necessário, em periódicos científicos e apresentados em congressos da área, mantendo a identidade do participante em sigilo.

Rubricas do pesquisador e participante:

9. *Contato do responsável pelo projeto*: Em caso de dúvidas, é possível entrar em contato com a pesquisadora responsável pelo projeto (Amanda Medeiros costa de Mesquita) no telefone (91) 98382-6262, e-mails: [amanda.mesquita@ilc.ufpa.br](mailto:amanda.mesquita@ilc.ufpa.br) /[amandamedeiroscost17@gmail.com](mailto:amandamedeiroscost17@gmail.com) ou no endereço: Campus Universitário da UFPA, Belém/PA- CEP: 66075-110- Sala 13/ ILC.

10. *Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP-ICS/UFPA) e Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)*: O *Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos* é um órgão interdisciplinar vinculado à Universidade Federal do Pará criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro dos padrões éticos. A *Comissão Nacional de Ética em Pesquisa* é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde, criada para por em prática normas de regulamentação de pesquisa envolvendo seres humanos. O contato com o Comitê de Ética pode ser feito no seguinte endereço: Complexo de Sala de Aula, sala 13, localizado no Campus Universitário, nº 1, Guamá, Belém. O telefone para contato é (91) 3201-7735. O email para contato é: [cepccs@ufpa.br](mailto:cepccs@ufpa.br). O horário de atendimento é de segunda-feira a sexta-feira, das 8:30h às 16h. Você também pode entrar em contato com o CONEP no seguinte endereço: SRTVN - Via W 5 Norte – Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70.719 - 040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 08h às 18h.

Caso concorde em participar desta pesquisa, uma via deste termo ficará em seu poder, e a outra será entregue aos pesquisadores. O termo será assinado pelo participante da pesquisa (ou seu representante legal) e pelo pesquisador e rubricado em todas as páginas por ambos. Desde já agradecemos sua participação!

Eu, \_\_\_\_\_, declaro ter compreendido cada um dos itens descritos neste Termo e concordo em participar, voluntariamente, deste estudo.

Em relação à gravação de imagens nas atividades do projeto:

( ) SIM, autorizo o uso de minha imagem no acervo de línguas indígenas do MPEG e em materiais de divulgação dos resultados parciais e finais da pesquisa (seminários e congressos científicos)

( ) NÃO, eu não autorizo o uso de minha imagem no acervo de línguas indígenas do MPEG e em materiais de divulgação dos resultados parciais e finais da pesquisa (seminários e congressos científicos)

Em relação à gravação de voz nas atividades do projeto:

( ) SIM, autorizo o uso de minha voz no acervo de línguas indígenas do MPEG e em materiais de divulgação dos resultados parciais e finais da pesquisa (seminários e congressos científicos)

( ) NÃO, eu não autorizo o uso de minha voz no acervo de línguas indígenas do MPEG e em materiais de divulgação dos resultados parciais e finais da pesquisa (seminários e congressos científicos)

Local e data, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante ou responsável legal

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

Rúbricas do pesquisador e participante:

## APÊNDICES

### APÊNDICE I – Questionário sociolinguístico aplicado em campo

## QUESTIONÁRIO SOBRE A SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA COMUNIDADE

Aplicador:

Local da entrevista:

Comunidade:

Cidade: UF:

Data da entrevista:

Duração:

### 1. INFORMAÇÕES PESSOAIS

Nome em Português:

Nome em Paresi:

Sexo: M ( ) F ( )

Subgrupo:

Faixa Etária: 11-30 ( ) 31-59 ( ) mais de 60 ( )

Estado Civil: Solteiro ( ) Casado ( ) Viúvo ( )

Função desempenhada na comunidade (Cantor, contador de histórias, pajé, etc) :

Comunidade:

Nome da Terra Indígena:

1. Onde você nasceu?
2. Onde sua mãe nasceu?
3. Onde o seu pai nasceu?
4. Onde os seus avós maternos nasceram? Onde os seus avós paternos nasceram?
5. Onde os pais de seus avós nasceram (perguntar dos bisavós paternos e maternos)?
6. Onde o seu esposo ou esposa nasceu?
7. Onde os pais do seu esposo ou esposa nasceu?
8. Você tem filhos? Quantos?
9. Onde eles moram?
10. Você já morou em outros lugares (além do lugar que o colaborador nasceu)? Se sim, em que lugar (es), quanto tempo e em que período?
11. Você já morou na cidade? Se sim, quando e quanto tempo?

## 2. STATUS DE PARESI

1. Você fala Paresi (descrever o grau de fluência se apenas compreende; fala pouco; compreende e fala)?
2. Que língua você usa com mais frequência em casa?
3. Que língua você usa durante um ritual/cerimônia/festa do seu povo?
4. Você usa qual língua ou quais línguas falando fora de casa com os outros membros da comunidade?
5. Você fala em que língua com seus parentes mais velhos (como os seus pais e avós)?
6. Você fala em que língua com seus parentes mais jovens, como filhos e netos?
7. Você fala em que língua com seus irmãos?
8. Você ensina a língua Paresi para os seus filhos?
9. Na cidade em que língua você fala?
10. Quando você está na cidade acompanhado de uma pessoa da sua aldeia, em que língua vocês conversam?
11. Quando acontece uma reunião entre os membros da aldeia para discutir assuntos sobre saúde, educação, qual a língua que é utilizada?
12. Quando acontece uma reunião na cidade para discutir assuntos sobre saúde, educação, qual a língua que é utilizada?
13. Você estudou na escola? Em que língua você foi escolarizado?
14. Com quantos anos você começou a frequentar a escola?
15. Qual língua você usa com mais frequência na escola? Qual o seu nível de escolarização?
16. Você escreve em Paresi? Se sim, que tipo de texto/material é produzido em Paresi?
17. Fluência de Paresi: Nenhuma ( ) Apenas compreende ( ) Fala pouco ( ) Compreende e Fala ( )
18. Que língua você fala melhor: Paresi ( ) Português ( ) As duas ( )
19. Que língua é usada com mais frequência em casa: Paresi ( ) Português ( ) As duas ( )
20. Que língua é usada durante um ritual do seu povo: Paresi ( ) Português ( ) As duas ( )
21. Escolarização: Nenhuma ( ) Português ( ) Paresi ( ) Português e Paresi ( )
22. Nível de Escolarização (se houver): Alfabetização ( ) Outro nível ( ) Descrever qual:

## 3. EDUCAÇÃO FORMAL DOS PARESI - INFORMAÇÃO SOBRE A ESCOLA

1. Nome da escola:
2. Na escola tem o ensino da língua Paresi? ( ) Sim ( ) Não
3. Quantidade de turmas: uma ( ), duas ( ), três ( ), Outra \_\_\_\_\_
4. Quantidade total de alunos da escola:
5. Quantidade de alunos por turma:
6. Quantidade de alunos por série:
7. Quantidade de Professores: um ( ), dois ( ), três ( ), quatro ( ), mais de quatro ( )
8. Professor Paresi: Sim ( ) Não ( )
9. Quantos Professores Paresi: \_\_\_\_\_
10. Professor Paresi falante da Língua: Sim ( ) Não ( )
11. Quantos Professores Paresi falantes da Língua: \_\_\_\_\_
12. Qual o seu grau de escolaridade: 1º Grau ( ), 2º Grau/Magistério ( ), Nível superior ( )

## **APÊNDICE II** – Entrevista realizada com o caçador<sup>50</sup>

1. O que o caçador precisa saber antes de começar a caçar?
2. Alguém ensina a caçar ou caçar é um dom como por exemplo ser pajé, né, que é um dom? Acontece a mesma coisa com o caçador ou não, é diferente?

---

<sup>50</sup> A fim de preservar a identidade dos colaboradores deste estudo, bem como as informações socioculturais por eles transmitidas, optamos por apresentar apenas o roteiro com as perguntas que foram utilizadas em campo para geração das informações expostas ao longo desta discussão.

3. Então, antes do caçador entrar no mato para caçar ele precisa pedir permissão para os donos dos animais? Seria isso?
4. E caso você não faça oferenda do alimento caçado, o que pode acontecer?
5. Então isso vale tanto para a caça quanto para a pesca?
6. Qual a relação do caçador com a fauna?
7. Os animais que nós vemos no dia a dia são os mesmos que aparecem nas narrativas e benzeções?
8. Há animais proibidos para o consumo alimentar? Se sim, quais e por quê?
9. Há animais que vocês não consomem por serem sagrados? Se sim, você poderia me falar quais são?
10. Os animais têm chefes ou donos? Se sim, quais seriam? E os animais da água? Eles são comandados pelo mesmo chefe ou tem donos diferentes? E quais seriam os chefes dos animais da mata? Ele é diferente do chefe dos animais do campo?
11. Quais são os animais peçonhentos que podem aparecer quando não se guarda a dieta?
12. Qual o nome para caçador e caça em Paresi?

**APÊNDICE III** – *Zolane* (dança circular característica da cultura Haliti) realizada durante festa tradicional na comunidade Santa Vitalina



**APÊNDICE IV - Ocorrências completas de nomes compostos gerados em campo**

CATEGORIA DE ANÁLISE	NOME EM PORTUGUÊS	NOME EM PARESI	GLOSA
NOMES COMPOSTOS	10. Andorinha	<i>katala kanorese</i>	katala kanorese listrado asinha 'andorinha'  'passarinho com asa listrada
	11. Anta	<i>kotyai makalore</i>	kotyai makalore anta termo que aparece em narrativas 'anta'
		<i>One wayekatsahare</i>	
	12. Anu coroa	<i>Kololo kare</i>	kololo kare derreter
	13. Cabrito	<i>Kamolototohidyore<sup>51</sup></i>	kamolo totohidyore cinza ?
	14. Veado	Zotyarekazotawere	kamalo cinza quando o chifre descascou

<sup>51</sup> Neologismo criado a partir do termo para veado – quando o chifre ainda não descascou.

15. Caninana	<i>Zolota wini / kotehala wini</i>	<i>zolota wini</i> <sup>52</sup> bacaba referência a cobra 'caninana'	A cobra apresenta esse nome por ter semelhança com as formas da bacaba.
16. Cobra cipó	<i>Awo natxihi</i>	<i>Awo natxihi</i> ema intestino; tripa de ema 'cobra cipó'	A cobra apresenta esse nome por ter semelhança com o formato da tripa de ema.
17. Cobra coral	<i>Kalananowini/ Kalanawini</i>	<i>kalana wini</i> buritirana referência as cobras 'cobra coral'	Semelhança das cores da cobra com as cores do buritirana.
18. Cobra coral falsa	<i>Kalanawini metalahare</i> <sup>53</sup>		

<sup>52</sup> Wini 'faz referência a cobra, mas não tem um significado só'. Pode ter sido derivado do owi.

<sup>53</sup> Metala = falso

			<p>kalana wini metalahare buritirana referência as cobras falso 'cobra coral falsa'</p> <p>Semelhança das cores da cobra com as cores do buritirana.</p>
19. Cobra verde	<i>Kolokotewini</i> <sup>54</sup>	<p><i>kolokote wini</i> <i>papagaio</i> referência as cobras 'cobra verde'</p> <p>Apresenta esse nome por apresentar semelhança com a cor do papagaio.</p>	
20. Traíra	<i>Kamaiye kahi</i>	<p>Kamaiye kahi Kamaiye mão 'traíra'</p> <p>Sent. Lit: mão de Kamaiye</p>	
21. Gaviãozinho	<i>Txihali kokoini</i>	<p>txihali kokoini besouro gavião 'gaviãozinho'</p> <p>Gavião que come besouro</p>	
22. Passarinho de verão	<i>Tihyalohalatse</i>	<p><i>Tihyalo friagem</i> <i>Halatse passarinho</i></p>	

<sup>54</sup> Kolokote = papagaio do campo ou do mato, wini = cobra. Semelhança com a cor do papagaio.

23. Bem te vi	<i>One hoholatse</i>	<i>One água</i> <i>Hoholatse pequeno vento</i> <i>Hoholati 'vento'</i>  <i>Fica na beira da água</i>
24. Gavião	<i>Kokoiatyalydyo</i>	<i>Kokoi 'gavião'</i>
25. Gavião real ou do penacho	<i>Kamae kokoiya</i>	<i>Kamae 'sol'</i> <i>Kokoiy 'gavião'</i> <i>'gavião do sol'</i> <i>A pensa é utilizada na flecha sagrada</i>
26. Lagarto	<i>One zohoza</i>	<i>One 'água'</i> <i>Zoho 'lagarto'</i> <i>Za – CLF-líquido</i> <i>Ele entra na água</i>
27. Ema	<i>Awo makalore</i>	<i>Awo 'ema'</i> <i>Makalore termo que aparece em</i> <i>narrativas, benzenções, etc</i>
28. Ema macho	<i>Awo enali</i>	<i>Awo 'ema'</i> <i>Ena 'homem'</i> <i>Li CLF. redondo</i>
29. Ema fêmea	<i>Awo ohidyoli</i>	<i>Awo 'ema'</i> <i>Ohidyoli 'mulher'</i> <i>Li CLF. redondo</i>

	30. Peixe agulha	<i>Kohatse mazozore</i>	<i>Kohatse 'peixe'</i> <i>Mazozore 'narina com formato pontiagudo'</i>
	31. Aranha	<i>zowa kiyere</i>  <i>zowa hotero</i>	<i>Zowa 'aranha'</i> <i>Kiyere 'preto'</i>  <i>Hotero 'preto'</i>
	32. Onça	<i>Kahalatsekwatihore</i>	<i>Kahala 'mancha do rosto da onça'</i>  <i>Tihoti 'rosto'</i> <i>Kwa</i> <i>Tse</i>
	33. Onça pintada	<i>txini kazaidyare</i>	<i>Txini 'onça'</i> <i>Kazaidyare 'pintura da onça'</i>
	34. Galinha	<i>Takuydya ohidyoli</i>	<i>Takoydya frango</i> <i>Ohidyoli 'mulher, fêmea'</i> <i>Li 'CLF. redondo'</i>
	35. Peixe cará	<i>Konaho zotalidyoli</i>	<i>Konaho 'cará'</i> <i>Zotaliyoli 'vermelho'</i> <i>Dyoli 'parte redonda semelhante a bola'</i>

	36. Tatu canastra	<i>Waikwatxihalini</i>	<p><i>Waikwa chão</i>  <i>Txihali besouro</i></p> <p><i>Tatu canastra anda no chão assim como o besouro anda na terra</i></p> <p><i>Apresenta formato de besouro</i></p>
--	-------------------	------------------------	--